

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DO AMBIENTE PELO USUÁRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



Dissertação de Mestrado

Inclusão social em Áreas públicas de lazer: Um estudo no Museu Parque
Municipal da Baronesa, na cidade de Pelotas/RS.

TULIO MATHEUS AMARILLO SOUZA

Pelotas, outubro de 2022

Tulio Matheus Amarillo Souza

Inclusão social em Áreas públicas de lazer: Um estudo no Museu Parque Municipal da Baronesa, na cidade de Pelotas/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Lígia Maria Chiarelli

Pelotas, junho de 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S719i Souza, Tulio Matheus Amarillo

Inclusão social em áreas públicas de lazer : um estudo no Museu Parque Municipal da Baronesa / Tulio Matheus Amarillo Souza ; Ligia Maria Ávila Chiarelli, orientadora. – Pelotas, 2022.

189 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Inclusão social. 2. Percepção. 3. Áreas de lazer. 4. Desenho universal. 5. Senso de lugar. I. Chiarelli, Ligia Maria Ávila, orient. II. Título.

CDD : 725

Tulio Matheus Amarillo Souza

Inclusão social em Áreas públicas de lazer: Um estudo no Museu Parque Municipal da Baronesa, na cidade de Pelotas/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Data da Defesa: 15 de outubro de 2022

Banca examinadora:

Prof.^a. Dra. Lígia Maria de Ávila Chiarelli (Orientadora)

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof.^a. Dra. Celina Maria Britto Correa

Doutora em Arquitetura pela Universidade Politécnica de Madrid.

Prof. Dr. Cristhian Moreira Brum

Doutor em Educação Nas Ciências (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Prof.^a. Dra. Vanessa Goulart Dorneles

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação de mestrado no meio de uma pandemia não foi uma tarefa fácil, isso exige muito controle emocional, autoestima e capacidade de resiliência, para que eu conseguisse sentar todos os dias e escrever pelo menos duas páginas. Estávamos em isolamento social, grande parte dos encontros foi online, posso dizer que sem o apoio eu não teria conseguido, sendo assim, preciso destacar aqui algumas figuras importantes que me foram de grande ajuda e representatividade na minha vida durante estes dois anos e três meses.

Por falar em apoio, foram muitos, de antemão, já peço desculpas caso eu esqueça de alguém. Tentarei ser breve, listando com carinho estas pessoas e os motivos que me levaram a incluí-las neste registro.

Primeiramente agradeço aos meus pais, Odair José Souza e Carmen Dóris Ribeiro Amarillo, pois sempre me permitiram sonhar, fazendo o possível para me ajudar em todos os momentos que precisei, desde o período da graduação, e agora durante a pós, um momento que me sinto adulto, mas não desamparado. Queria dizer que sempre busco causar orgulho em vocês, e a conclusão de mais um período importante na minha vida, os dedico. Como uma forma de retribuição aos esforços e a educação que me foi proporcionada, sendo que foi através dela que despertei este espírito curioso que me tornou um cientista, sempre buscando aprender mais e responder minhas dúvidas, adquiridas desde a infância, quando vocês me incentivaram a ler, estudar e me destacar com isso.

Agora um agradecimento especial à minha orientadora Lígia Maria Ávila Chiarelli, a pessoa que me transformou em um pesquisador, vou sentir saudades dos nossos papos e orientações sempre tão produtivas e alegres. Professora, obrigado por tudo, por ter acreditado em mim e aceito o desafio de orientar um geógrafo recém-formado e tão cheio de planos, objetivos e metas. Objetivos que foram alterados muitas vezes com a incrível ajuda da professora Celina Britto Correa, outra figura importantíssima nesta minha caminhada rumo ao título de mestre, obrigado sempre pelo apoio e o carinho comigo desde o momento da entrevista, no processo seletivo, e posteriormente nas bancas, onde aprendi muito sobre meu tema e consegui desenvolver um trabalho digno de ser publicado. Atualmente almejo o título de mestre pois quero me tornar um educador, e nunca vou esquecer da minha “estreia” em sala

de aula, proporcionada pelo estágio docente que foi desenvolvido em parceria com o Professor Cristhian Moreira Brum, um grande amigo que fiz nesta jornada, que me ensinou muitas coisas, confiou em mim para revisar trabalhos e me incentivou principalmente, para que eu continuasse focado em meu objetivo. Obrigado Professor.

Meus amigos foram de grande presença neste período, não poderia deixar de agradecê-los e reconhecer que em muitos momentos de solidão durante o isolamento estes fizeram a diferença. Minha amiga Andrea Lopes, que nunca me abandonou, acreditou em mim sempre e me aconselhou em vários momentos em que a confiança não me era um atributo presente. Meus amigos Antônio Lourence e Yves Tavares Pelos momentos de descontração e também de aprendizado já que estamos em um período parecido de nossas vidas acadêmicas e o relacionamento entre semelhantes é de muita importância.

Por conta disso, também registro aqui a presença da Sharon Lopes neste período da minha vida. Obrigado por me ouvir em períodos de crise existencial e bloqueio epistemológico, incentivar o desenvolvimento do meu trabalho e acima de tudo pelo aprendizado. Nossas trocas também ficaram registradas nesta dissertação, nunca vou esquecer que foi através de muitas conversas que tive contigo que mudei minha concepção sobre a história da minha área de estudo, entendendo inclusive a importância do Lugar de fala, quando se trata de um ambiente onde o racismo estrutural fez parte da sua composição.

Gostaria de agradecer a agência CAPES pelo apoio financeiro que me foi proposto, foi através dele que consegui me manter na cidade durante a pandemia, obtive livros que serviram como referência para o desenvolvimento desta pesquisa, e consegue até mesmo mudar meu computador para que o trabalho fluísse melhor e mais rapidamente. Queria agradecer também ao PROGRAU que me aceitou como um mestrando em arquitetura, pois sabia que eu renderia frutos como os que já havia começado a semear durante o período da graduação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	15
2.1 AMBIENTE: ESPAÇO LIVRE PÚBLICO DE LAZER: PARQUE URBANO	16
2.1.1 AS IMPORTANTES FUNÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	17
2.2 CARACTERIZANDO O USUÁRIO, SUAS CARACTERÍSTICAS E AS SUAS LIMITAÇÕES.....	19
2.2.1 DEFICIÊNCIA E RESTRIÇÃO	19
2.2.2.1. NECESSIDADES ESPACIAIS	22
2.2.2.2. BARREIRAS.....	26
2.3 FACILITANDO O USO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER: A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL.....	29
2.3.1 DESENHO UNIVERSAL	29
2.2.3 ACESSIBILIDADE ESPACIAL E SEUS PRINCÍPIOS INTEGRADORES BASEADOS NA INCLUSÃO SOCIAL EM AMBIENTES URBANOS.....	31
2.2.4.1 OS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL: A AUTONOMIA EM ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE LAZER	36
1. IGUALDADE PARA TODOS: PRINCÍPIO DO USO EQUIPARÁVEL.....	36
2. ADAPTAÇÃO: PRINCÍPIO DA FLEXIBILIDADE DO USO.....	37
3. FACILIDADE NA UTILIZAÇÃO: PRINCÍPIO DO USO SIMPLES E INTUITIVO ...	38
4. CONHECENDO O AMBIENTE: PRINCÍPIO DA INFORMAÇÃO DE FÁCIL PERCEPÇÃO.....	39
5. ZERO RISCOS: PRINCÍPIO DA TOLERÂNCIA AO ERRO	40
6. ZERO ESFORÇO: PRINCÍPIO DO BAIXO ESFORÇO FÍSICO.....	41
7. ABRANGÊNCIA: PRINCÍPIO DA DIMENSÃO DO ESPAÇO PARA APROXIMAÇÃO DO USO	42

UMA INCLUSÃO PROJETADA: OS PRINCÍPIOS DO DU LEVADOS EM CONSIDERAÇÃO DESDE A ETAPA DE PROJETO	43
2.3 PERCEPÇÃO: ESTUDOS AMBIENTE-USUÁRIO.....	45
2.3.1 SENTIDO DE LUGAR, APEGO AO LUGAR: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.....	47
3. METODOLOGIA.....	50
3.1 ESTUDO DE CASO: MUSEU PARQUE MUNICIPAL DA BARONESA. UM LEGADO DA HISTÓRIA PELOTENSE	50
3.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS.....	55
3.2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	56
3.2.1 LEVANTAMENTO DE ARQUIVO.....	56
3.2.2 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA	57
PESQUISA EXPLORATÓRIA	57
3.2.3 LEVANTAMENTO DE CAMPO	58
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	67
4.1 LEVANTAMENTO DE ARQUIVOS SOBRE AS REQUALIFICAÇÕES PREVISTAS PARA O PARQUE EM 2016: UM COMPARATIVO ENTRE O VISTO E O PREVISTO	106
4.2 INCLUSÃO SOCIAL NO PARQUE DA BARONESA: RESGATE HISTÓRICO E REAPROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DE MANEIRA LIVRE, SEGURA E ACESSÍVEL.	113
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	120
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES.....	136

RESUMO

Devido ao seu caráter inclusivo, os espaços públicos podem atuar como um construtor da identidade social por conta da diversidade de pessoas em seu entorno. Pode-se dizer que por meio desta inclusão social e um uso e apropriação autônomo, o vínculo afetivo dos usuários com ambientes de lazer pode ser ampliado. Dessa forma, um planejamento que busque conciliar as características físicas do espaço, com as características da diversidade humana seria um grande ganho para a qualidade de vida em espaços públicos. O desenho Universal pode ser diretamente aplicado a projetos de áreas de lazer, uma vez que considera as necessidades espaciais de todos os usuários, propondo assim participação igualitária nas diferentes formas de uso dos espaços e seus mobiliários. Por conta desta valorização do vínculo entre ambiente e usuário, o sentimento de lugar poderá ser adquirido. Sentido de lugar é uma variação do termo em inglês *Sense of place*, e diz respeito ao apego emocional que as pessoas adquirem com os ambientes. Sendo que este apego pode surgir através de memórias afetivas sobre o espaço, atividades diversas ali realizadas e vínculos sociais entre pessoas. Com base nestas informações citadas, o objetivo deste estudo é identificar formas de promover inclusão social em espaços de lazer, visando contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem um uso e acesso autônomo, condicionando a construção do sentimento de lugar de quem o utiliza. Para alcançar tal objetivo, foi proposto um estudo de caso no Museu Parque Municipal da Baronesa, localizado na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, a pesquisa de cunho qualitativo realizou uma série de métodos como: levantamento bibliográfico, pesquisa exploratória, entrevista caminhada, análise documental, análise de fotografias e frases enviadas por usuários do Parque e mapeamento comportamental. Os principais resultados deste trabalho referem-se à aceitação histórica dos usuários com o local, identidade social, sensação de insegurança e uma acessibilidade que necessita de grandes ajustes. Com base nestes resultados, foram propostas algumas diretrizes que podem ser úteis se tratando de um planejamento acessível de Parques Urbanos, visando reforçar a identidade pessoa e ambiente, sem segregação. Com base no estudo, foi possível observar a ligação entre os conceitos de inclusão social e senso de lugar. Sendo que a inclusão social surge do respeito às características da diversidade humana, projetando espaços e não os adaptando, atraindo usuários e reforçando o vínculo com o lugar, através de uma interação diversa.

Palavras chave: Inclusão social; Percepção; Áreas de lazer; Desenho Universal; Senso de lugar.

ABSTRACT

Due to their inclusive character, public spaces can act as a builder of social identity due to the diversity of people in their surroundings. It can be said that through this social inclusion and an autonomous use and appropriation, the affective bond of users with leisure environments can be expanded. Thus, planning that seeks to reconcile the physical characteristics of space with the characteristics of human diversity would be a great gain for the quality of life in public spaces. Universal design can be directly applied to leisure area projects, as it considers the spatial needs of all users, thus proposing equal participation in the different forms of use of spaces and their furniture. Because of this appreciation of the bond between environment and user, the feeling of place can be acquired. Sense of place is a variation of the English term Sense of place, and concerns the emotional attachment that people acquire to environments. Since this attachment can arise through affective memories about the space, various activities carried out there and social bonds between people. Based on this information, the objective of this study is to identify ways to promote social inclusion in leisure spaces, aiming to contribute with design recommendations for urban public spaces that provide an autonomous use and access, conditioning the construction of the feeling of place of those who uses. To achieve this objective, a case study was proposed at the Museu Parque Municipal da Baronesa, located in the city of Pelotas, in the state of Rio Grande do Sul, the qualitative research carried out a series of methods such as: bibliographic survey, exploratory research, walking interview, document analysis, analysis of photographs and sentences sent by Park users and behavioral mapping. The main results of this work refer to the historical acceptance of users with the place, social identity, feeling of insecurity and accessibility that needs major adjustments. Based on these results, some guidelines were proposed that may be useful when it comes to an accessible planning of Urban Parks, aiming to reinforce the person and environment identity, without segregation. Based on the study, it was possible to observe the link between the concepts of social inclusion and a sense of place. To have social inclusion it is necessary to respect the characteristics of human diversity, designing spaces and not adapting them, attracting users and reinforcing them. the link with the place, through a diverse interaction.

Keywords: Social inclusion; Perception; Leisure areas; Universal Design; Sense of place.

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é o planejamento de ambientes inclusivos voltados ao lazer e ao bem-estar de todos, podendo fortalecer o vínculo e a apropriação que o usuário possui com o espaço devido a uma utilização autônoma do espaço e dos seus mobiliários.

A forma de vida contemporânea está baseada nas responsabilidades diárias, tais como trabalho, estudo etc. Assim, é indispensável uma fuga, mesmo que esporádica, dessa rotina. Surge então a importância dos ambientes de lazer, como praças e parques (SOUZA, 2019). Esses espaços podem ser edificações ou áreas livres, sendo que alguns são frequentados por determinados grupos e classes sociais ou idades, e outros possibilitam o acesso a todos.

As áreas de lazer possuem em sua essência um caráter inclusivo e podem atuar como um construtor da identidade social, devido à diversidade de usuários em seu entorno (MOURÃO, 2014). Um planejamento adequado que busque conciliar todos os tipos de usuários das áreas de lazer, quanto à utilização dos equipamentos do mobiliário e a locomoção no ambiente, é de grande valia para a melhoria da infraestrutura destes espaços públicos e da comunidade (DORNELES et al., 2013). O espaço vivido é antropocêntrico, programado para facilitar as necessidades e vivências humanas, desta forma planejá-lo de maneira individual seria um ato quase que utópico, pois cada indivíduo almeja uma paisagem diferente (SALGUEIRO, 2010).

A área que trata das relações estabelecidas entre os indivíduos, e os ambientes físicos nos quais estão inseridos é conhecida como psicologia ambiental. Nos estudos da psicologia ambiental os lugares ganham sentidos reais com sentimentos reais, construídos pela experiência cotidiana e a ligação afetiva aos ambientes, de maneira recíproca, já que o ambiente é resultado da ação do indivíduo (GIFFORD, 2007). A avaliação e apreensão da qualidade dos ambientes é um processo que envolve duas etapas para a sua ocorrência, cognição e percepção. A cognição não envolve necessariamente um comportamento, está ligada diretamente aos acontecimentos no ambiente e os significados do mesmo de acordo com a história do lugar e a cultura dos residentes.

De acordo com Bins Ely et al. (2010), a percepção do espaço é formada por elementos subjetivos que irão depender das condições em que o usuário se encontra a partir de toda a sua experiência passada juntamente com o seu estado emocional,

seus preconceitos e de suas expectativas futuras. Esta relação psicológica que se adquire com o espaço poderia, segundo Castelo (2007), determinar a diferença entre espaço e lugar.

O lugar urbano seria uma possibilidade de encontro, contato e de trocas sociais. A junção de múltiplas experiências e a diversidade entre pessoas é o que dá sentido ao lugar como uma forma de apropriação do espaço (FORGIARINI, 2014). Um espaço público como um parque de uma cidade, pode significar um lugar para seus habitantes devido a vários aspectos históricos e culturais, porém, para um turista, pode configurar-se apenas como mais um espaço de lazer (FORGIARINI, 2014). Após percebido o lugar, é possível identificar um processo de valoração do espaço que pode ser atribuído a percepção dos usuários desses locais (CASTELLO, 2007).

O sentido de lugar surge através de interações sociais com o meio, desta forma um espaço onde as relações sociais desapareceram ou se extinguíram perdeu as características que lhe faziam um lugar (SOUZA, 2013). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), 8,4% da população brasileira acima de 2 anos, (correspondente à 17,3 milhões de pessoas), têm algum tipo de deficiência. Ainda segundo o IBGE (2019), quase metade dessa parcela (49,4%), é de idosos. Diante desta realidade, segundo Bins Ely et All (2010), é responsabilidade dos arquitetos, engenheiros e planejadores da cidade, a elaboração de espaços inclusivos, que sejam favoráveis à participação de todos. Portanto, para os mesmos autores, um dos atributos fundamentais para a garantia de espaços abertos que visam inclusão social, é a acessibilidade espacial.

Utilizar o Desenho Universal na concepção de um produto, serviço ou ambiente, significa prever ações no sentido de incluir o maior número possível de pessoas. Desta forma, pode ser diretamente aplicado a projetos de áreas de lazer, uma vez que considera as necessidades espaciais de todos os usuários, propondo assim participação igualitária nas diferentes formas de uso dos espaços e seus mobiliários (DORNELES, 2013). Para finalidade desse texto, pode-se caracterizar Desenho Universal de acordo com a NBR-9050 (ABNT, 2020), como aquele que visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população.

Quando se trata de ambientes acessíveis, pessoas com deficiência sempre vão ser as primeiras a serem lembradas, porém qualquer usuário pode vir a apresentar alguma dificuldade de locomoção permanente ou temporariamente, em decorrência

de vários fatores, como idade, estado de saúde, estatura etc. (KLEIN, 2019). Também é importante mencionar pessoas que conduzam malas, carrinhos de bebê e de compras, pessoas com lesões temporárias que embora não possam ser enquadradas como deficientes físicos, também apresentam restrições. Dessa forma, o DU por se propor a atender todas as pessoas num aspecto universal traduz, portanto, uma atitude de inclusão social dos profissionais responsáveis pelos projetos (BINS ELY et. All, 2010). O *Center of Universal Design* (CUD), na Carolina do Norte, criou sete princípios do desenho universal que podem ser aplicados em qualquer tipo de projeto, guiando o processo de planejamento e auxiliando na conscientização de projetistas quanto às características de acessibilidade das soluções de projeto: Uso Equitativo; Flexibilidade no Uso; Uso Simples e Intuitivo; Informação de Fácil Percepção; Tolerância ao Erro; Baixo Esforço Físico; Dimensão e Espaço para Aproximação e Uso.

Inúmeras pesquisas tratam da questão do Desenho Universal objetivando o planejamento de espaços urbanos e a inclusão social. O grupo PET do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolveu, no ano de 2010 o projeto denominado “Desenho Universal Aplicado ao Paisagismo” o qual trabalhou visando um desenvolvimento de áreas de lazer inclusivas a todos a partir do reconhecimento do maior número de usuários possível. A partir desse levantamento, foram obtidos resultados sobre as limitações dos usuários dos espaços de lazer, sendo estes dados sistematizados em forma de tabelas, classificados de acordo com os componentes de acessibilidade definidos por Bins Ely e Dischinger (2004). A partir das tabelas foram elaborados croquis explicativos de soluções projetuais, com base nas normas exigidas pela NBR 9050-/2004 e os princípios do Desenho Universal (Figura 1).

Tabela 1.1 - Exemplo de Tabela das Necessidades Espaciais do Usuário, que identifica as restrições sofridas por uma pessoa que não apresenta os membros superiores no uso de produtos e equipamentos em áreas livres de lazer.

TABELA 03		DEFICIÊNCIA FÍSICO MOTORA Membros Superiores: Ausência de membros superiores		USO	
Atividade Restringida	Necessidades Espaciais	NBR 9050		Sugestões	
Utilização dos equipamentos de informação e mobiliário urbano.	Recursos que possibilitem a utilização dos membros inferiores.	Nada consta na norma sobre esse item.		Equipamentos que possibilitem o acionamento com os pés.	

Fonte: BINS ELY et. al, 2010.

Este estudo deu origem ao Caderno de Desenho Universal aplicado ao paisagismo, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina, apresentando diretrizes projetuais e os resultados do estudo do grupo PET. Apesar de representar uma grande contribuição para o esclarecimento de como a utilização do desenho universal pode ser um ganho aos cumprimentos da NBR 9050, os autores não consideraram como este ganho poderia influenciar de alguma forma no vínculo dos usuários com as áreas verdes em questão.

O desenvolvimento da presente dissertação teve origem no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do presente autor, concluído no ano de 2019, na Faculdade de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

O trabalho em questão se baseava nas metodologias propostas por Dorneles (2006) propondo uma melhor aproximação dos idosos pelotenses às áreas de lazer do bairro Fragata. Diante dessa abordagem realizada no curso de Bacharelado em Geografia, teve início o interesse pela temática do urbanismo. A inquietação sobre espaços de lazer nos ambientes urbanos e sobre as necessidades dos idosos na atualidade foi desenvolvida igualmente pela participação deste autor durante seu curso de bacharelado em Geografia, como bolsista de extensão num projeto denominado PlaceAge, desenvolvido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Este projeto concluído em 2019 é resultado de uma parceria internacional, envolvendo a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Heriot-Watt, localizada em Edimburgo. No PlaceAge, o foco de análise centrava-se principalmente nos sentimentos que os idosos possuem em relação à comunidade onde viviam, em conjunto com a compreensão das experiências que tiveram em alguns recortes

espaciais. O tema aqui desenvolvido pretende dar continuidade a essas experiências iniciadas durante o Curso de Graduação, concluído em 2019.

Nos dias atuais, todas as pessoas do mundo estão vivendo uma realidade diferente quanto ao formato de vida, trabalho e comportamento (BONDUKI, 2021). Desde janeiro de 2020, foi determinado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) situação de emergência de saúde pública internacional, devido ao surto da COVID-19, causado pelo novo Coronavírus. Para conter a transmissão da doença, medidas de segurança foram tomadas, visando um distanciamento social. Assim, em muitas localizações foi proibida a permanência de pessoas em espaços públicos (BEZERRA et. Al. 2020).

Com base na importância das áreas de lazer para as relações sociais pode-se dizer que a sua falta pode influenciar de alguma forma a vida das pessoas. Sendo assim, atualmente além de promover e retomada do uso e apropriação dos espaços públicos, torna-se necessário pensar da melhor maneira para que isso aconteça sem oferecer riscos à saúde dos usuários. O problema desta pesquisa centra-se na facilitação do uso dos espaços públicos, eliminando restrições e incluindo usuários, dando sentido ao lugar através de vivências diversas. A pergunta desta pesquisa é: “Como promover inclusão social e sentido de lugar nas áreas de lazer, através de um acesso igualitário e uma utilização autônoma? “.

Para responder essa pergunta, o objetivo deste estudo consiste em identificar formas de promover inclusão social em espaços de lazer, visando contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem um uso e acesso autônomo, condicionando a construção do sentimento de lugar de quem o utiliza.

Vale destacar que será levado em consideração para estas tarefas, as características físicas do espaço público, a percepção do usuário e os protocolos do distanciamento social proposto pela OMS (2020), devido ao Coronavírus, considerando que várias medidas propostas nesse sentido, devem permanecer ainda por um certo tempo.

São objetivos específicos deste trabalho:

- Analisar as características físicas de espaços públicos de lazer, a fim de compreender como estes são utilizados visando uma inclusão social mais assertiva.

- Analisar o uso e apropriação dos parques urbanos e as características dos seus usuários, considerando o objeto de estudo definido.
- Investigar a percepção dos usuários nos parques urbanos, a partir do objeto de estudo definido com base no conceito de lugar.
- Analisar, no ponto de vista dos usuários, os conflitos existentes nos usos do espaço dos parques urbanos e seus mobiliários.

Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica, esta será uma pesquisa qualitativa. Portanto os procedimentos metodológicos devem compreender, além das observações comportamentais, os fenômenos através de relatos da vida cotidiana dos indivíduos (YIN, 2001). Em relação à estratégia de pesquisa, essa investigação vai ser conduzida através de um Estudo de Caso, que segundo Libardoni (2018), trabalha com uma ampla variedade de evidências.

Para atingir o objetivo proposto, a análise será feita no Museu Municipal Parque da Baronesa, situado na Avenida Domingos de Almeida no Bairro Areal, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (figura 1.1). O local, construído no ano 1864 (MONTONE, 2019), foi escolhido devido a carga histórica que possui em relação à cidade, sendo uma das áreas mais procuradas pela população pelotense e visitantes. Além disso, o Parque da Baronesa, como é conhecido popularmente, passou por um processo de requalificação, com a inclusão de elementos facilitadores da acessibilidade, que ocorreu entre os anos de 2016 e 2020 (PREFEITURA DE PELOTAS, 2020).

Localização do Museu Parque Municipal da Baronesa



Figura 1.1 – Localização do Museu Parque da Baronesa. Fonte: Google Maps (2022). Organizado pelo autor.

Este estudo inicia-se com um levantamento bibliográfico feito após a definição de palavras chaves pesquisadas, posteriormente analisadas em obras encontradas.

O Estudo de Caso será desenvolvido através de levantamento de campo, incluindo registro fotográfico, mapeamento comportamental e entrevista caminhada, contando também com um levantamento bibliográfico.

Segundo Libardoni (2018) fotografias capturam detalhes que passam despercebidos pela observação, ainda que não representem a experiência total, elas complementam outros métodos, minimizando erros. O mapeamento comportamental será executado a fim de analisar as dinâmicas da caminhada e as características físicas dos usuários do parque. Segundo Somer & Somer (2002) mapeamento comportamental é um método de observação que busca a descrição de um determinado espaço, visando também compreender quais as relações que os sujeitos possuem com o ambiente no qual estão inseridos. Desta forma, o método inclui o pesquisador no ambiente observado. Os usuários ali presentes não tomam consciência de suas atividades e não alteram o seu comportamento, propiciando registros de dados individuais e atividades em grupo, possibilitando identificar as diversas formas de uso e apropriação espacial;

A entrevista caminhada será realizada visando analisar os conflitos, os desafios encontrados, as qualidades do ambiente e os sentimentos que os indivíduos possuem com a área de lazer em questão. Conforme Acosta (2019), a entrevista caminhada possibilita a identificação descritiva de todas as reações e percepções dos participantes em relação ao local, e possibilita que o observador faça uma anotação e uma identificação dos pontos positivos e negativos da área de estudo. Além disso possibilita que os observadores se familiarizem com o ambiente, com sua construção, com seu estado de conservação e com seus usos. A análise dos dados será realizada através do desenvolvimento de nuvem de palavras e análise do discurso.

1.1 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho será composto de 5 capítulos, sendo que o capítulo 1 introduz à pesquisa, apresentando as temáticas que serão discutidas, além de expor também a proposta de estudo, pergunta de pesquisa, problema de pesquisa, objetivo geral e

objetivos específicos. O capítulo 2 é o referencial teórico que está dividido em três categorias que norteiam a proposta de investigação: a primeira categoria diz respeito ao ambiente, a segunda sobre o usuário e a terceira diz respeito à percepção do usuário no ambiente. O capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa e também um breve histórico sobre a área de estudo e a justificativa para a sua escolha. No 4º capítulo são apresentados os resultados do trabalho, sendo que também foi neste capítulo que é apresentado um comparativo entre os projetos de requalificação previstos e as obras executadas no Parque. Vale destacar que é neste capítulo também que são apresentadas sugestões de projetos que podem ser utilizadas para a área de estudo. O quinto e último capítulo desta dissertação são as considerações finais, apresentando um apanhado de tudo que foi visto até então e um fechamento, apresentando respostas quanto ao objetivo do trabalho, suas limitações e sugestões de futuras publicações sobre o tema.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AMBIENTE: ESPAÇO LIVRE PÚBLICO DE LAZER: PARQUE URBANO

Após os avanços tecnológicos decorrentes da revolução industrial, a mecanização chegou ao campo ocasionando um abandono significativo das propriedades rurais e um crescimento desordenado nas cidades. Assim, com o crescimento de áreas edificadas, também cresce na cidade a presença de áreas livres de edificações, representado pelo sistema viário, pátios, quintais ou terrenos baldios (SILVA et al, 2011).

Segundo o mesmo autor, os espaços livres são considerados todas as áreas sem edificações, destinadas à circulação ou lazer, como por exemplo as praças, parques, rotatórias, avenidas etc. (SILVA et al, 2011). Já para Dorneles (2006), um espaço livre torna-se público quando todas as pessoas podem acessá-lo, desta forma a responsabilidade pela manutenção da área livre cabe a toda a população que a utiliza. Para a autora o termo “área livre pública de lazer” é o mais indicado para definir áreas urbanas delimitadas por edificações, sem restrições no acesso, possibilitando a realização de quaisquer atividades de lazer.

Como todos espaços livres públicos são destinados às atividades de lazer da população, suas diferenciações são definidas a partir das funções das atividades de lazer e da sua implantação, seja em bairros, conjuntos residenciais, áreas litorâneas, etc. (DORNELES, 2006). Existem cinco tipologias diferentes de espaços livres públicos de lazer (Praça, Jardim, Parque, Calçada e Rua). Este trabalho utiliza o conceito de Parque Urbano, devido à natureza da área de estudo.

Os parques urbanos são locais de convívio com a natureza, nascidos da necessidade de espaços para abrigar festividades, encontros, manifestações culturais, fazer negócios, política e passear. Parques urbanos podem ser definidos como espaços públicos com dimensões significativas, onde há a predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado a práticas de esporte, recreação e lazer (TORRES et. al. 2019).

Para Santini (1993) a utilização de parques é um atributo positivo na qualidade de vida urbana, porém, para que estes sejam atrativos e utilizados, o planejamento deve ser adequado ao contexto social da comunidade, pois os espaços livres e públicos encontram-se em constante transformação, assim como seus usuários e seus lazeres. Em conformidade, Cunha (2002) afirma que a manutenção destes espaços contribui com a melhoria da qualidade das condições sanitárias e ambientais, proporcionando um melhor convívio entre pessoas, incentivando o lazer e o embelezamento da cidade.

2.1.1 AS IMPORTANTES FUNÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A função social do espaço público se origina na Grécia antiga, por conta das ágoras, que eram espaços abertos onde ocorriam encontros, discussões e conversas sobre setores importantes do governo, comércio, religião e etc. (MOURÃO, 2014). Hoje em dia o valor democrático do espaço público ainda é muito marcante, sendo que conforme Mourão (2014), o espaço público poderia ser caracterizado como palco da cena pública, pois é ali que se expressam a diversidade e as identidades coletivas de seus usuários.

Segundo Fernandes (2017), o espaço público de lazer conecta as ruas, a arquitetura e as pessoas, ajuda na diminuição do estresse e valoriza os imóveis do

seu entorno, contribuindo com a economia local. Ainda segundo a mesma autora, as áreas de lazer oferecem benefícios ambientais para a cidade, como a regularização da temperatura, podendo diminuir em até 1,4° nos lugares cobertos por vegetação. As áreas verdes podem proteger o solo do impacto direto das chuvas, contribuir com o escoamento superficial, melhorar a distribuição da água na superfície e ainda melhorar a qualidade do ar. Ainda para Fernandes (2017), quanto maior o tempo gasto visitando áreas verdes, menor a ocorrência de problemas mentais, sendo que estudos comprovam o aumento de atenção e trabalho relacionados à presença de áreas verdes no local, além das atividades físicas que estão diretamente ligadas à melhor função cognitiva.

A pandemia causada pelo novo Coronavírus no Brasil causou muitos efeitos negativos nas condições das cidades, bairros, ruas e espaços de convívio comum (BONDUKI, 2021). Isto porque devido a facilidade do contágio da COVID, em geral, a medida adotada por todas as cidades foi o isolamento social. Com isso, parques, praças e praias, escolas, restaurantes foram fechados, ou tiveram sua lotação reduzida para evitar riscos (BEZERRA, 2020). Segundo Bonduki (2021), mesmo após a vacina, que vem sendo disponibilizada desde meados de 2021, a realidade pandêmica não irá se alterar tão cedo. Desta forma, mesmo que a vacinação fosse pontual para conter o vírus, as medidas de isolamento ainda seriam essenciais para que novas pandemias não sejam originadas devido às suas mutações.

Com a longa duração da pandemia e as novas medidas de isolamento social, tendências no comportamento urbano vem surgindo. Pode-se dizer que para muitos a casa é o seu local de trabalho, habitação, exercícios físicos e lazer (BEZERRA et al., 2020). Em uma pesquisa realizada em abril de 2020, os mesmos autores investigaram os principais efeitos causados pela pandemia no comportamento dos brasileiros. Neste trabalho foram analisadas 16.440 respostas de um questionário realizado. As perguntas envolviam questionamentos sobre as condições da habitação, conforto da residência e os principais impactos causados na vida dos respondentes. Vale destacar que a maioria dos respondentes era do sexo feminino e todos eram maiores de 18 anos de idade.

Dentre os resultados da pesquisa é válido apontar que 39% dos respondentes disseram que o convívio social era o principal aspecto que está sendo afetado pelo

isolamento, 56% relatam que sentiram algum tipo de estresse devido ao isolamento e 17% relataram que o ambiente doméstico lhes causa estresse diário. Quanto à percepção do principal impacto em consequência da pandemia, 41,2% dos homens elegeu o convívio social e 38% das mulheres escolheram esta opção. Quanto à prática de exercícios físicos foi constatado que as pessoas estavam mais sedentárias durante a pandemia, sendo que 60% dos respondentes apontou que não realizavam nenhuma atividade física durante o isolamento (BEZERRA et. al, 2020).

Diante dos fatos abordados é válido observar a urgência de um planejamento ambiental e urbano que qualifique os espaços públicos, a fim de trazer novamente as pessoas para um convívio social ao ar livre, visando uma reintegração social responsável que não ofereça grandes riscos à saúde pública. E se tratando da qualificação desses espaços, é importante considerar as orientações que promovam o Desenho Universal. Sabe-se da seriedade do problema e que esse retorno aos espaços públicos não é tão simples. Um grande aliado na luta contra a pandemia foi o desenvolvimento de vacinas em um período relativamente curto, assim como a imunização populacional. Mantendo cuidados que são realmente eficazes contra a Covid-19, ficou mais fácil lidar com os efeitos da pandemia e retornar ao espaço público de maneira segura e inclusiva, pois a vida útil de um determinado espaço livre urbano está relacionada ao seu uso e condições de apropriação.

No caso dos parques urbanos, se contiver as condições mínimas de acessibilidade, seu uso e apropriação se darão de forma mais diversa, para isso as características físicas de todos os usuários devem ser levadas em conta, visando autonomia na utilização do espaço e a eliminação de barreiras para facilitar o acesso.

2.2 CARACTERIZANDO O USUÁRIO, SUAS CARACTERÍSTICAS E AS SUAS LIMITAÇÕES

2.2.1 DEFICIÊNCIA E RESTRIÇÃO

A Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050/2020) conceitua deficiência como a redução, limitação ou inexistência das condições de percepção das características ou de mobilidade e de utilização de edificações, espaços, mobiliário,

equipamento urbano e elementos em caráter temporário ou permanente. (ABNT, 2020, p.3).

De acordo com a Lei Federal N°13.146, de 2015, pessoa com deficiência é aquela que apresenta impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em intervenção com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

De acordo com os dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, 23% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, este número corresponde a quase 43 milhões de pessoas. O gráfico a seguir apresenta uma síntese da ocorrência das deficiências no Brasil, no ano de 2010.

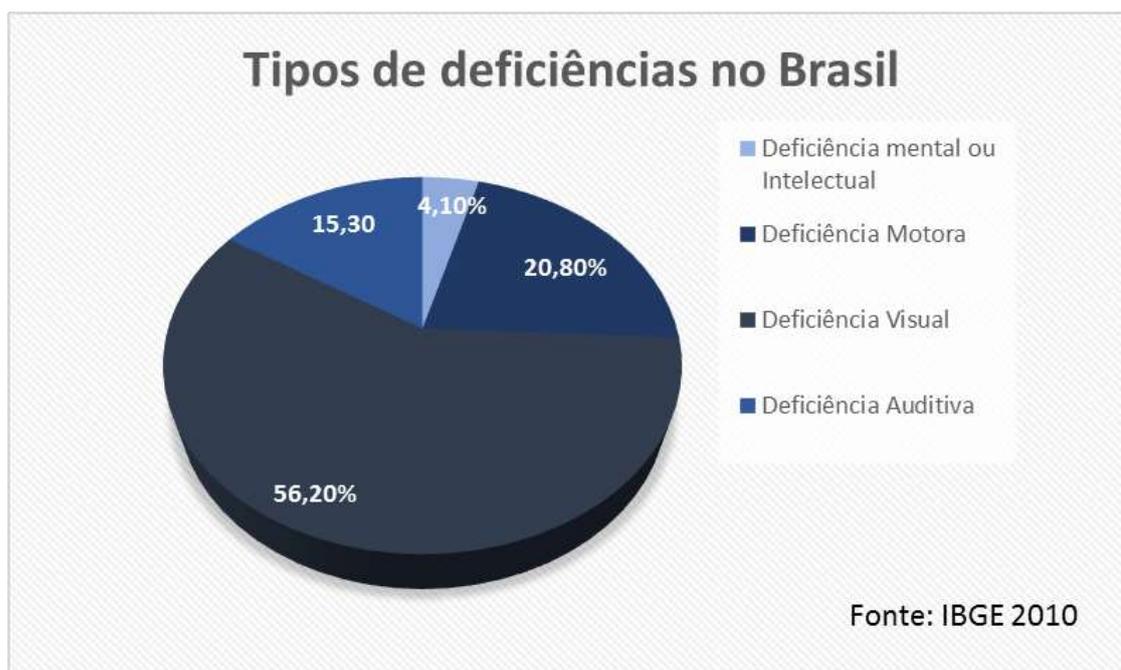


Figura 2.1 - Gráfico representativo dos tipos de deficiências no Brasil. Fonte: IBGE (2010), gráfico elaborado pelo autor.

Conforme pode ser observado na figura 2.1, entre as pessoas com algum tipo de deficiência, predominam as que apresentam deficiência visual, ou seja, 56,20% apresentam esse tipo de dificuldade, 15,3% deficiência auditiva, 4,1% corresponde a deficiência mental ou intelectual e 20,8% deficiência motora.

Qualquer usuário pode vir a apresentar alguma dificuldade de movimentar-se permanente ou temporariamente, e isso pode ser decorrente de vários fatores, como

por exemplo, idade, estado de saúde, estatura etc. (KLEIN, 2019). A lei federal 13.146 de 2015, conceitua pessoas com mobilidade reduzida como aquelas que apresentam por algum motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção.

É possível afirmar que deficiência é a alteração ou a inexistência de alguma característica a nível físico e funcional do organismo humano, e a restrição corresponde à dificuldade e limitação que uma pessoa possa ter em realizar atividades, a partir das suas condições físicas aliadas às características dos ambientes. A restrição pode se originar ou não de uma deficiência (DISCHINGER, 2012).

Por exemplo: uma pessoa que tenha se acidentado no trânsito e que por ventura tenha fraturado a coluna e tenha ficado paraplégico, apresenta uma deficiência, assim como um idoso que tenha amputado um dedo do pé em uma serra elétrica. Ambos os casos apresentam uma modificação a nível físico funcional, mas apenas o paraplégico apresenta restrições para realizar atividades (DORNELES, 2006). No entanto, uma dona de casa que carrega sacolas de mercado e tenta abrir uma porta cuja maçaneta não é do tipo alavanca, tem a sua atividade de entrar em casa restringida, mas não possui uma deficiência. Outro exemplo são as pessoas que também têm restrições para realizar algumas atividades, (figura 2.2) como correr e subir escadas rapidamente, mas não possui deficiência.



Figura 2.2 – Homem bi amputado pode apresentar várias limitações em seu dia-a-dia, porém isso não lhe priva de competir em uma prova paralímpica de 100 metros. Fonte: runnersworld.com, 2020.

2.2.2.1. NECESSIDADES ESPACIAIS

Segundo Dorneles et. al (2013), às necessidades espaciais dos usuários são todas as características do espaço que podem impedir a participação das pessoas em qualquer atividade. Como foi observado nos exemplos supracitados, as restrições de uma gestante para subir uma escada podem ser as mesmas que a de uma pessoa obesa, ou a pessoa que se acidentou no trânsito poderia ter tido seu pé amputado, apresentando as mesmas restrições que o idoso que se acidentou com uma serra elétrica. Dessa forma, destaca-se a importância de se compreender as classificações dos tipos de restrições, já que estas são uma realidade no cotidiano atual.

As restrições podem ser classificadas em 4 grupos:

Restrição sensorial: refere-se a dificuldade que o usuário possui para compreender as informações do ambiente devido às suas limitações nos sistemas

sensoriais, como olfato, visão, audição e aptidão. Segundo Dorneles (2006) esta restrição está ligada com as necessidades físicas, pois, pessoas com problemas de equilíbrio, por exemplo, necessitarão de pisos regulares e sem inclinações. Segundo a autora, esta restrição pode se relacionar também com as necessidades informativas, como por exemplo uma pessoa com deficiência visual (figura 4), que não consegue ler as sinalizações do trânsito e necessita utilizar uma bengala para perceber os limites das calçadas e ruas.



Figura 2.3 - Pessoa com deficiência visual utilizando bengala para locomover-se.
Fonte: Acervo pessoal.

Restrição físico-motora: Refere-se às limitações encontradas por pessoas quando forem realizar atividades que necessitem o uso de força física, coordenação motora, precisão ou mobilidade. Segundo Dorneles (2006) essa restrição é comum em idosos, mas também pode ocorrer com outros grupos de pessoas devido às condições do ambiente (figura 2.3).



Figura 2.4 - Idosa utilizando cadeira de rodas encontra obstáculos para seguir o caminho, devido a irregularidade e falta de manutenção dos pisos. Fonte: NSC Total, 2021.

Conforme pode ser observado na figura 2.4 as condições da pavimentação da rua irão dificultar a travessia desta idosa que utiliza cadeira de rodas para locomoção. No entanto, o calçamento inadequado oferece dificuldades de locomoção a um vasto grupo de usuários. Para essa senhora, a travessia seria dificultosa mesmo que, em vez de locomover-se em uma cadeira de rodas, ela estivesse conduzindo um carrinho de bebê, andando com ajuda de muletas ou andando de bicicleta.

Restrição psicocognitiva: Refere-se às limitações que os usuários apresentam para tratar as informações recebidas, ou as dificuldades de comunicação através da produção linguística. Segundo Dorneles (2006) esta restrição afeta as necessidades sociais e informativas, pois dificulta a obtenção e compreensão das informações (figura 2.5).



Figura 2.5 - Os símbolos devem ser universais e de fácil apreensão. Fonte: Manual do Desenho Universal, 2010.

Conforme pode ser observado na figura 2.5 uma placa pode ser uma restrição para muitas pessoas com necessidades de informação recorrentes a perda total ou parcial da visão ou com deficiências cognitivas (MDU, 2010). Mas também o desconhecimento de certos símbolos, ou o uso de símbolos inadequados a certos públicos, pode dificultar o acesso a determinado ambiente.

Restrição múltipla: Ocorre quando há uma associação de duas ou mais restrições citadas acima. Um idoso pode ser um bom exemplo (figura 2.6), já que devido às condições da velhice, a mesma pessoa poderia desenvolver uma necessidade físico motora, decorrente de artroses ou desgaste muscular, e alguma restrição sensorial devido a um problema de catarata (DORNELES , 2006).



Figura 2.6 - Idoso com restrições múltiplas.
Fonte: Santa Muleta, 2021.

2.2.2.2. BARREIRAS

As barreiras atingem a todos, estão presentes no cotidiano e eliminá-las seria uma garantia de liberdade aos usuários no espaço público. Segundo Klein (2019) as barreiras no espaço público podem ser determinantes quanto a acessibilidade dos ambientes, ou seja, quanto mais barreiras apresenta em determinado espaço, menos acessível ele será.

Segundo Bins Ely et. al (2010) as barreiras são divididas em físicas ou informativas. A poluição visual pode ser um exemplo de barreira informativa, como pode ser visto na figura 2.7.



Figura 2.7 - Poluição visual urbana. Fonte: Mundo Educação, 2020.

Muitas vezes a qualidade arquitetônica de um determinado espaço é muito prejudicada, apenas pela presença de placas e informações escritas, gerando um problema de mal-estar na população urbana, causando acidentes devido ao desvio de atenção de motoristas e pedestres. Além disso, a poluição visual cobre elementos da arquitetura original dos espaços públicos tornando-os invisíveis.

As barreiras físicas podem ser exemplificadas com o uso indevido de elementos na calçada (figura 2.8).



Figura 2.8 - Deficiente visual tem seu trajeto atrapalhado por mercadorias expostas na calçada.
Fonte: Foto de Luiz Junior, 2019.

Como pode ser visto na figura 2.8, a ocupação das calçadas por mercadorias das lojas no centro de Pelotas (RS), impede o trânsito livre dos pedestres no passeio e pode ser um problema ainda maior para pessoas com deficiência visual. Os espaços livres públicos de lazer têm em sua essência um caráter inclusivo, a restrição em seu uso pode ocasionar muitas vezes constrangimento às pessoas.

As restrições originam-se da junção das características físicas dos ambientes e dos seus usuários, dessa forma, ninguém está livre de apresentar alguma dificuldade de se locomover em determinado espaço. Considerar a diversidade de usuários e eliminar o máximo de restrições presentes no espaço são os principais pontos para torná-lo acessível. Como será analisado a seguir, o Desenho Universal (DU) é uma maneira de projetar não só ambientes, mas também objetos que possam ser igualmente utilizados por todos. A utilização dos princípios do DU, baseados em sua filosofia de projeto, direciona a um produto final acessível tanto no ambiente quanto em seus mobiliários.

2.3 FACILITANDO O USO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER: A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL

2.3.1 DESENHO UNIVERSAL

De acordo com a NBR 9050 (ABNT, 2020), o Desenho Universal é aquele que visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população. Ou seja, uma forma de se projetar que busca atingir toda a diversidade humana. Segundo Carlato e Cambiagui (2016), o DU influencia diretamente na vida das pessoas com ou sem deficiência, podendo democratizar o cotidiano em vários aspectos como infraestrutura urbana, prédios públicos, casas e produtos de uso comum no dia a dia.

Em Washington, no ano de 1963, surgiu o primeiro movimento em prol da inclusão das pessoas com deficiência no ambiente físico. O *Barrier Free Design* era uma comissão que tinha como objetivo discutir desenhos de equipamentos, edifícios e áreas urbanas adequados à utilização por pessoas com deficiência, ou mobilidade reduzida (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

Nos países nórdicos o “*Social Design*” buscou uma maior integração de pessoas com deficiência, não só através de desenhos de ambientes e produtos, mas também baseados nas diferenças culturais e sociais dessas pessoas. Assim, surgiram novas legislações que obrigavam os edifícios a se tornarem acessíveis levando em conta as características de uma maior gama da população incluindo crianças, mulheres grávidas e idosos (DORNELES, 2006).

Mais tarde, nos Estados Unidos, o arquiteto Ron Mace (1941-1998), que utilizava cadeira de rodas e um respirador artificial, ampliou este conceito e mudou seu nome, passando a se chamar Universal Design (Desenho Universal em português), se propondo a atender todas as pessoas em um aspecto universal. Segundo Mace, este não era o surgimento de uma nova ciência ou estilo, mas sim, da percepção da necessidade de se projetar ambientes, mobiliários e produtos de uso comum que sejam utilizáveis por todos (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

No Ano de 1985 foi criada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) a NBR 9050, uma norma reguladora que define aspectos que devem ser

levados em consideração nas construções urbanas do ponto de vista da acessibilidade. Nesta norma é possível encontrar parâmetros técnicos que auxiliam a tomada de decisões dos projetistas, a fim de deixar a obra mais acessível, tanto no momento da construção, quanto no momento da reforma. Com observações sobre mobiliários, sinalização, tipos de piso, tamanho dos cômodos, etc. (ABNT, 2020).

Como pode ser visto na figura 2.13, muitas vezes o DU é entendido de forma similar ao termo de acessibilidade ou desenho acessível. No entanto as nomenclaturas são distintas e não devem ser compreendidas como sinônimos.



Figura 2.13 - Exemplo ilustrado da diferença dos conceitos de acessibilidade e desenho universal.
Fonte: Guia de rodas, 2020.

Acessibilidade significa equipar ambientes com as condições mínimas para o uso de pessoas com deficiência ou dificuldade de locomoção, desenho acessível seria aquele que está de acordo com as normas de acessibilidade apontadas no Brasil pela NBR9050/2020 (DISCHINGER et al. 2012).

Um projeto concebido com a filosofia do desenho universal sempre será acessível, entretanto, nem todo desenho acessível pode ser considerado um projeto universal. [...] A aplicação da NBR 9050/2004 como única normativa de acessibilidade no Brasil somada a pouca formação técnica sobre o assunto, normalmente, resulta em soluções de projetos pouco eficazes, que, raramente, consideram a diversidade humana. (DORNELES, 2014, p.31).

Segundo Dorneles et al. (2013), o DU visa autonomia e independência na realização de atividades pela maior gama possível da população, considerando as suas diferenças e criando condições ambientais para a inclusão social. Desta forma,

segundo a autora, o DU complementa o conceito de acessibilidade espacial utilizado atualmente.

2.2.3 ACESSIBILIDADE ESPACIAL E SEUS PRINCÍPIOS INTEGRADORES BASEADOS NA INCLUSÃO SOCIAL EM AMBIENTES URBANOS

Pode-se dizer que acessibilidade espacial é um conjunto de estratégias relacionadas ao ambiente construído e ao comportamento do usuário, que busca eliminar barreiras no espaço, a fim de favorecer as relações interpessoais, sem discriminações e possibilitar um uso do espaço de forma autônoma, segura e confortável.

Segundo Dischinger et. al (2012) são identificados quatro componentes para que os espaços sejam considerados acessíveis e dessa forma, inclusivos, são eles: orientação/informação, deslocamento, uso e comunicação.

Segundo Dorneles (2014), se o espaço satisfazer estes 4 componentes, o mesmo pode ser considerado acessível e as barreiras físicas não existiriam. Porém, afirma a mesma autora, que se os mesmos componentes forem pensados desde o processo de Projeto, buscando atender as necessidades espaciais de diversos usuários, o projeto seria considerado universal.

Os quatro componentes cruciais para uma acessibilidade assertiva são explicados a seguir:

ORIENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

- Como se dá a compreensão do ambiente pelo indivíduo? Como este recebe e processa as informações que lhes foram passadas? Ele se desloca pelo lugar a partir delas?

Por exemplo, quando não se consegue identificar todo um ambiente a partir de seus diferentes pontos, a presença de mapas e placas informativas contribui com a orientação do usuário.



Figura 2.9 - Ponto de ônibus com informações referentes a todas suas linhas e horários. Fonte: Diário do Rio.Com.

A presença de um mapa informativo conforme apresentado na figura 2.9 pode auxiliar os usuários do ponto quanto aos horários que o transporte público passa por ali e também orientar pessoas que o utilizam pela primeira vez naquele ponto.

DESLOCAMENTO

- Quais as condições do passeio? Como são as condições do movimento e livre fluxo?

A implantação de pisos regulares e antiderrapantes, a presença de corrimãos e patamares em escadas e rampas, presença de faixa de mobiliário fora das áreas de circulação, etc., são exemplos de características que contribuem com este componente (DORNELES 2006).



Figura 2.10 - Área de estar de um espaço público com dois acessos, rampa e escada. Fonte: BINS ELY et al, 2010.

Na figura 2.10 observa-se o acesso a outro nível do ambiente por rampa e escada, possibilitando o deslocamento independente para todos, oferecendo aos usuários igualdade de condição, evitando situações de constrangimento, ao optar pela forma de acesso mais conveniente conforme as habilidades (BINS ELY et al. 2010).

USO

- Como ocorre a participação em atividades propostas pelo ambiente? Esta está ocorrendo de forma inclusiva? O mobiliário e os objetos do espaço são disponibilizados a todos os usuários sem exclusão?

O mapa informativo citado no exemplo um, poderia ser um grande exemplo também neste item, pois se este mapa não for tátil, pode ser identificado como uma restrição sensorial, já que pessoas com deficiência visual teriam dificuldade de utilizá-lo. Uma quadra poliesportiva que tivesse seus equipamentos adaptados a deficientes físicos também seria um exemplo interessante.



Figura 2.11 - Exemplo de um Playground acessível. Fonte: Playground da inovação, 2020.

Conforme pode ser observado na figura 2.11 o espaço público aqui representado é considerado acessível, por conter uma pavimentação adequada, não apresentando desnível e outros obstáculos, tornando possível a participação do público em geral.

COMUNICAÇÃO

- Como se dá a interação dos usuários com o ambiente? E as trocas interpessoais? São disponibilizadas assistências comunicativas no espaço público?

Mapas, totens informativos com informações computadorizadas, disponibilizadas também por áudio e telefones públicos podem ser usados como exemplos deste item.

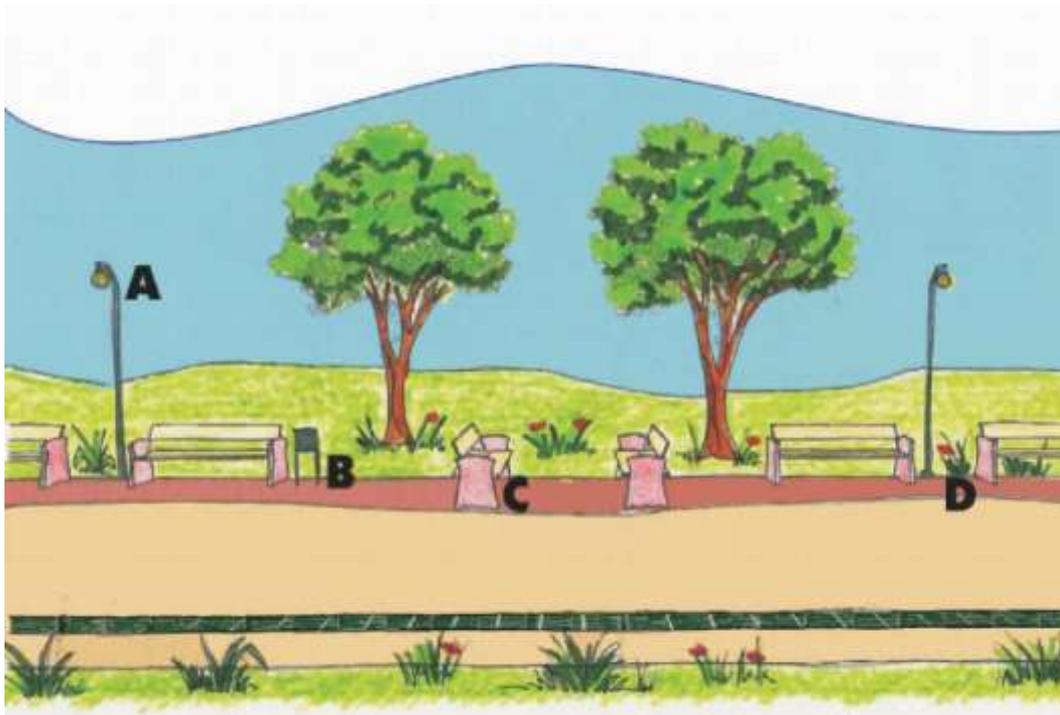


Figura 2.12 - Área de estar em um espaço livre respeitando a diversidade da população
Fonte: BINS ELY et al. 2010.

A figura 2.12 ilustra uma área de estar com dimensões e mobiliários adequados do ponto de vista da acessibilidade. Os espaços destinados à utilização e permanência das cadeiras de roda ao lado dos bancos (Letra B), facilitam a diversificação da comunicação entre usuários. Além disso, a presença de assentos posicionados um em frente ao outro (Letra C), permite a leitura labial (BINS ELY et al. 2010).

Os pilares fundamentais da acessibilidade espacial, apresentados por Dischinger (2012), visam a participação igualitária e inclusão social. O DU por sua vez, visa uma abrangência maior, pensando não só em acessibilidade espacial, mas no entendimento das necessidades dos usuários. Visando autonomia na utilização de todos os produtos dedicados ao manuseio humano.

Os princípios do DU, apresentados a seguir, possibilitam ambientes inclusivos, projetados para receber a maior gama possível de usuários, sem nenhum tipo de segregação, no que diz respeito a utilização do espaço e seus equipamentos, e ao seu acesso.

2.2.4.1 OS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL: A AUTONOMIA EM ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE LAZER

O Desenho Universal pode ser diretamente aplicado a projetos de espaços livres públicos, já que considera as características físicas dos usuários a fim de promover sua participação igualitária (BINS ELY et al, 2010).

Nos anos 90, Ron Mace se reuniu com um grupo de arquitetos na Universidade da Carolina do Norte para criar o *Center of Universal Design* (CUD), na ocasião foram definidos os sete princípios do DU que podem ser aplicados em todos os tipos de projeto de espaços internos, externos e produtos. Segundo Bins Ely et al. (2010) é importante contextualizar esses princípios às áreas livres públicas de lazer, pois servirão de auxílio na compreensão de requisitos necessários para a elaboração de ambientes e equipamentos às pessoas com habilidades diversas.

Os sete princípios do DU serão apresentados e exemplificados a seguir a fim de facilitar a compreensão da aplicação em áreas livres públicas e lazer:

1. IGUALDADE PARA TODOS: PRINCÍPIO DO USO EQUIPARÁVEL

Equiparável: Tornar igual, igualar, pôr em paralelo (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

O desenho de espaços e equipamentos deve ser compreendido por pessoas com habilidades diversas, impedindo sua segregação, tornando os ambientes iguais para todos (CUD, 1997).

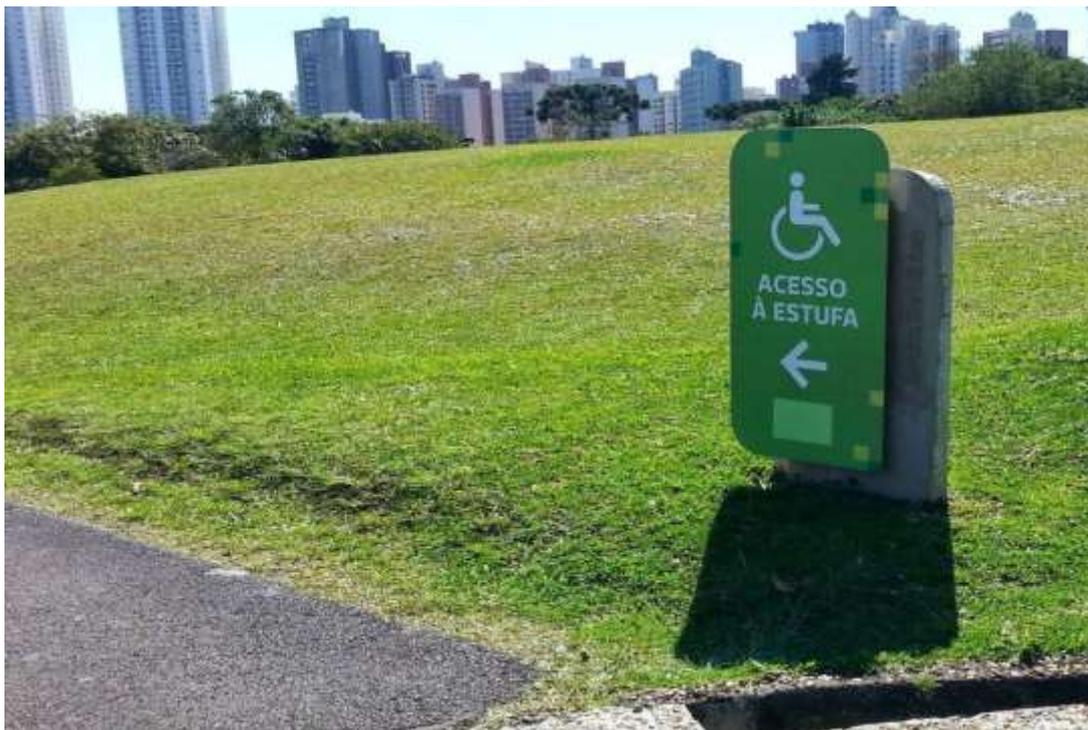


Figura 2.14 – Placa informativa no Jardim Botânico de Curitiba indicando que o acesso à estufa é acessível a cadeirantes. Fonte: Cadeira Voadora, 2020.

O Primeiro princípio pode ser exemplificado na figura 2.14, que além de conter uma placa informativa que indica o sentido do caminho para a estufa do jardim botânico, também indica que este acesso pode ser feito de maneira igualitária por pessoas com diferentes capacidades de locomoção.

2. ADAPTAÇÃO: PRINCÍPIO DA FLEXIBILIDADE DO USO

Flexível: que pode dobrar, curvar, alterar. Maleável, adaptável (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

As diversas preferências e habilidades individuais devem ser consideradas no desenho, independentemente do número de usuários que se apropriem dos espaços ou equipamentos (CUD, 1997).



Figura 2.15 – Guia informativo do ambiente, também escrito em Braille. Fonte: Guia de rodas, 2020.

Como pode ser observado na figura 2.15, estando escrito em Braille esse guia permite aos deficientes visuais terem o mesmo acesso das informações do ambiente que as pessoas sem esse tipo de deficiência.

3. FACILIDADE NA UTILIZAÇÃO: PRINCÍPIO DO USO SIMPLES E INTUITIVO

Intuitivo: que se conhece facilmente. Incontestável, claro, evidente (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

Os espaços e equipamentos devem ser de fácil compreensão, independente da experiência, conhecimento, habilidades de linguagem ou nível de concentração dos usuários (UCD, 1997).

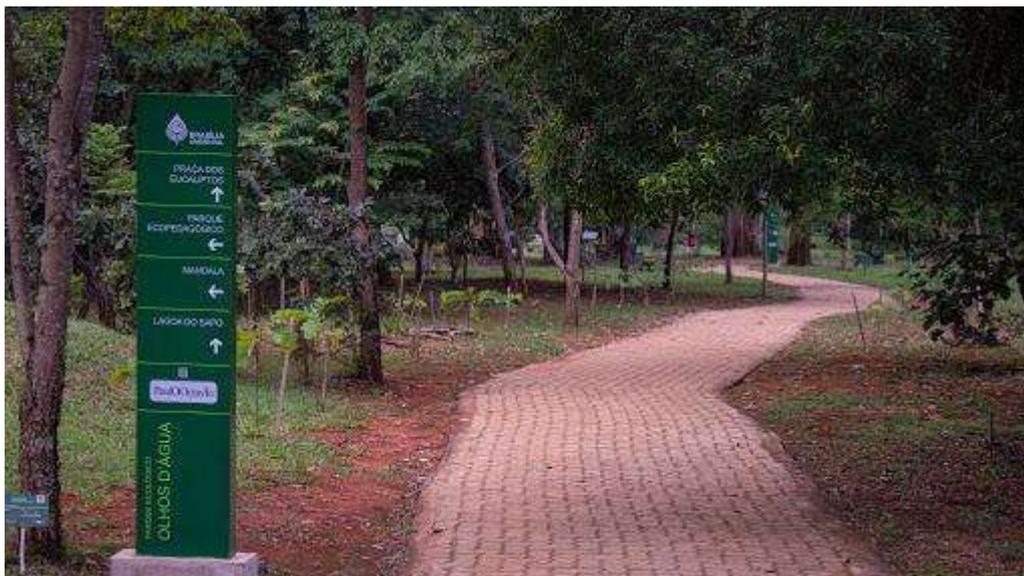


Figura 2.16 - Presença de um totem de orientação do percurso no parque Olhos d'água em Brasília.
Fonte: Brasília ambiental, 2021.

A figura 2.16 exemplifica este princípio com o caso do Parque Olhos d'água em Brasília, onde foram implantados totens informativos em todos os acessos com o intuito de marcar o início de caminhos importantes, facilitando a visualização por pessoas com baixa visão, quem não conhece o lugar ou pessoas com restrições cognitivas.

4. CONHECENDO O AMBIENTE: PRINCÍPIO DA INFORMAÇÃO DE FÁCIL PERCEPÇÃO

Percepção: ato ou efeito de perceber. Continuação dos sentidos no reconhecimento de um objeto (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

O desenho comunica a informação necessária ao usuário, independentemente das condições do ambiente ou de suas habilidades (CUD, 1997).

A utilização de mapas táteis (figura 18) pode ser um recurso importante para o princípio quatro. Estes mapas transmitem as informações sobre as localizações do ambiente em alto relevo, auxiliando deficientes visuais na identificação do ponto em que se encontram. Ou ainda maquetes táteis de obras de grande porte ou obras de arquitetura (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

Conforme pode ser observado na figura 2.18 a presença de corrimãos duplos, na escada, piso tátil de alerta e faixa contrastante pode evitar acidentes (M.D.U, 2010).

6. ZERO ESFORÇO: PRINCÍPIO DO BAIXO ESFORÇO FÍSICO

O espaço ou equipamento deve ser eficiente e confortável na sua utilização, considerando todas as habilidades dos usuários, ocasionando-lhes o mínimo de fadiga (CUD, 1997).



Figura 2.19 - Praça Arruda, na cidade Piraju (SP) após obra de revitalização.
Fonte: Prefeitura Municipal de Piraju, 2021.

Conforme pode ser observado na figura 2.19, o piso da praça sem desníveis significativos ou áreas muito íngremes, facilita o trânsito de pedestres com ou sem restrições. Além disso, a presença de bancos em um curto espaço auxilia os usuários que possuem alguma limitação motora, servindo como uma opção de parada para descanso. Os bancos recuados em relação ao caminho, não são um obstáculo ao caminhante ou ao carrinho de bebê ou cadeira de rodas. Facilita também o deslocamento de pessoas com baixa visão.

7. ABRANGÊNCIA: PRINCÍPIO DA DIMENSÃO DO ESPAÇO PARA APROXIMAÇÃO DO USO

Dimensão: Sentido em que se mede a extensão para avaliar. Medida, tamanho (CARLATO e CAMBIAGUI, 2016).

Os espaços e os equipamentos devem ter dimensões apropriadas para o acesso, o alcance, a manipulação e o uso, independentemente do tamanho do corpo do usuário, da postura ou mobilidade (CUD, 1997).



Figura 2.20 - Brinquedo em playground utilizável a pessoas que utilizam cadeira de rodas. Fonte: Playground da inovação, 2020.



Figura 2.21: Balanço em playground acessível a pessoas que utilizam cadeira de rodas. Fonte: Playground da inovação, 2020.

Conforme pode ser observado nas figuras 2.20 e 2.21, a adaptação dos aparelhos dos parques infantis inclui as crianças no espaço físico da pracinha, possibilitando a todos usufruírem das atividades de lazer de maneira igualitária sem a necessidade de segregação. O Playground apresentado nas figuras supracitadas é um exemplo de como a utilização do desenho universal pode mudar a realidade do espaço público, modificando as formas de uso e apropriação de acordo com o perfil e as necessidades de cada usuário.

UMA INCLUSÃO PROJETADA: OS PRINCÍPIOS DO DU LEVADOS EM CONSIDERAÇÃO DESDE A ETAPA DE PROJETO

Combinar as necessidades de todos os usuários para criar espaços inclusivos, é um dos objetivos do DU, em sua etapa de projeto são necessárias cumprir três etapas cruciais e a sua filosofia deve estar presente em todas elas (DORNELES et. al, 2013).

Na primeira etapa são levantados os requisitos que condicionam o projeto. Segundo Dorneles et. al (2013), devem ser levadas em consideração as necessidades espaciais dos usuários, pois com base nessas condições que saberemos a qual público alvo a área ou mobiliário projetado, será destinado. O conhecimento e

consciência sobre as necessidades das pessoas e as suas restrições é muito recente, sendo assim estas informações podem ser levantadas com o desenvolvimento de métodos científicos (DORNELES ET AL, 2013). Como exemplo desses métodos, a mesma autora cita os passeios acompanhados e observações comportamentais, juntamente com buscas em bibliografias sobre o assunto proposto.

Com base no conhecimento das necessidades espaciais dos usuários, inicia-se a segunda etapa do processo, que são as proposições de diretrizes projetuais baseadas nos princípios do DU como exemplo, pode-se citar a criação de espaços integradores onde foram levados em considerações possíveis acidentes de percurso e os equívocos de orientação dos usuários, cumprindo assim, pelo menos 3 dos princípios do DU, o do uso equitativo, tolerância ao erro e uso simples e intuitivo (DORNELES ET AL, 2013).

Segundo Dorneles et. al (2013), é nesta etapa onde são definidas todas as atividades que as pessoas podem participar, e quais mobiliários utilizar, se tratando de espaços abertos.

Na terceira etapa é feito o detalhamento das soluções, sendo necessário um amplo conhecimento técnico quanto ao uso dos materiais e elementos urbanos, mas o processo de projeto no DU é interdisciplinar, ou seja, envolve diferentes áreas do conhecimento com a mesma finalidade, a de tornar o ambiente mais simples em seu uso e inclusivo no acesso (DORNELES ET AL, 2013). Por exemplo, a vegetação, além das funções ambientais, possui funções estéticas. Além disso, quando pensamos nos odores que as diferentes espécies vegetais podem exalar, pode-se supor que essa diferenciação pode servir de referência para a indicação de espaços específicos das áreas verdes ou até mesmo o acesso delas (DORNELES ET AL, 2013). Sendo assim, com base nesse conhecimento sobre a vegetação dos parques, seria possível utilizá-la como uma informação adicional do ambiente, corroborando assim com o princípio do DU que diz respeito à informação de fácil percepção (DORNELES et. al, 2013).

Para garantir uma inclusão assertiva é necessário que os planejadores conheçam os elementos que impedem ou restringem a percepção, compreensão, circulação ou apropriação por parte dos usuários dos espaços e atividades, juntamente com os obstáculos de ordem social e psicológica que impedem seu uso efetivo. Com base nas restrições do espaço e dos usuários, o planejamento da área

de lazer se dará de forma inclusiva, eliminando barreiras tornando-a acessível e atrativa, capaz de fortalecer o vínculo entre o usuário e o ambiente.

2.3 PERCEPÇÃO: ESTUDOS AMBIENTE-USUÁRIO

Os novos estudos paisagísticos passaram a compreender a paisagem como um território sentido e observado, focando assim no indivíduo e priorizando as suas práticas e representações que elabora do mundo exterior, as quais condicionam muitas vezes o comportamento. Assim, dois estímulos juntos geram o comportamento: o exterior, para sua adaptação ao mundo, e o interior, o qual reage de acordo com sua interpretação da realidade (SALGUEIRO, 2001).

O espaço vivido é antropocêntrico, programado para facilitar as necessidades e vivências humanas, desta forma planejá-lo de maneira individual seria um ato quase que utópico, pois cada indivíduo almeja uma paisagem diferente (SALGUEIRO, 2001).

A área que trata das relações estabelecidas entre os indivíduos, e os ambientes físicos nos quais estão inseridos é conhecida como psicologia ambiental. Nos estudos da psicologia ambiental os lugares ganham sentidos reais com sentimentos reais, construídos pela experiência cotidiana e a ligação afetiva aos ambientes, de maneira recíproca, já que o ambiente é resultado da ação do indivíduo (GIFFORD, 2007).

Segundo Ribeiro et al. (2009), a psicologia ambiental em seus estudos iniciais, caracterizou-se por realizar investigações sobre as relações humanas e o seu ambiente, esta ciência levava em consideração a percepção dos usuários através de associações do comportamento do usuário ao ambiente construído como sala, moradia, edifício e cidades, discutindo as condições de estresse e satisfação residencial. Segundo o mesmo autor, esta ciência só passou a deixar de ser uma ciência laboratorial de caráter psicológico, a partir de uma nova fase de consolidação teórica de cunho interdisciplinar. Duas áreas do conhecimento souberam rapidamente compreender a importância da psicologia aplicada ao espaço, valorizando os aspectos afetivos e cognitivos que as pessoas possuem com o ambiente, essas ciências são a geografia e a arquitetura.

Na geografia temos Yi-Fu Tuan (1975), que sugeriu o termo Geografia humanística, discutindo conceitos fundamentais que auxiliaram na compreensão do

ambiente e os desejos do seu usuário se tratando de qualidade espacial. Dentre seus conceitos, o autor apresentou os conceitos de topofilia (elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico) e a topofobia (medo mórbido ou repulsa à certos lugares), dissertando também sobre as noções de espaço e lugar, baseando-se nas teorias psicológicas e nos estudos da fenomenologia. As pesquisas de Tuan são estimulantes e importantes para diversas áreas das ciências do espaço, principalmente as da percepção ambiental e da geografia humanista (RIBEIRO, 2009).

Segundo Ribeiro (2009), na arquitetura e urbanismo o principal ponto de reflexão sobre a psicologia ambiental surgiu com a necessidade de se criar ambientes perceptíveis ao homem, visando um desenvolvimento adequado, valorizando as aspirações humanas em sua linguagem ambiental, dado sentido aos lugares através do apego às memórias vivenciadas no ambiente. Segundo Okamoto (1999), a constituição do espaço arquitetônico deve equilibrar a harmonizar e a evolução espiritual do Homem, atendendo os seus anseios e instigando as suas emoções de se sentir vivo, podendo desenvolver nele um sentido afetivo em relação ao *locus* (OKAMOTO, 1999).

A avaliação e apreensão da qualidade dos ambientes é um processo que envolve duas etapas para a sua ocorrência, cognição e percepção. A cognição não envolve necessariamente um comportamento, está ligada diretamente aos acontecimentos no ambiente e os significados do mesmo de acordo com a história do lugar e a cultura dos residentes. Na percepção, o usuário obtém as informações do ambiente, sendo que esta é uma experiência imediata, dependendo dos estímulos multissensoriais e resultando a uma sensibilização aos atributos morfológicos dos objetos (OKAMOTO, 1999).

Os estudos da percepção ambiental tanto na Geografia, quanto na arquitetura, entendem que duas pessoas não visualizam e vivenciam a mesma realidade, e que dois grupos sociais diferentes não avaliam o ambiente da mesma maneira, sendo assim, a percepção humana da realidade pode ser individual e seletiva (RIBEIRO, 2009). De acordo com Bins Ely et al. (2010), a percepção do espaço é formada por elementos subjetivos que irão depender das condições em que o usuário se encontra a partir de toda a sua experiência passada juntamente com o seu estado emocional, seus preconceitos e de suas expectativas futuras.

Tuan (1980) e Okamoto (1999), comunicam-se ao citar que apesar da percepção ser uma experiência individual e seletiva, existe a possibilidade de seres humanos apresentarem percepções comuns, por viverem no mesmo contexto sociocultural e por possuírem os mesmos princípios e construções sociais em suas formações como indivíduos (RIBEIRO, 2009). Esta relação psicológica que se adquire com o espaço através de memórias experienciadas, poderia, segundo Castelo (2007) determinar a diferença entre espaço e lugar. Um espaço público como um parque de uma cidade, pode significar um lugar para seus habitantes devido a vários aspectos históricos e culturais, porém, para um turista, pode configurar-se apenas como mais um espaço de lazer. Após percebido o lugar, é possível identificar um processo de valoração do espaço que pode ser atribuído a percepção dos usuários desses locais (CASTELLO, 2007).

O espaço é algo aberto, amplo, livre e vulnerável, pois não possui nenhum valor ou qualquer ligação afetiva. Segundo Tuan (1983), não há padrões no espaço que estabeleçam ou revelem algo, para o autor, o espaço seria como uma folha em branco onde poderia ser impresso qualquer coisa ou significado. Já o lugar seria algo fechado e íntimo, humanizado e seguro, capaz de representar significados para quem o vive, este seria como a dimensão do mundo vivido e das experiências diárias das pessoas, sendo um espaço carregado de valores simbólicos, para indivíduos e grupos sociais (TUAN, 1983). Em conformidade, Souza (2013) aponta que o lugar é fruto das experiências e aspirações dos indivíduos, estes só existem enquanto há relação social com o meio, construindo o sentido de lugar.

2.3.1 SENTIDO DE LUGAR, APEGO AO LUGAR: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O termo sentido de lugar, que é uma tradução do termo em inglês “*sense of place*” refere-se a como os seres humanos experimentam os lugares através de suas características e qualidades físico-materiais. O sentido de lugar surge de processos sociais que se conectam e criam relações entre os indivíduos e o meio em que estão inseridos (SOUZA, 2013).

Forgiarini (2014) aponta que o lugar é uma criação do homem, pois surgiu da capacidade de adaptação do ser humano ao meio que está inserido, fazendo que a partir dessa adaptação o homem atribuisse significados àquele espaço. Para o autor o sentido de lugar provém da “multiplicidade” das experiências humanas no mesmo espaço. Dessa forma seria indispensável se pensar em lugares urbanos frequentados por uma vasta carga de pessoas diversas.

Segundo Forgiarini (2014), o lugar urbano seria uma possibilidade de encontro, contato e de trocas sociais. Para o mesmo autor, a junção de múltiplas experiências e a diversidade entre pessoas é o que dá sentido ao lugar como uma forma de apropriação do espaço. É para as pessoas que existe a cidade e é a partir das suas experiências que a urbanidade ganha status de lugar, constituindo uma base para o surgimento do universo de significados representado pela cultura e expressão da identidade coletiva (FORGIARINI, 2014).

Segundo Jacobs (2000), o sucesso ou fracasso dos parques depende da diversidade do uso em diferentes horários do dia e da noite. Para a autora, quanto mais pessoas no espaço público, maior seria a segurança que este espaço passaria a seus usuários. Silva et al. (2011) definiram que as características que atraem os usuários para as praças são: localização, instalação e serviços, características do espaço, atividades opcionais, paisagem, conexão entre as pessoas e seu entorno, relação entre o contexto social e cultural do espaço público e acessibilidade.

Quando não há identidade entre comunidade e o espaço livre em questão, ou quando o projeto contempla estruturas que não se relacionam com as aspirações da população local, os ambientes tornam-se ociosos e abandonados. Isso acaba acontecendo nas praças centrais das cidades, onde há pouca ou nenhuma residência no entorno e o centro urbano é caracterizado pela atividade comercial (ALVES et al. 2004).

Macedo et al (2008) aponta que uma das expressões do apego ao lugar é o chamado Lugar preferido, estes lugares são buscados para relaxar, manter-se calma e recuperar das pressões da vida diária. Como citado ao início da discussão que introduziu este trabalho, as áreas de lazer são uma tentativa de fuga das atividades e responsabilidades diárias, sendo assim, pode-se dizer que ao planejar uma área de lazer pensando em bem-estar da maior parcela possível da população em seu

entorno, haveria então nessa área um sentimento de lugar favorito (MACEDO ET AL, 2008).

A preferência por ambientes é fortemente influenciada, por exemplo, pela presença, ou não, de vegetação e corpos de água (MACEDO ET ALL, 2008), mas para uma pessoa que possui alguma deficiência, por exemplo, as formas de utilização e acesso deste ambiente também iria influenciar na escolha da área de lazer em questão (DORNELES ET AL, 2013).

A diversidade depende da arquitetura e de outras formas de intervenção urbana e das possibilidades materiais dos lugares. Os significados dos lugares, as atividades que neles ocorrem, bem como a percepção de segurança, familiaridade, autonomia e contato com a natureza são em geral, as justificativas mais citadas para preferência por lugares preferidos (MACEDO ET AL, 2008). Com a utilização do desenho universal em um projeto de área de lazer teremos acessibilidade na mesma, atraindo uma carga maior e mais diversa de usuários, gerando interação e segurança. Podendo assim gerar em seus usuários um sentimento de apego ao lugar.

Sendo assim, para dar seguimento ao trabalho são definidas a partir dos referenciais até aqui abordados, variantes que se associaram a este estudo, contribuindo assim para a definição dos métodos desenvolvidos. Também chamado de categorias de análise, as variantes, são ações de analíticas que agrupam os dados coletados na pesquisa (MORAES, 2006).

As categorias são as seguintes: Espaço vivido; Usuário; Necessidades espaciais; Comportamento; Memória; Desenho Universal; Inclusão social; Lazer; Bem-Estar; Senso de lugar. As presentes categorias servem acima de tudo para nortear a construção dos métodos e o seu desenvolvimento, vale destacar que conforme Moraes (2006), novas variantes surgem ao decorrer da coleta de dados, sobretudo em pesquisas qualitativas, onde os usuários são ouvidos, sendo que muitas vezes, estes podem não ter opiniões condizentes às categorias pré-definidas. Os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa são apresentados no capítulo seguinte.

3. METODOLOGIA

Conforme Gil (2007) esta é uma pesquisa aplicada, pois o conhecimento gerado com este trabalho destina-se a um aproveitamento prático de soluções de problemas específicos (BRAGA, 2019). Além disso, esta pesquisa classifica-se como fenomenológica pois estuda a essência das vivências e experiências, levando em consideração a compreensão destes fenômenos, sob o ponto de vista do observador (RIBEIRO et al, 2009).

Caracterizada por dar ênfase ao mundo e a vida cotidiana, a fenomenologia permite uma abordagem que não se detém a aspectos factuais observáveis, mas visa o entendimento de seus significados e contextos. Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica esta será uma pesquisa qualitativa, portanto os procedimentos metodológicos devem compreender, além das observações comportamentais, os fenômenos através de relatos da vida cotidiana dos indivíduos (JUNIOR 2020).

Segundo Yin (2001), a metodologia deve considerar: a pergunta de pesquisa quanto a existência ou não de controle sobre eventos comportamentais e o contexto temporal dos acontecimentos. Para o mesmo autor, se tratando de perguntas “Como” e “Por que”, a melhor estratégia metodológica a ser adotada é o estudo de caso, pois não há controle comportamental e os acontecimentos são contemporâneos, contendo um objetivo de captar novas conclusões através da experimentação, direcionado à um objetivo específico (BRAGA, 2019). Como neste trabalho não existe nenhum tipo de controle de comportamentos e os acontecimentos são atuais, a abordagem se aplica à pesquisa. Sendo assim, foi proposto um estudo de caso. Para essa finalidade foi escolhido o Museu Parque Municipal da Baronesa, localizado na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul.

3.1 ESTUDO DE CASO: MUSEU PARQUE MUNICIPAL DA BARONESA. UM LEGADO DA HISTÓRIA PELOTENSE

O município de Pelotas, localizado a -31.776° de latitude e $-52.359431^{\circ} 46' 34''$ de longitude Sul, $52^{\circ} 21' 34''$ longitude Oeste (figura 3.1), possui uma população total registrada no ano de 2021 de 343.826 pessoas é considerada a terceira maior cidade

do Rio Grande do Sul (IBGE, 2021). O distrito sede do município localiza-se às margens do canal São Gonçalo, o qual está interconectado com as Lagunas dos Patos e Mirim. Com uma área aproximada de 1.609 KM², possui cerca de 90% de sua população residindo em sua zona urbana (IBGE, 2021). Segundo Fernandes (2017), apesar da cidade contar com 77 áreas públicas de lazer, poucas delas possuem elementos que remetem a condições de acessibilidade.

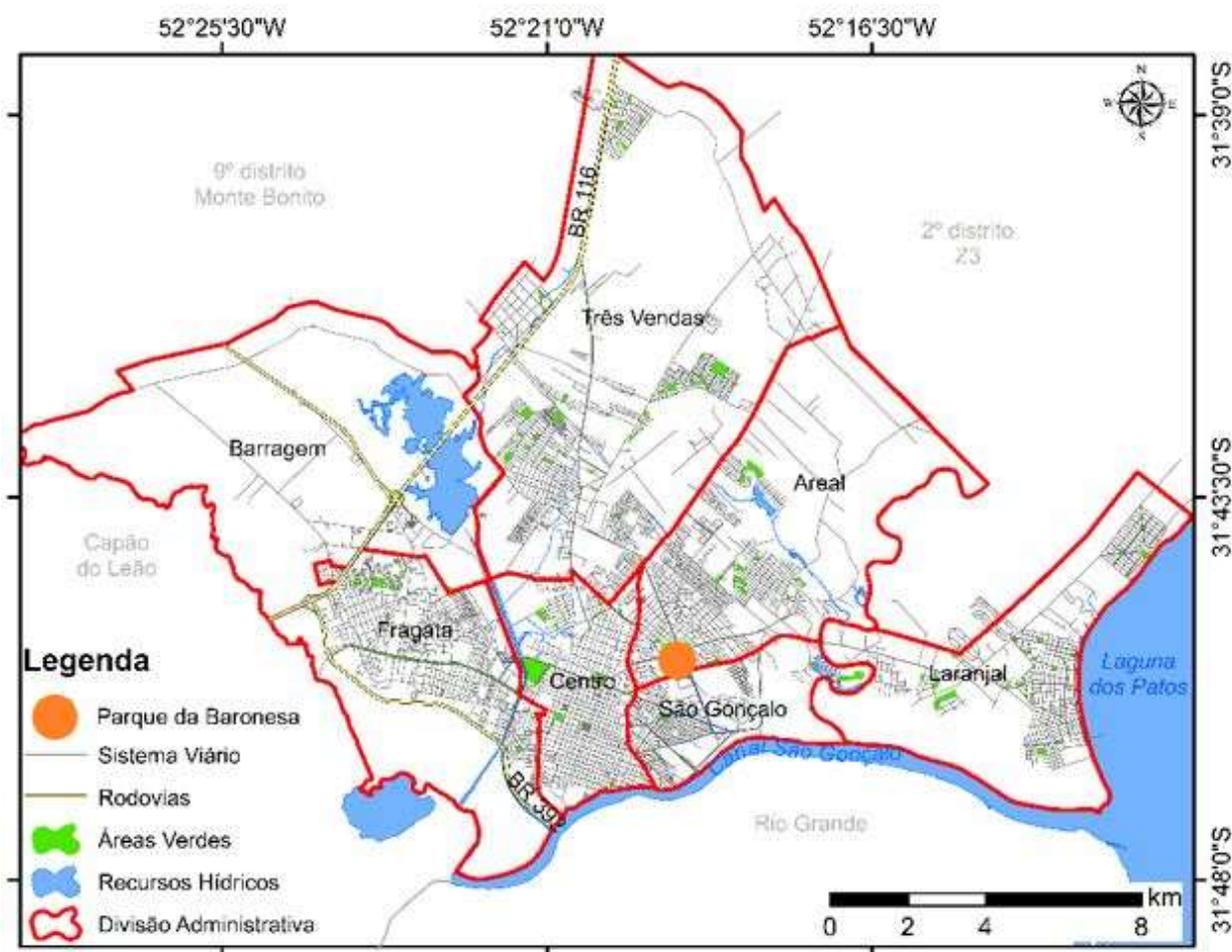


Figura 3.1 - Mapa de localização do distrito sede do município de Pelotas com destaque para a área estudada. RS. Fonte: Observatório de Segurança Pública de Pelotas, 2020. Organizado pelo autor.

O Museu da Baronesa, foco deste estudo, é representativo de um certo momento da história da cidade. Pelotas foi elevada à condição de freguesia no ano de 1812 e a vila no ano de 1832. Teve seus dias de apogeu econômico no período da indústria de charque, durante o século XIX, quando chegou a possuir por volta de 40 charqueadas, processando mais de 100 mil cabeças de gado por ano (SOUZA, 2019). Destaca-se também que este processo foi calcado na mão de obra escrava, o qual

faz parte de um momento marcante (e triste) da história deste município (SOUZA, 2019). Durante esse período era usual a construção de casarões com inspiração na arquitetura europeia, sendo que isso se refletia na riqueza da cidade e também de seus moradores mais importantes (MONTONE, 2018).

Dentre estes moradores, a figura da Baronesa Amélia Antunes Maciel é de extrema importância para a história da cidade. O testemunho da sua existência e destaque histórico é o hoje conhecido Museu Municipal Parque da Baronesa (figura 3.2), sua antiga moradia, conhecida na época como Parque Annibal (MONTONE, 2018). A figura 3.2 destaca a edificação principal desta localidade, sendo o espaço que hoje abriga o chamado Museu da Baronesa.



Figura 3.2: Museu Municipal Parque da Baronesa. Fonte: Acervo pessoal (2020).

O Museu Municipal Parque da Baronesa, situado na Avenida Domingos de Almeida no Bairro Areal (figura 3.3) é muito bem frequentado nos dias de hoje pelos habitantes da cidade e também pelos turistas. Isso se dá devido a sua beleza atrativa,

valorização histórica observada pelos usuários e a sua localização geográfica (SCHWANZ e CALDEIRA, 2013).

Localização do Museu Parque Municipal da Baronesa

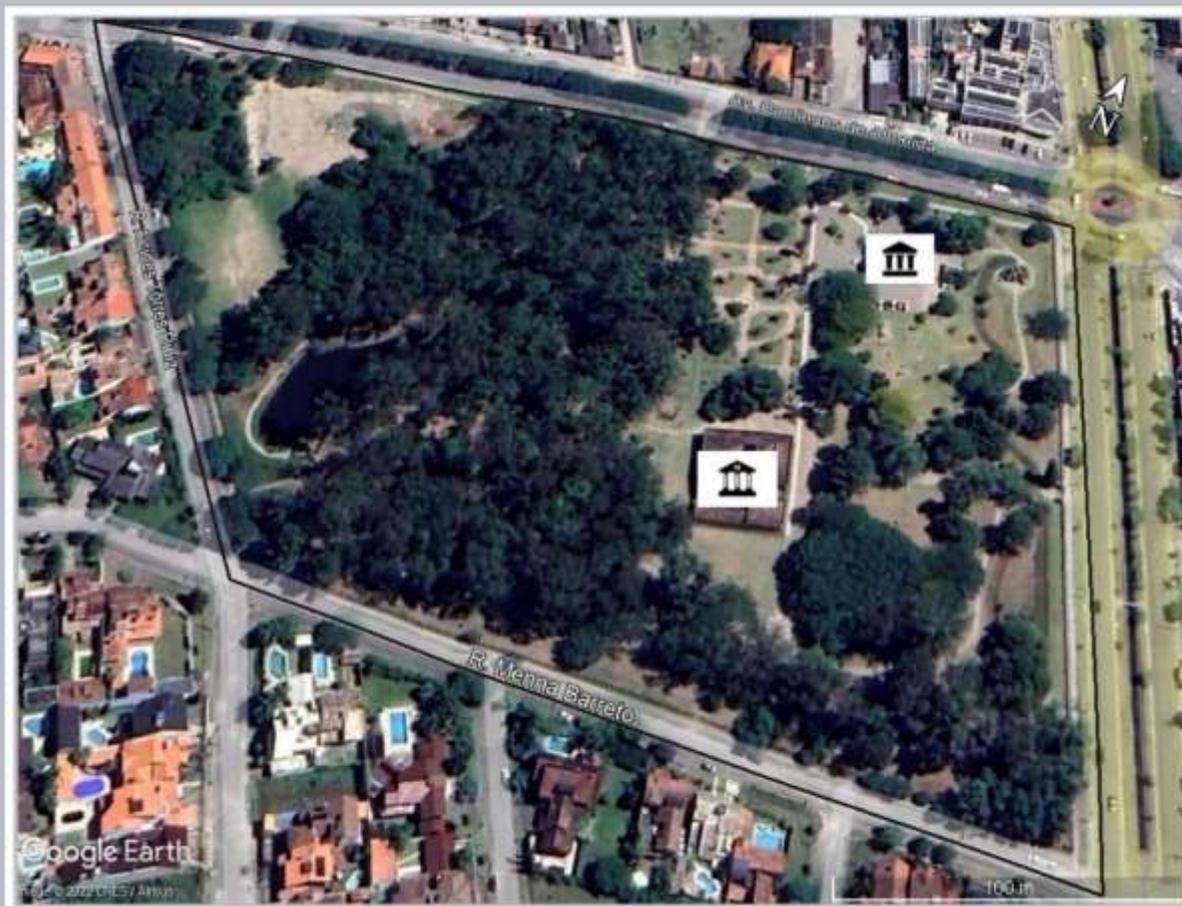


Figura 3.3 - Localização do Museu Parque da Baronesa. Fonte: Google Maps (2022). Organizado pelo autor

Devido a essa valorização simbólica do espaço e também a diversidade de usuários, o presente trabalho optou por realizar seu estudo de caso na localidade. O estudo procura analisar sua dinâmica de uso e apropriação, a partir do ponto de vista dos seus usuários e também os conflitos existentes quanto ao acesso à espaços de convivência e os mobiliários do parque, identificando ainda, maneiras de tornar a área de lazer mais inclusiva e atrativa a todos, capaz de reforçar o vínculo espacial.

Segundo Montone (2018) o espaço passou por um período de declínio após o falecimento de Amélia Maciel (ou Dona Sinhá como é popularmente conhecida), filha da Baronesa de mesmo nome, em 1966. A partir de 1978, a propriedade e aproximadamente 6 hectares da área passaram a pertencer a Prefeitura da cidade de Pelotas. Montone (2018), caracteriza essa nova fase a era patrimonial do Parque, um desejo da própria baronesa.

Para cumprir suas novas funções a casa principal e seu entorno passaram por quatro anos de reformas promovidas pela Prefeitura. O museu foi inaugurado em 1982 e, atualmente, está vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. Em 1985, o Parque e os prédios foram tombados como Patrimônio Histórico e Cultural do município, pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas. Em maio de 2018, a Chácara da Baronesa foi reconhecida como parte do Conjunto Histórico de Pelotas, realizado em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cujo tombamento se associou ao registro dos modos de fazer os doces das Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (MONTONE, 2018).

3.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

O trabalho será delimitado pelas seguintes etapas: levantamento bibliográfico, levantamento de arquivo, elaboração de instrumentos de pesquisa e Levantamento de campo.

Levantamento bibliográfico: Leitura de trabalhos científicos que abordam os temas da pesquisa.

Levantamento de arquivos: análise de fontes primárias e secundárias e análise dos projetos de requalificação já executados no parque, verificando a presença de

estratégias que visam a inclusão social, sua efetividade e a aceitação dos usuários. (FERNANDES, 2017).

Elaboração dos instrumentos de pesquisa: Realização de estudos introdutórios que direcionam a criação e à aplicação dos métodos a serem realizados no levantamento de campo (BRAGA, 2019).

Levantamento de campo: levantamento físico do objeto de estudo (Fernandes 2017).

3.2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento bibliográfico, já realizado e exposto nesta pesquisa, foi feito após a definição de palavras chaves pesquisadas, posteriormente analisadas em obras encontradas, as palavras chave são: percepção; áreas de lazer; inclusão social, uso e apropriação de espaços públicos e Desenho Universal. Essa fase do estudo objetiva nortear a pesquisa e esclarecer ideias referentes à proposta do objetivo geral (BRAGA, 2019).

3.2.1 LEVANTAMENTO DE ARQUIVO

Segundo Fernandes (2017), a fase de levantamento de arquivos é considerada o ponto de partida para uma pesquisa de campo, pois consiste na busca de informações necessárias para as atividades que serão desenvolvidas na terceira etapa. Segundo a autora, fontes primárias e secundárias sobre a história do parque urbano e informações sobre projetos de requalificação já executados no local, podem ser encontradas em plantas, fotos aéreas, imagens digitais disponibilizadas e jornais com notícias do parque. Sendo assim, o presente trabalho procurou analisar o projeto de requalificação previsto para o Parque para identificar as estratégias utilizadas que visam inclusão social e atração de usuários. Buscou também comparar o que estava previsto em projeto e aquilo que foi executado na prática, e analisou também como foi a aceitação da população sobre as intervenções propostas executadas.

3.2.2 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

PESQUISA EXPLORATÓRIA

Permitiu a identificação de alguns marcos visuais através do levantamento fotográfico, juntamente com o entendimento inicial quanto a percepção que os usuários do Parque da Baronesa, através da análise de relatos obtidos, utilizado para definir as categorias que serão abordadas na realização dos métodos participativos da pesquisa de campo, que visam identificar a percepção dos usuários sobre o espaço de lazer em questão.

Levantamento fotográfico: Além do próprio levantamento fotográfico elaborado pelo autor, nas visitas exploratórias, foi solicitado via *Instagram* que os usuários do parque enviassem fotografias do/no local, complementando o acervo de fotografias que foram feitas no levantamento exploratório, buscando uma compreensão inicial dos pontos atrativos presentes no Parque. Segundo Libardoni (2018), fotografias capturam detalhes e complementam outros métodos, minimizando erros.

Frases anônimas de usuários do Parque da Baronesa: Para a realização desse método, foi solicitado via *instagram*, às pessoas que já haviam visitado o Parque da Baronesa, que escrevessem a primeira coisa que lhes viesse à cabeça quando pensavam nele. As frases deveriam ser enviadas a um colaborador da pesquisa, sem conhecimento de quem desenvolve o trabalho, para que fossem tratadas de forma anônima, já que o pedido foi feito na conta pessoal do autor.

Estas frases foram essenciais para o início do desenvolvimento dos métodos do trabalho de campo pois permitiram um primeiro contato com os usuários do Parque durante o período de pandemia, destacando aspectos da percepção de cada participante, sendo que todos esses aspectos iniciais também foram abordados posteriormente nas entrevistas caminhadas.

As frases também foram agrupadas em um único documento, onde foram organizadas as palavras semelhantes, reunindo-as e caracterizando-as, para representá-las por meio de nuvens de palavras. Segundo Braga (2019), este é um

processo de interpretação de dados textuais, através da representação das palavras repetidas, descritas em um formato de nuvem.

Na ferramenta *WordArt*, as palavras foram reunidas sob os temas: **memória e Identidade com a história do parque**, conforme as orientações apontadas por Braga (2019). Indica a mesma autora, que se deve levar em consideração alguns fatores importantes na construção de uma nuvem de palavras mais assertiva. Os dados devem ser limpos, mantendo apenas as palavras chave, os preenchedores devem ser retirados e as variações de expressões deverão ser unificadas, desde que o significado dessa expressão seja mantido no contexto da obra (BRAGA, 2019).

3.2.3 LEVANTAMENTO DE CAMPO

Entrevistas caminhadas: Segundo Dischinger (2000), para aprofundar as informações referentes à acessibilidade em passeios públicos sob a visão dos mais prejudicados é indicado que se façam passeios acompanhados dos usuários, pois este tipo de método possibilita mapear as condições reais do uso do espaço por parte do usuário, identificando no momento exato a ocorrência de qualquer problema durante a caminhada. Dessa forma, são adquiridos resultados mais precisos a partir de vivências reais no espaço público.

A entrevista caminhada possibilita, segundo Acosta (2019), a identificação descritiva de todas as reações e percepções dos participantes em relação ao local. Possibilita também que o observador faça uma anotação e a identificação dos pontos positivos e negativos da área de estudo, possibilitando também ao pesquisador uma familiarização com o ambiente, sua construção, seu estado de conservação e seus usos. Na caminhada, os aspectos físicos do ambiente descrevem as reações dos participantes em relação ao local (ACOSTA, 2019).

Neste trabalho as entrevistas caminhadas foram realizadas visando analisar os conflitos, desafios encontrados, qualidades do ambiente e os sentimentos que os indivíduos possuem em relação ao Parque da Baronesa.

Foram realizadas cinco entrevistas caminhadas, sendo que uma não será interpretada neste trabalho por ser o estudo piloto. É importante citar que todos que participaram da entrevista caminhada são usuárias do sexo feminino, os usuários do

sexo masculino procurados para realizar o método recusaram ou não apareceram no local para a entrevista. As entrevistadas aqui neste trabalho serão identificadas por siglas e números.

As siglas definidas são as seguintes:

GVA - 3803	Usuária com deficiência cognitiva
ANI - 2603	Limitações motoras, usuária utiliza muletas para locomoção
CLI - 2903	DEFICIENTE VISUAL
ADR - 2104	Usuária sem deficiências ou limitações

Figura 3. 4 – Siglas utilizadas para identificar as entrevistadas na pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor.

Julgou-se importante incluir uma participante que não possuísse limitações ou deficiência física pois a pesquisa trata de inclusão social e Desenho Universal o qual visa igualdade para qualquer tipo de pessoa, sendo assim a percepção do público em geral deve ser abordada.

Para a construção do roteiro das caminhadas, levou-se em consideração os 7 princípios do Desenho Universal, apropriação do espaço, dados adquiridos através da leitura das frases enviadas por usuários anônimos do Parque da Baronesa, e temas pré-definidos discutidos durante o trajeto da caminhada abordados até aqui no levantamento bibliográfico desta pesquisa.

As perguntas semiestruturadas foram organizadas da seguinte forma:

- Bloco 1 - Memória

- Bloco 2 - Característica física do usuário
- Bloco 3 - Topofilia/Topofobia
- Bloco 4 - Infraestrutura
- Bloco 5 - Segurança
- Bloco 6 - Acessibilidade
- Bloco 7 - Uso e apropriação
- Bloco 8 - Identidade com história do Parque
- Bloco 9 - Parque como experiência coletiva (cultural ou física)

As entrevistas foram transcritas de maneira literal, a maneira como foi dita cada frase pelas usuárias foi transmitida nas transcrições. Isso foi feito para não alterar os dados nos documentos e por consequência, os resultados da pesquisa. As transcrições foram analisadas e categorizadas de acordo com os temas propostos.

Mapa comportamental: Os mapas comportamentais foram constituídos a fim de identificar o uso e apropriação do espaço pelos usuários. Segundo Somer & Somer (2002) mapeamento comportamental é um método de observação que busca a descrição de um determinado espaço, visando também compreender quais as relações que os sujeitos possuem com o ambiente no qual estão inseridos. Desta forma o método inclui o pesquisador no ambiente observado. Os usuários ali presentes não tomam consciência de suas atividades e não alteram o seu comportamento, propiciando registros de dados individuais e atividades em grupo, possibilitando identificar as diversas formas de uso e apropriação espacial.

Segundo Fernandes (2017), este procedimento ilustra onde e quais comportamentos ocorrem no espaço, podendo ainda, definir zonas de diferentes comportamentos. Conforme os ensinamentos da mesma autora e literatura até aqui abordada, os mapas comportamentais foram realizados considerando os seguintes critérios:

Diversidade do uso em diferentes horários do dia; características do espaço; formas de utilização e acesso; acessibilidade; interação com a paisagem; conexão entre as pessoas e seu entorno; relação entre o contexto social e cultural do espaço público; presença, ou não, de vegetação e corpos de água.

Segundo Fernandes (2017), as observações devem ser realizadas em dias e horários diversos, para se obter uma maior compreensão dos hábitos dos usuários e atividades que ocorrem no local.

Para as observações, foram pré-definidos com base no levantamento exploratório e os resultados parciais adquiridos através das entrevistas caminhadas, pontos de referências observados em um caminho a partir dos atrativos da construção. Desse modo foram identificados no percurso jardins de inspiração francesa com chafariz, canteiros simétricos e extenso gramado composto por uma gruta com pedras de quartzo, canaletes, pontes, ilha, um local para criação de coelhos na forma de um pequeno castelo e um bosque onde predominam eucaliptos com dois lagos e vias sinuosas, projetado provavelmente no final da década de 1870 (SCHWANZ e CALDEIRA, 2013). A figura 3.5 mostra os pontos de referência observados e o trajeto percorrido em todas as observações

Pontos de referência para as observações comportamentais



Figura 3.5– Pontos de observações comportamentais no Parque da Baronesa. Fonte: Google Maps (2022). Organização: Tulio Souza

O trajeto de observações é iniciado no Portão de entrada do Parque, situado na Avenida Domingos de Almeida, em direção à rua Menna Barreto, contemplando a observação do Playground, o chafariz na entrada, a calçada que leva até o museu, academia e o castelinho de pedra. Continuando a caminhada em direção à rua Alcides Terres Diniz, é contemplado a academia, casa de banhos e alguns bancos situados na trilha a caminho do lago artificial. Andando em sentido norte, em direção à Avenida Domingos de Almeida, foi contemplada a ponte sobre o lago, também uma vista mais abrangente da área da casa de banhos e o chafariz na entrada. Andando em sentido oeste, na direção da Avenida São Francisco de Paula, foi possível observar a área da Secretaria de Qualidade Ambiental, a gruta ali presente e também parte da área do Playground. Seguindo pela São Francisco de Paula, em sentido sul, para a rua Mena Barreto, é possível contemplar a trilha que leva até a saída situada na mesma rua, uma vista mais abrangente do lado leste do Playground e por fim o castelinho de Pedra e seus usos ao seu redor. A caminhada termina quando o observador se encontra novamente na entrada situada na Avenida Domingos de Almeida, andando pela única calçada do Parque, que passa na frente do Museu da Baronesa.

As observações ocorreram durante o final do verão, conforme a figura 3.6:

Dia 03/3	10 horas da manhã/ 16 horas
Dia 04/3	16 horas
Dia 07/3	10 horas da manhã
Dia 10/3	18 horas
Dia 09/4 (Sábado)	16 horas
Dia 24/4 (Domingo)	16 horas

Figura 3.6 - Dias e horários das observações comportamentais. Fonte: organizado pelo autor.

Vale destacar que o horário das 16 horas foi o mais observado, e escolhido para os finais de semana, pois com base no levantamento exploratório e nas observações realizadas, viu-se que este era o horário que havia uma maior concentração de pessoas no Parque. É importante citar também que durante a observação do Domingo (24/4), foi visto um cadeirante no Parque que foi procurado para responder questões sobre acessibilidade espacial e as suas percepções sobre o espaço.

Os usuários são identificados nos mapas comportamentais por características, primeiramente identificados por gênero e faixa etária, sendo que posteriormente, à medida que forem aparecendo, novas características podem aparecer, como por exemplo, uma pessoa cadeirante. O gênero e a faixa etária foram definidos pela cor que o ponto é marcado, a figura 3.7 a seguir, apresenta as cores definidas para cada tipo de usuário.

Mulher		Homem	
Adulta	●	Adulto	●
Idosa	●	Idoso	●
Adolescente	●	Adolescente	●
Criança	●	Criança	●

Figura 3.7 - Cores definidas para identificar gênero e faixa etária nos mapas comportamentais. Fonte: Organizado pelo autor.

Posteriormente são marcados os tipos de uso, pré-definidos através de observações comportamentais no levantamento exploratório, registros fotográficos e também e resultados parciais adquiridos através das entrevistas caminhadas. Os tipos de uso e apropriação são identificados pelo símbolo no ponto sendo eles:

Cadeirante	
Caminhando	
Correndo	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Fotografando ou sendo fotografado	
Em pé no lugar	
Brincando	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Deitado no chão	
Trabalhando	

Figura 3.8 - Tipos de uso utilizados na marcação dos mapas comportamentais. Fonte: Organizado pelo autor.

Os pontos foram marcados no mapa disponibilizado pelo *software Google Earth*, distribuídos de acordo com os registros realizados, marcando cada tipo de uso próximo ao seu ponto de referência. Vale destacar que estes tipos de uso não mostram o início ou término da atividade, somente o registro da observação. Por exemplo, se foi observado um homem adulto andando com uma criança do sexo feminino perto da gruta, são marcados no mapa dois círculos próximo a gruta, sendo um círculo da cor vermelha e um círculo da cor azul.

Juntamente com levantamento comportamental, foram realizados durante as observações, registros fotográficos que serviram como apoio às observações, a fim de observar as características físicas do Parque e também registrar diferentes formas de uso e apropriação que ali ocorrem. O Levantamento fotográfico foi desenvolvido seguindo os seguintes critérios de análise, tendo por base os elementos identificados no referencial teórico.

- Existência de barreiras: físicas ou informativas: identificação dos elementos que impedem ou restringem a percepção, compreensão, circulação ou apropriação por parte dos usuários dos espaços e atividades, juntamente com os obstáculos de ordem social e psicológica que impedem seu uso efetivo
- Identificação das características físicas e necessidades espaciais dos usuários.
- Identificação das estratégias que foram utilizadas no Parque visando inclusão social e autonomia na utilização do espaço e seus mobiliários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é constituído através de múltiplos métodos e colaboradores, contando com diversas formas de abordagem, coletando opiniões, fotografias e resultados de entrevistas caminhadas realizadas com usuários do Parque. Estes dados coletados foram agrupados e analisados de acordo com suas categorias pré definidas no planejamento de cada método, a partir dos estudos expostos no referencial teórico e comentados na p. 57. Os resultados foram organizados de modo a nortear as interpretações, definindo os temas abordados ao decorrer do presente capítulo.

Categoria memória: Um espaço de trocas de sentimentos e sensações diferenciadas, onde as memórias passadas são capazes de refletir sentimentos, na mesma proporção que as memórias do presente.

É triste o quanto não pensamos sobre os lugares nos quais estamos, nos quais vivemos. Foram tantas lágrimas onde hoje estão as nossas risadas (Frase enviada no ano de 2020 por um usuário do parque não identificado).

O Parque da Baronesa está em atividade há somente 24 anos (PMP, 2021), mas sua existência como moradia é centenária (PMP, 2021). Com base nisso pode-se dizer que este espaço foi constituído para satisfazer as necessidades de quem iria morar ali em um contexto histórico e social bem diferente do que se encontra atualmente. O relato trazido por Schwanz e Caldeira (2013), apresenta a real finalidade de alguns pontos específicos do Parque que serviram inclusive como ponto observações comportamentais no mapeamento:

[...] no alto da casa mandou erguer uma torreta com janelas para os quatro pontos cardeais [...] Ao redor da propriedade, mandou abrir um canal, que proveu de uma gôndola com lanternas, e um escravo de libré que fazia de gondoleiro para levar [...] para passear pelo jardim, como se estivessem em algum lugar diferente que a cidade que crescia à base do trabalho duro e inumano das charqueadas [...] Inventou, enfim, um mundo à parte, recorte delicado de uma realidade que a baronesa conhecia. Inventou para a esposa, sem saber, o primeiro parque temático do Brasil. (SAUERESSIGEM, 2010, apud SCHWANZ e CALDEIRA, 2013).

Segundo Schwanz e Caldeira (2013), a lembrança é uma reconstituição do passado com base em alguns dados obtidos através do presente, sendo que muitas vezes pode-se incorporar em suas próprias lembranças, as lembranças de outros indivíduos. Para os autores, a reconstituição da memória coletiva é fundamental para a manutenção da vida social, podendo constituir assim, o Parque Municipal da Baronesa como um espaço de memória, responsável por transmitir aos seus usuários sensações de acontecimentos e fatos históricos ocorridos ali.

Um misto de história e lazer. Pra mim sempre foi o espaço mais bacana de Pelotas. Traz uma nostalgia, tanto que sempre que volto na cidade, vou ao Parque (Frase enviada no ano de 2020 por um usuário do parque não identificado).

Para Nora (1993, p.21, apud SCHWANZ e CALDEIRA, 2013), só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. A figura 4.1 a extraída de uma nuvem de palavras proveniente das colaborações encaminhadas via *Instagram* possui a finalidade de ilustrar a aura simbólica presente no Parque da Baronesa.

A usuária GVA-3803, assim como a usuária ADR-2104 citou que seu lugar favorito é a gruta ali presente, pois quando pequena andava de bicicleta em seu entorno.

Aham, sim, e quando era criança também costumavam vir aqui pra brincar, pra andar de bicicleta, eu vinha muito aqui (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária GVA-3803, que possui deficiência cognitiva).



Figura 4.2 – Crianças brincando no topo da Gruta do Parque da Baronesa, durante as observações comportamentais do dia 24/04/22 Fonte: Acervo pessoal, 2022.



Figura 4.3 – Criança brincando na gruta durante as observações comportamentais do dia 9/04/22. Acervo pessoal, 2022.

Como pode ser visto nas figuras 4.2 e 4.3, a gruta é de fato um lugar bastante procurado por crianças, algo que também foi notado durante as observações comportamentais (ver apêndices G, H, I e J), onde os registros de crianças em torno e no interior da mesma foram frequentes.

Explica Tuan (2005) que é durante a infância que começam a ser passados aos indivíduos os sentimentos de repulsa ou atração por lugares, e estes sentimentos vão determinar a vivência em seu interior durante toda a sua vida. Sendo assim a gruta, um lugar atrativo e capaz de gerar entretenimento para crianças, servirá no futuro como um lugar nostálgico capaz de gerar conforto.

Algo que foi citado pela entrevistada ADR-2104, que aprecia a gruta desde a sua infância e sempre procura sentar-se próximo a ela nos dias de hoje quando vai ao Parque. A mesma entrevistada apontou que o lugar do parque que ela menos gosta são os containers que abrigam seus banheiros públicos, pois estes cobrem a visão da gruta na entrada da avenida Ferreira Viana (Figura 4.4).



Figura 4.4 – Containers que abrigam os banheiros públicos do Parque da Baronesa. Fonte acervo pessoal, 2022.

A entrevistada CLI-2903 relembrou ensaios fotográficos que realizava no Parque na época em que atuava como modelo. A prática de ensaios fotográficos na Baronesa é uma atividade comum, sendo registrada em grande parte dos mapeamentos comportamentais, uma forma de utilizar as áreas mais atrativas do Parque para guardar as suas próprias memórias, seja em ensaios de casamentos, aniversários, formaturas ou até mesmo fotografias profissionais (Figura 4.5).

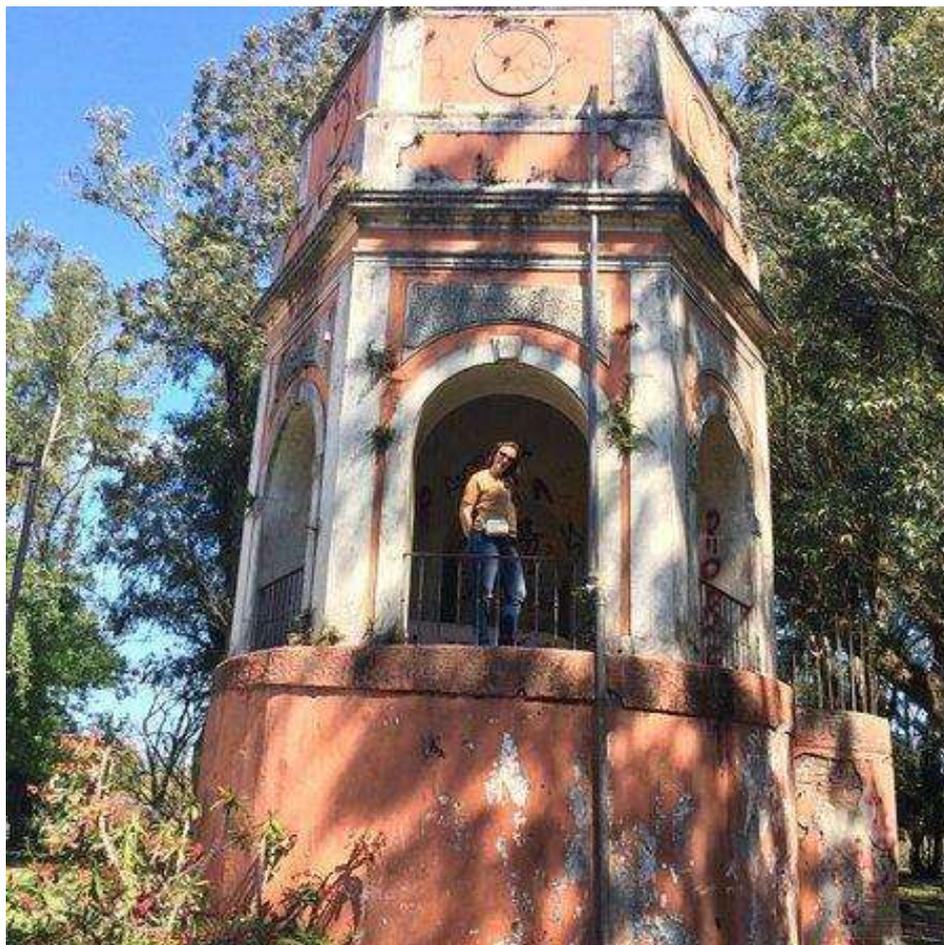


Figura 4.5 – Usuária do Parque posando para fotografia na Casa de Banhos. Fonte: <https://partiuferiado.com.br/atracoes/museu-municipal-parque-da-baronesa-em-pelotas-rio-grande-do-sul/> . 2022.

O apego às memórias por usuários, através de lembranças sobre amizades e passeios com a escola durante a infância foram citados pelos entrevistados nas caminhadas e nas frases obtidas, sendo registrado também nas observações comportamentais e no levantamento fotográfico. Porém o Parque da Baronesa, por conter uma herança histórica que relembra os tempos em que a escravidão era um ato legal no país, pode gerar nos seus usuários um sentimento de repulsa, principalmente se tratando de pessoas pretas, significando para muitos deles, o ato de fotografar momentos felizes em seu interior, uma prática mórbida. Este tema será abordado a seguir na categoria Identidade com a história do Parque.

(SCHWANZ e CALDEIRA, 2013). Com base nas escritas consultadas pelo mesmo autor, é possível entender pelas palavras da Baronesa Zilda Maciel como se dava o seu real funcionamento.

Então os empregados levavam baldes de água quente da cozinha para lá e eu me dava ao luxo de tomar banho de chuva quente, toda vida. Banho de chuva quente. (Relato de Zilda Maciel, adaptado de SCHWANZ e CALDEIRA, 2013).

Os dados coletados através da realização das entrevistas caminhadas mostram que o conhecimento da história de Pelotas como um todo, e a sua ligação com o período da escravidão, não faz parte das preocupações de parte dos pelotenses. No Parque da Baronesa isto não é diferente, quando questionados sobre a história do Parque os usuários relatam não a conhecer e quando conhecem, alegam que estas informações não foram adquiridas através de fontes oficiais nem de informações provenientes da Prefeitura. Na palavra de todas as entrevistadas isto é uma falha da administração do Parque, que poderia investir mais em eventos e encontros que tratam desta temática, a fim de atrair um público maior para a área de lazer.

Esta temática foi discutida em todas as entrevistas caminhadas durante as perguntas do Bloco 8, onde era questionado se o usuário conhecia a história do Parque e se estas informações poderiam ser motivo de maior atração ao Parque. A partir das respostas foi solicitado aos entrevistados sugestões de como essa temática poderia ser tratada no Parque. Interessante é citar que os participantes sugeriram várias atividades e eventos buscando lembrar os acontecimentos ali ocorridos na época da escravidão de modo a resgatar esta história perdida.

Eu acho importante sim, eu acho importante até por que eu sou negra e é a história dos meus ancestrais, eu acho importante sim se falar e localizar locais onde estiveram presentes, onde eles viveram entre aspas, por que faz parte da história tem que se contar, tem que se falar, tem que estar registrado, tem que ter registro. (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Segundo a entrevistada ADR-2104, dentro do Museu, são lembrados os escravos que viviam naquela localidade em condições sub-humanas. Porém, o problema de se ter tais informações somente na área do Museu é que este acesso é pago e muitas pessoas passam pelo Parque e não acessam o Museu, ficando assim desinformados. Dessa forma, pode-se supor que os maiores frequentadores do

Parque que é o povo Pelotense, os moradores do bairro Areal e arredores e mesmo os turistas reconheçam o real significado daquele espaço. Pode-se até mesmo supor que, ao saber que essas informações estão sendo omitidas, os frequentadores possam mesmo desenvolver um sentimento de repulsa aquele local.

É válido destacar que durante as observações dos mapas comportamentais do dia 24/04, estava acontecendo na frente do Museu um evento independente sobre cultura negra, organizado por entidades externas ao parque. Naquele dia ocorreram apresentações artísticas de música e dança, relembrando os ancestrais e os povos que por ali passaram. Foi possível identificar que esse tipo de evento é bem aceito pelos usuários da Baronesa, explicando assim, o registro de uma grande concentração de pessoas na frente do Museu nesse dia. (Ver apêndice J).

Eventos semelhantes a este citado acima, foram sugeridos pelos entrevistados quando questionados sobre quais tipos de eventos atraíram pessoas ao parque. Como a entrevistada ANI-2603 que acredita que as aulas de capoeira que ali são realizadas são uma forma muito importante de manifestação cultural dentro do Parque.

..., mas isso aí seria bom, a capoeira e explicarem que na época, né, era uma maneira deles se expressarem. Tem vários projetos, eu acho que eles poderiam utilizar nesse espaço aqui (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária ANI-2603 que possui limitações motoras e anda com auxílio de uma muleta).

Segundo Meza (2020), esta pode ser uma maneira de reapropriação do espaço por parte da população negra residente na cidade de Pelotas, que é a maioria no município, resultado de um período em que Pelotas foi a cidade com o maior número de escravizados da província.

A entrevistada ADR – 2104 acredita que quando ocorrem feiras no Parque as pessoas gostam de participar. Eventos abertos sinalizam para as pessoas que o parque não é privado e pode ser acessado por qualquer um.

Eu acho que poderia ter, tipo feiras, agora mesmo teve uma feira agora, minha amiga participou que faz mosaico, essas feiras com artesanato e também com alguma coisa de para comer também, beber. Sempre, sempre chama, né? Barraquinha de comida e artesanato, tipo feira da pulga, assim, eu acho que como ele ficou muito tempo fechado, as pessoas não se deram conta ainda que podem vir, e como ele é muito fechado na volta só entra por ali, eu acho que também as pessoas ficam..., mas ele tem que ser assim mesmo, mas tem que divulgar como é que se acessa, pra resgatar a história tem que ter eventos eu acho (Frase retirada

da entrevista caminhada com a usuária ADR-2104 que não possui deficiência ou necessidades especiais).

Como foi visto no levantamento bibliográfico apresentado por esta pesquisa, a identidade com o lugar surge através do apego às histórias ocorridas naquele espaço, podendo ser as histórias do próprio indivíduo e até mesmo as memórias que lhes foram passadas, sendo que estas informações adquiridas através da percepção irão determinar topofilia (atração ao lugar) ou topofobia (repulsa ao lugar).

Buscar uma forma de transmitir as memórias do Parque, destacando o passado escravista, pode ser uma forma de valorizá-las. Contar esta história pode aproximar usuários que buscam estas informações, tornando o local mais frequentado e transformando-o de fato em um lugar de memória.

Categoria: Topofilia/Topofobia: À moradia que virou Museu, a chácara que virou Parque.

A gruta (Figura 4.6), até aqui apresentada como um dos pontos mais procurados do Parque da Baronesa, também pode ser compreendida por muitos como uma fonte de energia negativa.

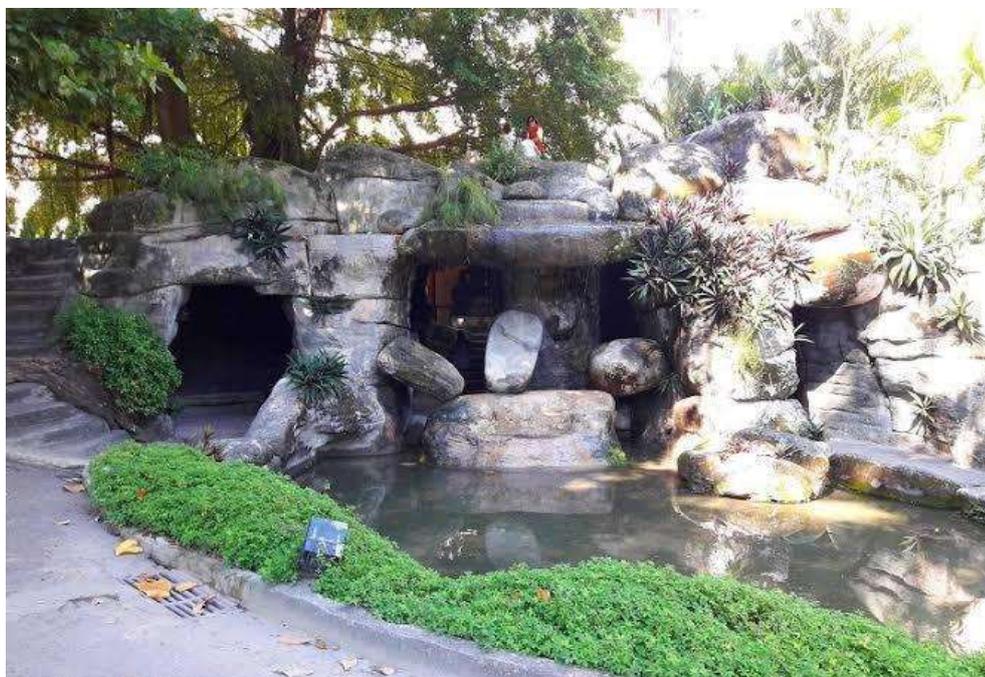


Figura 4.6 – Gruta registrada por um usuário do Parque da Baronesa. Fonte: Usuário anônimo que se propôs a colaborar com a pesquisa através de consulta pelo *instagram* (2021).

A consciência do passado torna-se um fator determinante para a atração ao lugar, pois os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores, criando assim, uma memória comum voltada para a simbologia (BARBOSA, 2008).

Achei “mo” brisa vê aquelas crianças brincando na pedra, pedra onde os escravos dormiam e ainda pensa, a baronesa era conhecida pela bondade e ainda tinha escravo e botava eles a dormir debaixo de uma pedra (Frase enviada no ano de 2020 por um usuário do parque não identificado).

Meza (2020), em seu trabalho recentemente publicado, procura desenvolver um histórico da gruta através de uma pesquisa etnográfica arqueológica, que consiste em um levantamento documental e narrativo, que procura entender o real papel da gruta e a sua ligação com a escravidão, através de consultas a documentos históricos e entrevistas com funcionários do Parque, descendentes de escravizados e usuários do espaço. Os resultados da autora mostram que existem muitas evidências que apontam que a gruta foi construída pelos escravos para fins de moradia, porém, não é possível tal comprovação pois não há nenhuma evidência oficial. Também não existem registros da existência de uma senzala nos terrenos do Parque.

..., se aquilo era um forno para queimar os escravos, uma espécie de cárcere, ou a casa deles, isso se deve talvez a que era a época final da escravidão, mas nós não temos registro nem diário, de aonde tinham a senzala, ou em que ano foi construída a Gruta (Adaptado de MEZA 2020, p.120.).

O presente trabalho julgou relevante apresentar tais informações sobre a gruta pois mesmo acreditando que isso possa ocorrer, não é a sua finalidade interferir no modo como seus leitores enxergam o ambiente de lazer aqui apresentado. Sendo assim, foram apresentadas experiências positivas e negativas no mesmo lugar. Tem-se aqui um exemplo de como manifesta-se a Topofilia e também a Topofobia dos usuários pelos lugares do Parque da Baronesa.

Segundo Tuan (1974, apud Barbosa, 2008), Topofilia é o elo efetivo entre a pessoa e o lugar, sendo a topofobia o seu inverso. Este ponto foi abordado no Bloco 3 da entrevista caminhada, sendo que foi questionado sobre o “lugar preferido” do usuário. Também foi perguntado sobre a existência ou não de um espaço desagradável dentro do Parque. As perguntas pretendiam entender as causas do aparecimento desses sentimentos. Nas observações dos mapas comportamentais

esta temática também foi levantada, sendo que foi investigado no método, as maneiras de interação dos usuários do parque com a sua paisagem.

Os dados coletados sobre os lugares preferidos dos usuários no Parque da Baronesa apresentam-se semelhantes. Como visto nas caminhadas, as áreas arborizadas são procuradas por muitas pessoas no parque. Essas manifestações sobre a existência de árvores podem explicar a preferência pelo Parque da Baronesa e não por outro parque da cidade.

..., eu sinto que tem lugares que o sol fica bem forte e tem vezes que o sol tá mais...Eu não o sinto na pele, então consequentemente eu devo estar na sombra. Então é bem agradável, porque eu posso, eu não sou obrigada a ficar no sol, eu posso escolher um espaço assim a sombra, temperatura que nós estamos agora, e no inverno o inverso, eu posso vim pra cá, pra comer umas laranjas, umas mexericas, me sentar no sol, me sentar e aproveitar também. (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).



Figura 4.7 – Homem idoso descansando nas áreas arborizadas do Parque da Baronesa. Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Os mapas comportamentais desenvolvidos, assim como os dados das caminhadas, mostram que as pessoas gostam de estar perto do lago, onde também há muitas árvores. Também podem aproveitar lugares onde há vegetação rasteira como o playground, onde é possível sentar à sombra, em cadeiras ou no chão.

Para tratar de topofilia e topofobia é importante analisar sempre as duas faces do lugar (TUAN, 2005). Desta forma também é importante salientar que nas entrevistas caminhadas, ao mesmo tempo em que as usuárias relatam que sempre procuram ambientes arborizados para repousar dentro do Parque, também revelam que tem medo de andar nas áreas arborizadas do Parque por medo de serem assaltadas.

Este fato pode explicar o registro no mapa comportamental do horário das 18 horas (Apêndice L), onde se verifica que próximo ao cair da noite essas áreas do parque não são utilizadas. Possivelmente as pessoas percebem que a falta de iluminação transmite uma sensação de insegurança nesse horário.

Segundo Tuan (2005), lugar é segurança, é também a liberdade que o indivíduo sente quando se apega ao lugar, este se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo de experiências felizes. Dessa forma pode-se dizer que no parque da Baronesa, sendo um espaço tão vasto, as pessoas podem ter memórias distintas em seus diferentes locais, definindo-os ou não como um lugar.

Categoria: Segurança. Segurança pessoal, mas também segurança espacial

Segundo Souza (2019), os lugares são experimentados pelos indivíduos com o intuito de amplidão, movimento e liberdade, e esse espaço experimentado se torna um lugar no momento em que o ser passa a sentir-se seguro e estável em seu entorno.

É o que eu falei, eu acho que independente se vai vim pessoas com deficiência ou não, todo espaço público tem que garantir segurança, ele tá dizendo o espaço é público é viável e aberto só que ele tem que ter viável também na segurança, né? Ninguém vai querer sair de casa para se machucar, né? (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Pessoas tendem a ser atraídas por locais com a presença de outras pessoas, o que por sua vez também auxilia na redução de ocorrências criminais através da vigilância natural exercida pelos usuários do espaço (JACOBS, 2000).

Pode ter briga aqui dentro. Eu acho também que tem os cachorros que vem sem aquele negócio na boca, né? Pouco arriscado (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária GVA-3803, que possui deficiência cognitiva).

Esta temática foi discutida durante o bloco 5 das entrevistas caminhadas onde era perguntado aos entrevistados se estes já haviam feito uma caminhada por todo o Parque sozinhos, se consideravam o espaço seguro e se existiam espaços ou equipamentos que oferecessem riscos.



Figura 4.8 – Viatura da Guarda Municipal pelotense transitando pelos terrenos do Parque da Baronesa.
Fonte: Acervo pessoal.

A figura 4.8 é um registro feito durante uma observação comportamental que mostra a viatura da guarda municipal transitando por dentro das áreas arborizadas do espaço de lazer. Apesar de contar com este reforço em sua segurança, o Parque da Baronesa não é considerado como um lugar seguro. Os usuários relatam que a falta de câmeras de segurança e também uma precária iluminação fazem com que eles não se sintam confiantes na área de lazer. Segundo Jacobs (2000) o espaço público é considerado seguro no momento em que seus usuários se sentem confortáveis

entre os demais desconhecidos que também o utilizam, algo que não foi observado no relato das caminhadas, já que as usuárias indicaram que têm medo de circular sozinhas pelo parque.

No caso da entrevistada CLI-2903, que possui deficiência visual, este medo também está ligado à sua integridade física, pois devido as suas características o espaço deve oferecer uma carga de informações diferenciadas para que esta possa circular de maneira mais segura. Isso foi abordado durante a sua caminhada pois a usuária relatou que não conseguiria utilizar os aparelhos da academia ao ar livre pois estes não possuem nenhum tipo de instruções que garanta a acessibilidade e isso poderia ocasionar acidentes.

O Parque da Baronesa tem sido considerado como um lugar perigoso, sendo que esta construção social não está presente só no imaginário dos usuários, mas também nas constatações dos funcionários do Parque. Um fato marcante a ser citado é que durante as observações comportamentais do horário das 10 da manhã, um funcionário do Parque aconselhou que o autor desta pesquisa não andasse pelas áreas arborizadas, devido ao histórico de ocorrência de assaltos naquela área.

De fato, não ocorreu nenhum ato violento durante a realização dessa pesquisa, mas este “perigo iminente” é reconhecido pelos usuários do Parque em horários de pouco movimento no espaço (Ver apêndice L). A identificação desse risco pode justificar a concentração de pessoas somente em locais como o Playground, área em frente ao Museu e a academia ao ar livre, onde a presença de vegetação é menor e a visibilidade não é prejudicada. Reis et al (2016) apontam que a existência de visibilidade deve ser considerada quando se pensa em segurança dentro de Parques Urbanos, de maneira a reduzir os espaços que possam servir como esconderijos para criminosos.

A entrevistada ANI-2603 que possui limitações motoras e anda com auxílio de uma muleta também relata zelar por sua integridade física e sentir-se insegura ao transitar por dentro do parque, devido aos desníveis no piso e também obstáculos que podem dificultar sua passagem e o apoio de sua muleta (Figura 4.9).



Figura 4.9 – Registro do momento em que usuária com limitações espaciais teve seu caminho bloqueado pelo desnível do piso do Parque da Baronesa. Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Como visto na figura 4.9, qualquer ambiente pode oferecer riscos e a percepção de segurança pessoal vai depender das características físicas de cada usuário. Um planejamento que utiliza o desenho universal visa a integridade física dos usuários de maneira geral, minimizando o risco de acidentes e tornando equipamentos e espaços mais seguros a todas as pessoas. Além disso, a percepção do ambiente pode mudar de acordo com a característica de cada um, este tema será discutido na categoria a seguir.

Categoria: Característica física do usuário: Diversidade humana.

Dorneles (2014, p.60), utiliza o termo “diversidade humana” para referir-se às diversas características físicas que os usuários dos espaços públicos podem apresentar.

Apesar de ser deficiente visual sempre sou grata pela minha vida, estou muito grata, porque eu tenho uma história de muitas coisas ruins assim, mas eu tô, eu agradeço porque eu tô viva. Eu só perdi a visão, só isso, eu tenho capacidade para muita coisa (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), da população brasileira acima de 2 anos, pelo menos 17,3 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência. Dessa parcela de pessoas, a maior parte não tem acesso efetivo à participação de qualquer atividade coletiva, principalmente as que ocorrem em espaços livres públicos como o Parque da Baronesa (SAVI e HESPANHOL, 2017).

..., não sei se vocês prestaram atenção, ..., mas quantas pessoas deficientes visuais vocês viram na rua, no trajeto que fizeram até aqui? ... As pessoas não saem para rua, como eu te falei. Os deficientes visuais, eles são muito solitários... (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Segundo Dorneles (2014), existe uma falsa crença de “homem padrão” que se estabelece no imaginário das pessoas ao desenvolver projetos. Essa incompreensão segrega as pessoas no uso de espaços e equipamentos pois as pessoas são diferentes entre si.

Durante uma das observações comportamentais do Domingo (24/4) foi visto um cadeirante no Parque, que foi procurado para responder questões sobre acessibilidade espacial e as suas percepções sobre o espaço. O homem idoso utiliza cadeira de rodas pois teve uma das pernas amputadas (Figura 4.10).



Figura 4.10 – Homem idoso amputado que utiliza cadeira de rodas para a sua locomoção observa o movimento e reclama da falta de banheiros acessíveis. Fonte: acervo pessoal, 2022.

Este homem que concordou em ser fotografado, relatou que naquele momento estava precisando utilizar um banheiro, mas não podia utilizar pois estes não possuem estrutura adequada para uma cadeira de rodas, nem rampa para lhe permitir sua entrada (Figura 4.11).



Figura 4.11 – Banheiros públicos do Parque da Baronesa sem acessibilidade, mesmo após a requalificação. Fonte: acervo pessoal, 2020.

Como pode ser observado na figura 4.10, os banheiros do Parque da Baronesa encontram-se em total discordância com NBR 9050 (ABNT, 2020), que prevê que as portas devem possuir um vão livre de 0.80m e altura mínima de 2,10m. Além disso, também é válido destacar que o mesmo não possui rampa adequada, algo consideravelmente crucial para o acesso de pessoas com limitações motoras, a exemplo do cadeirante supracitado.

Com base nisso, pode-se dizer que os projetistas não utilizaram nenhum princípio do desenho universal ao pensar nos banheiros do Parque da Baronesa. Um espaço de lazer que poderia ser utilizado por um amplo leque de Diversidade Humana, principalmente aos finais de semana (Ver apêndices I e J), ocasionando limitações em seu uso. Conforme a OMS, a deficiência nas pessoas é resultado de um diferencial fisiológico no contexto social e cultural. Mas, a limitação ou a incapacidade só ocorre devido às condições do ambiente em relação às características das pessoas.

Foi com base nas limitações de usuários que o bloco 2 das entrevistas caminhadas foi constituído, sendo que este tratava das restrições que os entrevistados tiveram ou poderiam ter ao utilizar áreas de lazer. Pode-se dizer que a dificuldade de acesso e utilização ocasionado por conta das características físicas dos entrevistados, fica aparente em todos os dados coletados nas caminhadas, mas principalmente nos dados registrados sobre a usuária deficiente visual e também a entrevistada que utiliza muletas em sua locomoção.

Por que por exemplo, se eu vou para ali e já tem buraco ali, ou assim um buraquinho perto do outro ali já me desequilibro e caio, e até mesmo um deficiente visual né, daí cai mesmo (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária ANI-2603 que possui limitações motoras e anda com auxílio de uma muleta).

Dessa forma pode-se dizer que o Parque da Baronesa, mesmo após a requalificação apresenta problemas de acesso e circulação e não fornece informações suficientes para o uso dos mais diferentes tipos de pessoas. Esse é um dado importante para esta pesquisa, já que a mesma trata de inclusão social e devido a esses problemas, muitas pessoas podem desistir de frequentar o Parque da Baronesa. Tal evidência pode ser notada na fala da entrevistada CLI-2903, que possui deficiência visual, quando a mesma cita que pessoas com deficiência visual querem ter autonomia nos espaços públicos, sem necessidade de ajuda por parte de usuários desconhecidos. Essa é uma realidade pouco encontrada em parques urbanos, fazendo com que esta parcela da população permaneça em casa, evitando frequentar espaços públicos por medo de acidentes.

A falta de sinalização também foi lembrada pelas entrevistadas nas caminhadas. CLI-2903 relatou que para se sentir autônoma dentro do Parque da Baronesa precisaria de um piso tátil e também algum tipo de sinalização audível.

Além disso, também foram lembradas a necessidade de sinalização que indicasse o caminho das trilhas e informações que facilitam seu acesso.

A entrevistada GVA-3803, que possui deficiência cognitiva relatou nunca ter andado além da área da gruta e do playground no Parque da Baronesa, pois tem medo de se perder durante o trajeto, algo que poderia ser evitado se o caminho fosse mais iluminado e informativo. Segundo Dorneles (2014), se o ambiente é hostil, as pessoas tendem a não criar respeito e identidade, colaborando para a deterioração do ambiente.

A falta de bancos também foi evidenciada pela entrevistada ANI-03, já que a mesma possui limitações em sua locomoção ocasionando-lhe cansaço durante o trajeto. Ao sair da área do Playground em direção à academia ao ar livre, não haviam bancos desocupados e a entrevistada precisou caminhar apoiando-se em seu filho que acompanhava a entrevista (Figura 4.12).



Figura 4.12 – Usuária com dificuldade de locomoção no Parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2022.

O problema representado na figura acima vai ao encontro de todos os outros aqui já listados, pois estes obstáculos ocasionam em seus usuários um sentimento negativo em relação ao espaço, ou seja, topofobia (TUAN, 2005). Segundo Dorneles (2014), se o usuário considerar o ambiente receptivo e amigável para a sua utilização e acesso, a aceitação do espaço por parte das pessoas é facilitada, criando significados. Desse modo, pode-se dizer que adequando os espaços do Parque da Baronesa, baseado nos princípios do desenho universal, que visa autonomia na prática de atividades sem nenhum tipo de segregação, a relação das pessoas com o ambiente seria melhorada, facilitando assim a topofilia (TUAN, 2005).

Estudos apontam que o sucesso ou fracasso dos parques está diretamente ligado a fatores que facilitam um melhor acesso, utilização, conforto e autonomia (REIS, et all, 2016). O Desenho Universal amplia esta discussão pois, além de cumprir as normas legais de acessibilidade, como por exemplo a NBR 9050/2020, possui em sua filosofia a compreensão das necessidades dos usuários e da relação da pessoa com o ambiente (Dorneles, 2014). A seguir, serão conhecidos os aspectos da acessibilidade espacial do Parque da Baronesa, as características de sua infraestrutura e como isso poderá influenciar nas maneiras de uso e apropriação dessa área pública de lazer.

Categoria: Desenho Universal e acessibilidade espacial: Acesso Universal

Este tema foi abordado durante os blocos 6 e 7 das entrevistas caminhadas, onde era perguntado sobre a possibilidade de acesso e utilização do espaço por qualquer tipo de pessoa, e também sobre os equipamentos do seu mobiliário.

Exatamente, até por que quando se trata de deficiente visual há um pensamento muito pequeno em achar que quando coloca um piso tátil, você resolveu o problema do deficiente visual, não, não resolveu, além do piso tátil, eu preciso saber outros problemas que eu poderia encontrar e ter estabilidade para mim resolver nesse nesse trajeto, tá. (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Isso permitiu confirmar a avaliação dos problemas encontrados no Parque durante levantamento exploratório, possibilitando também uma sensibilização com o

tema Desenho Universal, que já estava presente nesta pesquisa em teoria, mas que foi aprofundada através da prática, com os usuários e a sua realidade.

Inicialmente é importante citar que o único caminho considerado nas caminhadas como acessível no Parque da Baronesa, é um curto trajeto que leva da entrada do parque (figura 4.13), até a entrada do Museu (Figura 4.14).



Figura 4.13 – Calçamento considerado acessível pelos usuários do parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2020.



Figura 4.14 – Fim do calçamento considerado acessível pelos usuários do parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2020.

Apesar da forte insistência na obtenção do projeto de requalificação, a Prefeitura não apresentou esse planejamento. Mas, com base nas informações obtidas sobre essa intervenção no Parque indica que a intenção era incluir aspectos de acessibilidade espacial. No entanto, é possível concordar com Andrade e Bins Ely (2016) que isso ocorreu de forma incompleta. Os autores citados apontam que na cidade de Pelotas o programa “Monumenta” pensou na acessibilidade, mas ações ocorreram de forma isolada, atendendo muitas vezes somente um dos componentes de acessibilidade, tornando-os pouco eficazes e impossibilitando o acesso de algumas pessoas.

Como no exemplo apresentado nas figuras 4.13 e 4.14, foi executada uma calçada com um piso tátil, mas como apontado pela entrevistada CLI- 2903, que

possui deficiência visual, essa calçada não lhe oferece autonomia em sua caminhada pois o seu início não está sinalizado e o seu fim, que também não está sinalizado é em um desnível na grama. Vale destacar ainda que a entrevista caminhada com essa usuária, acompanhando o piso tátil, foi interrompida pois a mesma se chocou com os galhos de uma árvore que se encontrava a beira da calçada e não teve os seus galhos podados. É importante comentar que, mesmo que essa caminhada ocorresse com a participação do pesquisador e do fotógrafo, os galhos não foram percebidos a tempo pelos acompanhantes.

Também é necessário destacar que durante as observações foi visto que a viatura da Guarda Municipal Pelotense, identificada aqui como um ponto positivo para a segurança do Parque, encontrava-se estacionada sobre o piso tátil, constituindo-se como uma barreira na caminhada no horário das 16 horas (Figura 4.15).



Figura 4.15 – Viatura da Guarda Municipal estacionada em cima do Piso Tátil no parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2022.

O fato aqui representado na figura 4.15, é algo muito sério, pois demonstra que tratar de acessibilidade e eliminação de barreiras não é algo simples e muitas vezes as próprias pessoas não compreendem a profundidade do problema. Também aponta para o fato da falta de uma educação para a acessibilidade em espaços públicos, quando se trata de servidores públicos, que deveriam ser os primeiros a respeitar a sinalização. Segundo Savi e Hespanhol (2017), a acessibilidade é um conceito amplo que supera o senso comum da simples necessidade de uma rampa, algo que foi bem lembrado pela entrevistada CLI-2903, ao apontar que acessibilidade para deficientes visuais era muito mais que um piso tátil, pois como visto acima, muitas vezes há um piso tátil, mas a circulação pode ser interrompida por outros fatores, como a inadequada manutenção da vegetação ou obstáculos presentes sobre o piso.

Em relação ao uso da academia ao ar livre, pode-se dizer que esta é reconhecida pelos usuários com dificuldade de locomoção entrevistados como um espaço excludente, já que, além do piso tátil não chegar até esse lugar, a calçada foi considerada muito lisa pelas usuárias, sendo que esta não possui sinalização tátil e nenhuma rampa para acesso.

Com base nas entrevistas caminhadas e nas observações comportamentais, pode-se dizer que a utilização dos aparelhos da academia também está comprometida, já que estes não são fáceis de manusear, com aparelhos considerados altos pelos usuários, impossibilitando seu uso a pessoas cadeirantes.

Além disso, não existe no local instruções acessíveis a deficientes visuais, ocasionando então, uma segregação à esta forma de uso do Parque da Baronesa, destinada somente ao dito “Homem padrão”. Isso pode ser constatado nos mapas comportamentais, onde se verificou que a academia funcionava mais como um local de brincadeiras para as crianças (Figura 4.15).



Figura 4.15 – Academia do Parque da Baronesa sendo utilizada por adultos e crianças. Fonte: acervo pessoal, 2022.

Ainda tratando da academia apresentada acima, é válido citar que a entrevistada GVA-3803, que possui deficiência cognitiva, mesmo relatando já ter ido ao Parque da Baronesa algumas vezes após a sua requalificação, não sabia da existência de uma academia no Parque. Isso corrobora a percepção do autor, que identificou a falta de sinalizações e informações que demarquem os caminhos no Parque até as “atrações” oferecidas. Algo muito importante no ponto de vista da acessibilidade espacial, mas também reafirma as concepções presentes no DU, que advogam a importância de se obter fácil informação sobre orientação nos lugares, tornando a caminhada mais autônoma para qualquer usuário, tenha mobilidade reduzida ou não.

Segundo Andrade e Bins Ely (2016), orientar-se no espaço é uma necessidade básica das pessoas e não deve ser considerada por ninguém como um sacrifício. A falta de sinalização foi algo muito destacado em todas as caminhadas, as entrevistadas relatam que devido ao tamanho do espaço, essas informações tornam-se cruciais. Um dado importante, pois, orientação espacial não afeta somente pessoas

com deficiências, e sim a todos, independentemente de suas capacidades ou limitações (ANDRADE E BINS ELY, 2016).

E se tratando da entrevistada que possui deficiência visual, a mesma relata que precisaria de informações como altura dos equipamentos da academia e de todos os caminhos que podem ser feitos nas trilhas do parque, segundo a mesma usuária, estas informações seriam mais úteis se pudessem ser audíveis.

Ao adentrar o Parque em direção ao lago, identifica-se que o deslocamento pode ser comprometido devido à falta de calçamento e sinalização no piso (Figura 4.16).



Figura 4.16 – Trilha dos espaços arborizados do Parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2020.

Primeiramente é importante citar que somente a entrevistada CLI-2903 caminhou pela área apresentada na figura acima, as demais entrevistadas não chegaram até este ponto por motivos de cansaço físico, como o caso da entrevistada ANI-03 que não encontrou um banco para sentar-se até chegar à academia ao ar livre, ou por medo de se perder, como no caso da entrevistada GVA-3803. Observa-se aqui a falta dos componentes da acessibilidade ou dos princípios do desenho universal dificultando o acesso e a utilização dos demais espaços do Parque da Baronesa. A entrevistada que não possui deficiência não adentrou até estas áreas devido ao horário da entrevista, realizada às 17:30, horário que o Parque não está sendo muito frequentado num dia de semana.

Nas áreas arborizadas, a compreensão da entrevistada com deficiência visual sobre o espaço público foi comprometida. Após chocar-se em um galho de árvore enquanto seguia o piso tátil, a usuária passou a percebê-lo de maneira diferente, em seu imaginário, o ambiente encontrava-se em abandono e foi tomado pela mata nativa.

Eu acho que assim, se tem um mato verde, então tem que se buscar entender o porquê que este mato está aí, por que é nativa ou é porque não foi podado? não limpavam por isso que o Mato tá aqui, e por que que o mato está aqui? por que que não é limpa essa área? Tem que ser preservada por que alguns animais nativos ficam aqui ou vem para cá alguma coisa assim? Porque que nessa área o mato tomou conta? (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Como visto até aqui, o Parque da Baronesa apresenta algumas limitações no ponto de vista da acessibilidade espacial e o desenho universal, dificultando assim a inclusão social e segregando algumas formas de uso, podendo gerar nas pessoas com ou sem deficiência um sentimento de repulsa ao espaço. Conforme Savi e Hespanhol (2017), proporcionar um acesso igualitário nos espaços livres públicos é permitir que os usuários convivam e aprendam com a inclusão em diferentes esferas, melhorando as formas de interação e facilitando o uso e a apropriação. Além disso, segundo os autores, ao viabilizar a acessibilidade espacial a partir dos princípios do DU, cria-se uma condição essencial para a cidadania urbana, um princípio básico para se alcançar uma sustentabilidade social inclusiva.

Categoria: Uso e apropriação: Um espaço de cultura e lazer inclusivo para todos!

Segundo Heinisch et al (2013), a apropriação do espaço pode ser compreendida como o ato de tornar algo próprio, adequando o lugar às suas necessidades individuais ou de um grupo. Segundo os autores, quanto maior o nível de identificação do usuário com o espaço, maior será o nível de topofilia. Dessa forma, os mapas comportamentais surgem como uma alternativa muito útil para identificar os diversos tipos de comportamento nos espaços de lazer, compreendendo as relações entre pessoa e ambiente, e identificando seus usos.

Apesar de reverberar uma época sombria da região, o Parque da Baronesa acabou se tornando um bom lugar para piqueniques, atividades físicas e culturais. Torço pela continuidade do

espaço para que a população se aproprie dele compreendendo o momento histórico que a construção representa (Frase enviada no ano de 2020 por um usuário do parque não identificado).

Neste trabalho a realização dos mapas comportamentais mostrou que a apropriação do Parque é grande, principalmente aos finais de semana (Ver apêndices I e J), no entanto a faixa etária que mais utiliza o espaço é composta por adultos e idosos, sendo que estes são idosos ativos que procuram a Baronesa para realizar caminhadas ou exercícios físicos e parecem não se sentir incomodados ou atrapalhados pela falta de acessibilidade no Parque (figura 4.17).



Figura 4.17 – Mulheres idosas realizando caminhada matinal no Parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2022.

Para que se tenha uma melhor compreensão dos dados obtidos com a realização dos mapas comportamentais, o presente trabalho optou por descrever as formas de uso e as maneiras de interação das pessoas com o ambiente em diferentes horários de dias da semana distintos, sendo que no horário das 16 horas, também foram feitas observações em finais de semana.

10 da manhã: Espaço diverso no ponto de vista de gênero e faixa etária, sendo que a parcela de crianças comparado ao número de adultos e idosos presentes no parque, é bem menor. Destinado a repouso, passagem, lazer de crianças e à prática

de exercícios físicos. Sendo que o exercício mais praticado, identificado nos dois mapas comportamentais feitos neste horário, foi a prática de caminhada.

Os equipamentos da academia ao ar livre são utilizados, mas por uma quantidade bem menor comparado ao número de adultos e idosos caminhando. Sendo assim, este pode ser definido como um horário de idosos fazerem caminhadas no Parque. É válido destacar que durante a parte da manhã os funcionários responsáveis pela manutenção do Parque trabalham (Figura 4.18).



Figura 4.18 – Homens trabalhando no Parque da Baronesa. Fonte: acervo pessoal, 2022.

16 horas: Lugar de repouso, lazer e interação social, a prática de exercícios físicos também é muito presente. Aos finais de semana, eventos culturais e atividades para adolescentes são oferecidas e organizadas por grupos privados (figura 4.19). Devido ao maior número de usuários presentes no local, pode-se dizer que as pessoas se sentem seguras a frequentar todas as áreas do parque, principalmente as áreas consideradas perigosas pelos entrevistados nas caminhadas.



Figura 4.19 – Atividade “tamborada” registrada por um usuário do Parque da Baronesa. Fonte: Usuário anônimo do Instagram que se propôs a colaborar com a pesquisa, em 2021.

A utilização do parque neste horário assemelha-se muito em todos os dias observados, a diferença é que devido ao maior número de usuários, estes usos ocorrem em todos os pontos observados, em todas as suas áreas. Nos finais de semana a presença de corpos d’água, que são utilizados apenas para contemplação, pode ser um ponto determinante para a concentração de pessoas, como registrados nos dois mapas comportamentais (ver apêndices I e J). A área do entorno da ponte e também do lago está ocupada por pessoas que se sentam na grama para fazer piqueniques, usuários que deitam para descansar e também pessoas que se exercitam em caminhadas ao ar livre ou pedaladas nas trilhas ali existentes.

A figura 4.19 a seguir, mostra o playground, uma das áreas mais utilizadas por usuários no Parque da Baronesa às 16 horas (Ver apêndices G, H, I e J), a captura foi feita durante as observações comportamentais em um sábado.



Figura 4.19 – Playground do Parque da Baronesa e seus frequentadores. Fonte: acervo pessoal, 2022.

18 horas: Menor concentração de pessoas. Idosos e casais acompanhados de seus filhos aproveitam o horário para passear ao ar livre e exercitar-se, além da utilização do playground para o lazer infantil. Áreas mais afastadas como a do lago e da ponte, não estavam sendo utilizadas no momento da observação, sendo indicativo da pouca segurança que o parque oferece aos seus usuários.

Pode-se dizer que nas entrevistas caminhadas os resultados obtidos a respeito dos tipos de uso e apropriação dos usuários, assemelham-se com os resultados até aqui apresentados. Atividades como piquenique, caminhadas, lazer e repouso foram citadas durante as entrevistas, com base nas caminhadas também pôde se ter uma confirmação sobre os ambientes mais atrativos para a realização das atividades

citadas. Áreas com vegetação e árvores foram as mais citadas quando se trata de repouso ou relaxamento. Também são destacados pelas usuárias o contato com a natureza e também os pássaros ali presentes, algo atrativo para realizar práticas de yoga, como lembrou a participante ADR.

A entrevistada ANI-2603 que possui limitação motora, relatou seu desejo de poder realizar suas atividades de pilates ao ar livre no Parque, porém como andar por dentro do Parque lhe parece um pouco difícil, pondera que isto não pode acontecer.

O que eles mandaram eu fazer é pilates, quer lugar melhor que esse aqui pra se fazer pilates? (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária ANI-2603 que possui limitações motoras e anda com auxílio de uma muleta).

A possibilidade de ocorrência de outras formas de uso e apropriação no Parque também foi discutida neste bloco das entrevistas caminhadas, as usuárias possuem concordância quando se trata de falta de divulgação sobre o Parque, segundo elas, se houvessem mais eventos públicos com forte divulgação no espaço, o local seria mais frequentado. Uma das participantes, inclusive, acredita que o Parque deveria ter a função de transmitir as informações históricas em todo o seu trajeto.

Barraquinhas vendendo comida e pontos de táxi também foram reclamados por pelo menos duas entrevistadas. De fato, não há comércio de alimentos no Parque durante a semana. Entretanto, nos finais de semana foram vistos ambulantes, pipoqueiros e vendedores de outros alimentos (figura 4.20). Nos mapas comportamentais dos dias XX e XX, a presença desses trabalhadores é identificada com a letra T.



Figura 4.20 – Vendedoras de pipoca no Parque, no domingo às 16 horas. Fonte: acervo Pessoal

Segundo Savi e Hespanhol (2017), um ser social cria diversas relações através de um convívio harmônico com os outros indivíduos e o ambiente de acordo com as condições e recursos que lhes são disponibilizados, sendo que isso reflete diretamente na qualidade de vida nos espaços públicos e na maneira como eles são utilizados. Sendo assim, se o Parque da Baronesa atingisse as condições necessárias para um acesso adequado, sem segregação no uso de seus equipamentos e mobiliários, as ideias sobre inclusão social estariam presentes no espaço desde a sua etapa de projeto, familiarizando os usuários com o tema e tornando as experiências coletivas entre os diversos tipos de pessoas mais comuns na área de lazer.

Categoria: Parque como experiência coletiva (cultural ou física)

Esta temática foi discutida durante o último bloco do roteiro das entrevistas caminhadas, onde era perguntado sobre a possibilidade de se fazer amizades dentro do Parque e também se o espaço oferece alguma forma de interação social para que isso ocorra naturalmente. Além disso, nos mapas comportamentais também foi abordada a temática do ponto de vista da conexão entre as pessoas e seu entorno, e a relação entre o contexto social e cultural do espaço público.

Como visto até aqui, as atividades coletivas realizadas no Parque da Baronesa são em grande parte feitas de maneira independente, seja por conta de grupos culturais, ou como no caso do sábado observado no mapeamento comportamental, grupos de escoteiros que estavam espalhados pelo espaço inteiro (Ver apêndice I).

A partir dos comentários coletados das entrevistas caminhadas pode-se dizer que as pessoas se conectam no parque somente com seus entes conhecidos. Isso também é observado nos mapas comportamentais, onde a presença de grupos de pessoas é marcante, sendo que estes grupos se encontram separados e relacionam-se somente entre si.

No entanto, durante as observações dos finais de semana enquanto ocorriam atividades coletivas, foi visto o potencial do Parque para incentivar a junção de pessoas e a inclusão social. Mesmo em grupos as pessoas acabam se aproximando pois repousam muito próximas umas das outras. Da mesma forma que o tipo de uso pode incentivar a interação entre os usuários devido a sua identificação. Importante destacar que no domingo observado ocorreu também uma identificação étnica, já que grande parte das pessoas que participavam do evento cultural frente ao Museu nesse dia eram pretas.

Esta conexão por conta da identificação também foi lembrada pela entrevistada ANI-2603 que relatou já ter feito amizades no Parque, e que isso ocorre, pois, seu filho ao relacionar-se com outras crianças, faz com que as mães se conheçam também identificando-se por serem mães.

Sim, desde que eu me lembro, principalmente no final de semana, quando tem alguma atividade..., hoje está cheio né? Para uma quinta-feira, mas no final de semana isso deve encher muito mais. E geralmente quem tem filho, pai e mãe que os filhos começam a brincar juntos, já vão falar dos filhos. Se tu és adolescente no caso dele ali ó, se ele está com o amiguinho

dele né, aquela coisa né, aí já puxa assunto com outro que tá brincando ali (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária ANI-2603 que possui limitações motoras e anda com auxílio de uma muleta).

No entanto, não é só de identificação que se vive uma cidade, ações que promovam interação com o desconhecido podem ser promovidas, algo que foi lembrado pela entrevistada CLI-2903, que possui deficiência visual. A entrevistada citou que os deficientes visuais são muito solitários, necessitam participar de atividades em grupos, porém os mesmos permanecem em casa pois não desejam ser ajudados em todas as atividades que forem fazer fora dela. Dessa forma, o estudo destacou a importância dessas áreas serem pensadas de maneira a proporcionar autonomia para os mesmos e incentivos para a circulação de pessoas que não apresentam limitações.

As pessoas não saem para rua, como eu te falei os deficientes visuais eles são muito solitários como a gente já tinha falado, nós precisamos de outros, e esse outro tem que tá disponível, né e à disposição, então só que a gente quer andar na rua, a gente quer atividade, a gente quer participar porque nossa cabeça ferve de ideias e projetos. Claro que na minha casa eu faço tudo eu faço tudo posso até pedir depois para mandar gravar eu cozinhando vou te mandar eu faço tudo na minha casa... (Frase retirada da entrevista caminhada com a Usuária CLI-2903, que possui deficiência visual).

Conforme Savi e Hespanhol (2017), a convivência com o diferente é algo intrínseco nas cidades e se estabelece como um fator de educação nas cidades. Assim, para que uma cidade seja considerada como educadora, esta deve assumir um papel de agente direto e intencional no processo de formação de seus cidadãos, tomando para si a responsabilidade de realizar uma ação educativa que fortaleça a cidadania dos indivíduos e dos grupos que permeiam sua existência. Para que isso aconteça, espaços livres públicos precisam ser garantidos para toda e qualquer pessoa, sem barreiras.

As experiências coletivas foram citadas durante todo o percurso das entrevistas caminhadas, as entrevistadas registraram algumas atividades em grupo que já realizaram no parque, como por exemplo as aulas de capoeira oferecidas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ou as atividades no grupo de escoteiros que o filho de uma das participantes realiza. Piqueniques em família, rodas de conversa e também atividades de tamboradas que são realizadas no espaço de lazer.

Segundo Moraes et al (2018), as atividades de tamboradas consistem em relembrar as origens do instrumento chamado Sopapo, um tambor utilizado pelos escravizados na então chácara da Baronesa para aliviar o sofrimento do trabalho diário.

O instrumento que é feito com cascas de árvores e couro de animais, esteve por muito tempo esquecido. Desde 2018 ganhou um significado diferente no Museu da Baronesa, a partir da iniciativa da Secretaria de Cultura Pelotense, com a realização do Primeiro Encontro Sopapo, em novembro de 2018 (figura 4.21).



Figura 4.21 – Atividades do primeiro Encontro Sopapo realizado em 2018 no Parque da Baronesa.
Fonte: Moraes et al. 2018.

Marcante é o fato de que à medida que a vida vai retornando à normalidade com o avanço das vacinações, pós pandemia, a área de lazer vai voltando a ser utilizada como antes, porém, novas atividades ainda precisam ser pensadas. Essas ações podem ser desenvolvidas pelo poder público (Prefeitura, Universidade), ou por grupos de todo o tipo, como por exemplo, os escoteiros. Importante é saber que a história do espaço não deve ser esquecida e os seus ambientes atrativos precisam

ser conservados e preparados para receberem uma carga maior e mais diversa de pessoas.

Algumas maneiras de se utilizar espaços de lazer podem ter mudado por conta dos protocolos do distanciamento social imposto pelo COVID - 19, assim é necessário manter em mente os princípios do desenho universal no contexto atual, para se planejar ambientes saudáveis e inclusivos hoje em dia.

Categoria: Pandemia: As mudanças no comportamento a partir do avanço da COVID-19.

Nesta categoria foram abordadas as formas de utilização durante e pós pandemia que ocorrem no Parque da Baronesa. As análises iniciaram durante o levantamento exploratório, quando o Parque ainda se encontrava fechado para o acesso do público e terminaram com a realização das caminhadas e também das observações comportamentais.

Eu acho que ficou menos cheio só, porque eu acho que o pessoal aqui meio que como eles se isolam em grupos, então como a pandemia também é feita de grupos (Frase retirada da entrevista caminhada com a usuária ADR-2104 que não possui deficiência ou necessidades especiais).

Nas observações comportamentais notou-se que, no geral, as maneiras de se utilizar o espaço de lazer não se alteraram, pois as pessoas utilizam o Parque em seus grupos e relacionam-se entre eles (Figura 4.22). Sendo que o uso de máscara ainda é notado entre idosos e deficientes físicos, considerados como grupo de risco (OMS, 2020).



Figura 4. 22 – Pessoas mantendo distanciamento social no Parque da Baronesa no domingo 24/4.
Fonte: Acervo Pessoal 2022

Com base na figura 4. 22 pode-se observar que mesmo após as normas da Prefeitura Municipal terem flexibilizado o distanciamento e também o uso de máscara em abril de 2022, as pessoas mantêm-se afastadas. Sendo assim pode-se dizer que as interações sociais em dias atuais podem ser dificultadas por algum receio de contaminação com o coronavírus, algo a ser pensado por planejadores e administradores do Parque. Nas entrevistas caminhadas é citada a preferência das usuárias por lugares mais arejados e afastados de outras pessoas atualmente. Algo que pode ser considerado até positivo se tratando do Parque da Baronesa, já que este conta com uma vasta estrutura arborizada e muito espaço para receber pessoas mantendo um certo distanciamento.

Algumas entrevistadas frequentaram o parque durante o tempo do distanciamento e falam que não viram diferenças nas formas de uso, somente que as atividades que ali costumavam acontecer não ocorrem mais. Sendo assim a retomada das feiras livres, atividades de dança e capoeira e os encontros de tamboradas poderão voltar a acontecer.

4.1 LEVANTAMENTO DE ARQUIVOS SOBRE AS REQUALIFICAÇÕES PREVISTAS PARA O PARQUE EM 2016: UM COMPARATIVO ENTRE O VISTO E O PREVISTO

Para a construção deste tópico foi idealizada uma busca por meio do projeto de requalificação previsto para o ano de 2016, no Parque da Baronesa. Projeto este, que consta no site da Prefeitura Municipal de Pelotas como finalizado.

Inicialmente entrou-se em contato com a Secretaria de Qualidade Ambiental que tem sua sede nos terrenos do Parque da Baronesa. Por parte da SQA não foi exitosa. Encaminhado a entrar em contato com a Secretária de Cultura da cidade, também não obteve resposta. Sendo assim, iniciou-se buscas em portais da internet que falassem a respeito do tema e trouxessem informações quanto aos aspectos inclusivos previstos para o trabalho no ano de 2016.

Após realizada esta busca, foram encontrados nove artigos que noticiam o início das obras no Parque da Baronesa, dentre eles o portal oficial da cidade de Pelotas na rede social *Facebook*, a qual divulgou um vídeo com um projeto em 3D que mostra as intervenções que estavam previstas para o ano de 2016, noticiando ainda que a primeira fase das obras já estava em andamento, onde seriam feitas alterações na iluminação, calçamento e adequação dos bancos. Ainda segundo a mesma notícia, as outras etapas do Projeto incluíam a construção de 6 quadras poliesportivas (Figura 4.23) e um auditório público (Figura 4.24).



Figura 4.23 - Quadras Poliesportivas e pistas de corridas e caminhadas projetadas para a requalificação do Parque da Baronesa no ano de 2016. Fonte: <http://www.feelstudio.com.br/projetos/parque-da-baronesa.html>, 2022.



Figura 2.24 – Auditório projetado para a requalificação do Parque da Baronesa no ano de 2016. Fonte: <http://www.feelstudio.com.br/projetos/parque-da-baronesa.html>, 2022.

As intervenções previstas na figura acima não foram realizadas até o ano do desenvolvimento desta pesquisa. Observou-se que apenas a primeira fase do trabalho (iluminação, calçamento e adequação dos bancos), foi realizada em conjunto com o Shopping Pelotas (DIÁRIO DA MANHÃ, 2016).

Ainda, segundo o Jornal Diário da Manhã (2016), os objetivos da requalificação fundamentavam-se na promoção do uso do espaço público e no incentivo à prática da convivência. Algo que também consta no site da empresa Feel Studio, que foi responsável pelo desenvolvimento do projeto em 2016, citando o desafio do projeto de melhorar as condições de permanência no espaço público, através de uma humanização do Parque. A matéria consultada não cita nenhum indício sobre adaptações ou implantações de aspectos sobre acessibilidade espacial ou inclusão social por meio do Desenho Universal.

A figura 4.25 a seguir, é uma captura de tela feita do vídeo divulgado pela Prefeitura e também pela Empresa Feel Studio. Nesta captura é possível observar que estava previsto no projeto em 2016, a implantação de uma ponte que iria melhorar o acesso das pessoas em geral, para a área que leva até o playground, pelos portões de entrada pela Avenida São Francisco de Paula.



Figura 4.25 – Representação de uma ponte facilitadora de acesso prevista para ser instalada no Parque da Baronesa no ano de 2016. Fonte: <http://www.feelstudio.com.br/projetos/parque-da-baronesa.html>, 2022.

Com base nos levantamentos realizados por esta pesquisa no ano de 2022, pode-se dizer que esta ponte é inexistente no Parque. A área ainda conta com um acesso precário nesse caminho, contando com uma ponte de pedras (Figura 4.26,), algo que pode impossibilitar a utilização das crianças, pessoas com limitações motoras, cadeirantes, mães com carrinhos de bebe, idosos, etc..



Figura 4.26 – Ponte de pedra presente no Parque da Baronesa ainda no ano de 2022. Fonte: Acervo Pessoal.

Ainda falando sobre os objetivos do projeto previsto, o Jornal Diário da Manhã publicou uma notícia, no ano de 2016, que tratava da implantação da academia ao ar livre. Segundo a mesma reportagem, o trabalho tinha o intuito de incentivar o convívio de toda a população e a utilização do espaço público pela população em geral. O investimento para esta academia foi no Valor de 50 mil reais (Diário da Manhã, 2016), e no site da empresa Feel Studio pode-se observar o seu projeto (Figura 4.27).



Figura 4.27 – Projeto da academia ao ar livre feito em 2016 pela Feel Studio. Fonte: <http://www.feelstudio.com.br/projetos/parque-da-baronesa.html>, 2022.

Ao comparar os objetivos previstos para a implantação da academia, com os resultados até aqui apresentados, pode-se dizer, que a mesma não obteve sucesso no que diz respeito a sua utilização pelo público em geral, isso pode se dar devido ao fato de que apesar do resultado final diferenciar-se do que foi projetado, os equipamentos instalados assemelham-se muito com os que constavam no projeto de 2016 (figura 4.28). Equipamentos que foram tratados pelas entrevistadas como inacessíveis e até mesmo perigosos.



Figura 4.28 – Academia ao ar livre apresentada pelo jornal Diário da Manhã no ano de 2016, ênfase para a referência do Projeto arquitetônico à empresa Feel Studio. Fonte: Diário da Manhã 2016.

A empresa Feel Studio, apesar de visar inclusão social em seu projeto e uma melhor utilização do espaço público pela comunidade em geral, não utilizou os princípios do desenho Universal nessa academia. Desta forma, não teve sucesso em seu produto, enfatizando o que já era dito neste trabalho: deve-se ter em mente o DU em todas as etapas do desenvolvimento do projeto, tornando assim seu resultado seguro, acessível e utilizável a qualquer tipo de ser humano.

Segundo dados da Prefeitura de Pelotas, no ano de 2020, iniciou-se no Parque da Baronesa uma obra de requalificação dos passeios, com a colocação de paralelepípedos nos corredores de acesso à secretaria de qualidade ambiental, Museu da Baronesa e estacionamento interno. Segundo a mesma reportagem, a acessibilidade estava prevista no projeto que foi financiado em parceria com a Secretaria de Qualidade Ambiental de Pelotas (Prefeitura Municipal de Pelotas, 2020).

Recentemente no ano de 2022, foi noticiado pelo Jornal Diário Popular que a cidade de Pelotas teria recebido por conta de investimentos do Governo Federal, o valor de R \$4.558.183,00 que será destinado a um processo de requalificação completa do Parque da Baronesa.

Cita a mesma reportagem, que neste processo estão previstos a construção de quadras poliesportivas no terreno situado ao lado do parque, construção de pontes de ligação nos canais e também a construção de um deck junto ao lago principal (DIÁRIO POPULAR, 2022). Com base nessas informações apresentadas pela reportagem do jornal citado, pode-se dizer que a requalificação prevista para o ano de 2016, a qual visava uma intervenção total dentro do espaço público e modificando assim a sua identidade, formas de uso e conseqüentemente o público que o utilizaria, não deverá ser continuado já que atualmente é previsto que as quadras poliesportivas, anfiteatros e playgrounds sejam construídas fora da área do parque, em um terreno vizinho (Figura 4.29).



Figura 4.29 – Projeto das quadras Poliesportivas divulgado pela Agência Especial de Comunicação da cidade de Pelotas. Fonte: Diário Popular, 2022.

O projeto de requalificação do Parque da Baronesa realizado no ano de 2016, e apresentado pela prefeitura de Pelotas como uma referência de Parque Urbano para a cidade, pode ser considerado como inviável pois iria de encontro a todas as questões tratadas nesta pesquisa. Ou seja, o mesmo não busca manter a identidade do espaço público, não apresenta nenhum indício de preservação histórica, seu visual

moderno e futurista poderia alterar diversas formas de uso naquele local e segregar ainda mais os usos remanescentes.

No Parque da Baronesa, é notável a necessidade de uma requalificação, e através desta breve retrospectiva de seis anos atrás, nota-se também os esforços da administração pública para realizar este processo. Porém o trabalho deve ser feito de maneira coletiva, levando em conta os princípios do Desenho Universal e ouvindo se possível a comunidade, através de consultas públicas, para entender suas demandas e desejos que possam ajudar a tornar o Parque mais atrativo e frequentado pelo público em geral, sem nenhum tipo de segregação.

A seguir serão apresentadas algumas sugestões projetuais plausíveis, que poderiam ser utilizadas no Parque da Baronesa para que esse se torne mais seguro, atrativo e acessível, visando inclusão social e não resoluções de problemas, sem alterar a identidade do espaço, mantendo usos tradicionais e proporcionando novas atividades, buscando uma reapropriação dos usuários ao seu espaço público.

4.2 INCLUSÃO SOCIAL NO PARQUE DA BARONESA: RESGATE HISTÓRICO E REAPROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DE MANEIRA LIVRE, SEGURA E ACESSÍVEL.

4.2.1 ESPAÇO COLETIVO DE MEMÓRIA: PRESERVAÇÃO HISTÓRICA, ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO AOS USUÁRIOS SOBRE O PASSADO DO PARQUE, SEM ATRIBUIR ESSA FUNÇÃO SOMENTE AO MUSEU DA BARONESA.

Como visto até aqui para se caracterizar um espaço como um ambiente de memória, é necessário que uma aura simbólica esteja presente no mesmo. No Parque da Baronesa esta aura simbólica está presente em toda área de lazer. Pode-se dizer que o apego surge através das lembranças dos usuários, principalmente as afetivas, baseadas em atividades em família, amigos, escolares etc.

Explorar estes tipos de uso pode ser uma alternativa para que o espaço de lazer seja melhor frequentado. No Rio Grande do Sul os chamados “chimarródromos” (Figura 4.23), têm sido uma alternativa positiva para atrair pessoas a espaços públicos que tomam chimarrão, bebida típica do estado e que se apresentou aqui como uma das principais atividades realizadas no Parque.



Figura 4.23 – Chimarródromo instalado na Praça XV, na cidade de Veranópolis em 2016. Fonte: Prefeitura Municipal de Veranópolis, 2022.

Conforme a figura 4.23 acima, observa-se que o equipamento instalado de maneira permanente na Praça XV em Veranópolis é seguro e de fácil utilização, além de contar com uma série de instruções para que as pessoas o utilizem de maneira correta. Um mobiliário como este seria um atrativo para potenciais frequentadores do Parque. Considerando que o mesmo fica próximo da estrada que vai para o Laranjal, também poderia servir como ponto de abastecimento nesse caminho. Também poderia ser utilizado no deslocamento das pessoas que acessam o Shopping Pelotas (distante 9,6 km) ou o Parque UNA (distante 1,5 km do Parque da Baronesa). Esse último, mesmo tendo administração privada, não conta com um equipamento desse tipo. Segundo Dorneles (2006) é importante que sejam previstas atividades e espaços exclusivos, sem semelhantes no resto da cidade, pois isto atrai público.

Desta forma, valorizar a característica de espaço de memória pode ser uma alternativa para que se utilize o Parque de maneira mais educativa. Relembrando o passado poderia reforçar a sua aura simbólica e gerar uma maior identidade com o lugar. Recomenda-se que informações históricas sejam atribuídas em todos os pontos observados e vistos como “atrativos do Parque” a exemplo da gruta ou da casa de banhos. Placas informativas explicando as reais funções destes espaços e recuperando a memória do tempo da Escravidão contribuiria para a conservação

desse Espaço. Como foi destacado na coleta de dados existe o interesse que esse espaço conte essa história.

Uma rota turística, acessível, poderia ser criada, contando com guias informacionais que explicassem para seus visitantes como cada espaço era utilizado e as suas funções originais.

Além disso, é importante que novas atividades coletivas sejam pensadas, além das feiras artesanais que já ocorrem no Parque e que foram citadas pelas entrevistadas. Segundo Dorneles (2006), quanto mais possibilidades de atividades, maior e mais diversos será o público, contribuindo para diminuir a sensação de insegurança.

4.2.2 SEGURANÇA PESSOAL: INTEGRIDADE FÍSICA COMO UMA PRIORIDADE FUNDAMENTAL, EQUIPAMENTOS SEGUROS E UM CONVÍVIO HARMÔNICO ENTRE DESCONHECIDOS, PREVENINDO POSSÍVEIS ATOS DE VIOLÊNCIA.

Como visto até aqui, para se obter atração aos lugares é necessário que as pessoas se sintam seguras entre desconhecidos ao frequentá-lo. A guarda Municipal tem sido uma figura importante no Parque, no entanto, para incrementar a permanência, poderia ocorrer de forma mais constante, em diferentes horários do dia e da noite. A iluminação do Parque é vista pelos seus usuários como precária e precisa urgentemente ser melhorada para que em horários de pouco movimento as pessoas sintam-se seguras ao acessá-lo.

Equipamentos de fácil acesso e utilização devem ser planejados visando a integridade física de quem vai utilizá-lo, informações como altura do equipamento, posição do corpo e a maneira geral de os utilizar são muito importantes. Sendo que esses elementos devem ser comunicados de maneira acessível, pois como visto, muitas vezes deficientes e mesmo pessoas idosas podem deixar de utilizá-los por medo de se machucar. Além disso, os pisos precisam ser padronizados visando um melhor acesso e também uma caminhada mais segura e autônoma sem nenhum tipo de barreira.

4.2.3 UM ESPAÇO UTILIZÁVEL A TODOS SEM DISTINÇÃO OU SEGREGAÇÃO DOS USOS OU OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES.

A fim de aprofundar as discussões sobre acessibilidade espacial e Desenho Universal, a seguir serão listadas algumas formas de se planejar de maneira inclusiva, levando em consideração as características físicas dos usuários, as normas e pilares da acessibilidade, princípios do Desenho Universal e os resultados aqui apresentados.

A) Orientação no espaço: Dispositivos de sinalização poderiam ser instalados no Parque, contendo informações táteis, escritas em alto relevo ou em Braile. Além disso, propõe-se também a utilização de cores vivas nos guias informacionais e também na pavimentação do piso, pois como visto anteriormente, algumas pessoas que não perderam 100% de sua visão guiam-se através de cores. Além disso, placas informativas indicando os caminhos dentro do Parque são extremamente necessários para que os usuários possam realizar suas atividades de maneira autônoma sem medo de se perder no espaço. Totens informativos são uma boa escolha, sendo que estes poderiam conter informações audíveis facilitando o uso e a compreensão do espaço por deficientes visuais e pessoas com necessidades cognitivas.

B) Um espaço de fácil mobilidade: Uma pavimentação regular é a base para um bom caminhar (FERNANDES, 2019), sendo assim, propõe-se que a pavimentação do Parque da Baronesa seja feita de forma acessível, não somente no acesso até o Museu, mas nas áreas como academia ao ar livre e as trilhas ali existentes. Além disso, desníveis devem ser evitados e rampas de acesso precisam ser instaladas com urgência neste espaço público. Os pisos táteis devem ser pensados conforme as normas atribuídas pela NBR-9050 (2020), evitando barreiras e visando a integridade física de quem o utiliza.

C) Um mobiliário utilizável a toda diversidade humana: Bancos com apoios laterais devem ser levados em consideração quando se trata de pessoas idosas ou com alguma dificuldade de mobilidade, sendo que estes bancos precisam estar distribuídos em intervalos menores, para as pessoas possam obter descanso durante o trajeto.

Além disso, segundo Dorneles (2006), os bancos em espaços públicos necessitam ter diferentes arranjos espaciais para permitir a interação de forma lateral e frontal, a escolha do usuário. A mesma autora sugere uma inclinação confortável nos bancos, podendo ser de 100° e 110°, entre encostos e assentos. A mesma autora também aponta que lixeiras e bebedouros devem estar próximos aos bancos, e preferencialmente as lixeiras devem ter duas alturas de aberturas.

Hoje em dia, devido às normas de higienização por conta da COVID-19 (OMS, 2020), é interessante também que se obtenha espaços propícios para que os usuários lavem as mãos dentro do Parque, como pias públicas (figura 4.24), que sejam acessíveis a cadeirantes, pessoas muito baixas, crianças e deficientes visuais.



Figura 4.24 – Pia pública instalada por um comerciante na cidade de Aurora (CE). Fonte: Gazeta do Cariri, 2022.

Sabe-se que para que um equipamento seja considerado utilizável a todo tipo de usuário, uma série de normas e princípios do Desenho Universal tem que ser atendidos, e o uso precisa ser fácil e intuitivo. Foi pensando nisso que a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desenvolveu no ano de 2020 a produção de pias

portáteis automatizadas acionadas por sensor (figura 4.25), a fim de evitar contato e possíveis contaminações, mas também facilitando o uso de pessoas com limitações motoras.



Figura 4.25 – Pias portáteis desenvolvidas pela Universidade Federal do Rio Grande. Fonte: <https://www.furg.br/coronavirus-noticias/furg-desenvolve-pias-portateis-e-automatizadas-para-higiene-de-maos-em-hospitais#:~:text=Para%20ajudar%20a%20combater%20o,das%20mãos%20dos%20pacientes%20e>

O ato de lavar as mãos é considerado pela OMS como um dos principais instrumentos no combate de vírus e bactérias, podendo diminuir a contaminação de síndromes gripais em até 40% (OMS, 2020).

Para a academia ao ar livre propõe-se que equipamentos estejam preparados para receber pessoas de todos os tipos de características físicas e necessidades espaciais específicas. A figura 4.26, a seguir, é um exemplo de equipamento de academia pública instalado na cidade de Piracicaba (SP), onde se pode ser utilizado por cadeirantes e também deficientes visuais, pois este conta com informações escritas em Braille sobre as maneiras de utilizá-lo e os músculos que serão trabalhados.



Figura 4.26 – Equipamento de academia projetado para pessoas com e sem deficiências motoras.
Fonte: Prefeitura Municipal de Piracicaba, 2022.

D) Banheiros Universais: Segundo Fernandes (2019), a NBR9050 estabelece que banheiros públicos devem possuir entrada independente, de modo a possibilitar que a pessoa com deficiência utilize o espaço sanitário acompanhada de alguém do sexo oposto. Sendo assim, pensando em inclusão social e não segregação de pessoas, orienta-se que estes banheiros sejam de acesso universal, não somente no que se refere a características físicas dos usuários, mas também em questões de gênero. Pois desta forma, pessoas com necessidades cognitivas não iriam precisar identificar seu banheiro através de algum símbolo específico, tornando o seu acesso mais rápido e intuitivo, além também de facilitar o acesso de pessoas do sexo oposto ao acompanhar deficientes como previsto na Norma. Além disso, a mesma norma indica que o banheiro precisa ter acesso por meio de rampas quando necessário e sua entrada deve possuir um vão livre de 0.80m e altura mínima de 2,10m.

E) Espaços verdes e ajardinados: Como visto até aqui, o Parque da Baronesa possui em sua infraestrutura uma vasta área arborizada, uma forma positiva de atrair o público incentivando o contato dos usuários com a natureza. Desta forma, as plantas e árvores não devem ser pensadas somente como uma forma de se proporcionar

sombra no espaço público, mas poderiam orientar pessoas com deficiência ocular através de seus odores e cores diferenciadas. Espécies arbóreas variadas poderiam ser instaladas em lugares com pouco movimento, melhorando a sensação de segurança e transformando o espaço em um lugar de contemplação e repouso.

F) Visibilidade: Um ponto crucial no que se refere a sensação de segurança é a visibilidade, os usuários sentem-se seguros em ambientes onde é possível enxergar todos os pontos do espaço, sem obstáculos (FERNANDES, 2019). Além disso, como foi visto neste trabalho, não visualizar pontos atrativos pode gerar um sentimento de repulsa ao obstáculo, mesmo que este seja um mobiliário do espaço público.

Um Planejamento adequado, sem barreiras físicas ou informativas deve ser levado em consideração, principalmente no que se refere à vegetação. Segundo Fernandes (2019), quanto ao plantio de árvores, o seu tamanho no futuro deve ser levado em consideração para não acarretar bloqueios e formações de barreiras informativas. Um planejamento acurado também tem cuidados para o sombreamento, não bloqueando o raio de visão no sentido horizontal e sem dificultar a chegada dos raios de sol no sentido vertical.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A partir dos dados levantados é válido observar como a aceitação da história do Parque, por parte dos seus usuários tem sido comprometida, pois a administração do mesmo não costuma trabalhar com o tema, seja da escravidão, seja da exclusão social em geral. Seus usuários, em grande parte, não conhecem a história do local, por conta disso, à medida que conhecem o Parque e o seu passado, a percepção pode vir a ser alterada, gerando um sentimento de Topofilia.

A identidade com o espaço é muito importante para que os usuários desenvolvam um sentido positivo de lugar. E se tratando de Parques Urbanos, estes possuem uma característica de formadores de identidades dos indivíduos, devido a sua vasta carga de usuários que se identificam. No Parque da Baronesa notou-se que eventos sobre identidade racial são bem aceitos pelas pessoas que ali frequentam, desta forma proporcionar atividades que reforcem essa identificação poderia atrair

mais pessoas, pois como visto até aqui, conhecer e relembrar do passado é um fator determinante para a atração ao lugar. Sendo que esta transmissão da história não deve ser feita somente dentro do Museu da Baronesa pois isso segrega o conhecimento devido ao fato que se deve pagar para ingressar no Museu.

Os ambientes preferidos do Parque também foram abordados neste trabalho, a gruta é um espaço muito procurado por crianças, gerando memórias afetivas ao espaço e conseqüentemente tornando-a popular entre os adultos que frequentam a área de lazer. Em termos de repouso, as áreas arborizadas são as mais buscadas por seus usuários. Porém um ponto importante é que apesar disso, estas áreas também são consideradas perigosas por grande parte da população. Dessa forma, se lugar é segurança, esta construção social que o Parque da Baronesa é um local perigoso, gera um sentimento de topofobia inclusive em seus funcionários, pois como foi visto, os mesmos não se sentem 100% seguros no Espaço público.

As sensações de segurança podem ser definidas de acordo com as características físicas dos usuários, no caso das pessoas com deficiência, os mesmos temem os lugares também por que prezam a sua integridade física. Esse dado fica evidente quando se refere a academia ao ar livre no Parque da Baronesa, visto pelos seus usuários como um espaço excludente, pois não está preparado para receber todos os tipos de usuários e seus equipamentos são vistos como perigosos.

Além da academia ao ar livre, outros espaços também podem ser vistos como espaços excludentes dentro da área estudada, mesmo depois de sua requalificação, o Parque da Baronesa ainda apresenta um banheiro público insalubre, que não possui nenhum tipo de possibilidade de acesso por deficientes físicos. O calçamento do Parque também é problemático e dificulta o trânsito de pessoas idosas, deficientes físicos e pessoas sem limitações. Sendo que no único trecho definido pela administração do espaço como acessível, são impostas barreiras físicas que podem ocasionar acidentes, a exemplo de árvores não podadas ou viaturas policiais estacionadas em cima do piso tátil.

A falta de bancos durante o trajeto também foi identificada como um problema na área de estudo, sendo que isso pode gerar um sentimento de repulsa ao espaço pois não apresenta opções de espaços para sentar. Além disso, também foi citado que a falta de informações sobre trajetos presentes no Parque é um problema, pois

usuários com limitações cognitivas, ou sem nenhuma limitação podem se perder, ou simplesmente não utilizar o espaço por algum receio de que isso aconteça.

Em termos de percepção dos usuários pode-se dizer que isso vai depender de acordo com as características de cada pessoa. Os deficientes visuais, por exemplo, observam o espaço de maneira diferente, através de outros sentidos, como tato, olfato e audição, desta forma quando encontradas dificuldades de locomoção e acesso, ou quando estes sentidos não são explorados como deveriam, estas pessoas interpretam o ambiente como um ambiente abandonado gerando em seu interior um sentimento de topofobia. Isso pode conduzir ao fato de que pessoas com deficiência visual não frequentem espaços públicos pois não se agradam dos lugares ou só não querem ser auxiliados por terceiros para utilizar ou acessar áreas de lazer e seus mobiliários.

Experiências coletivas que ocorriam no parque antes da Pandemia do COVID-19 estão começando a retornar, mas muitas vezes não são do conhecimento do público, e para que essas experiências ocorram de maneira inclusiva, várias alterações na estrutura do mesmo teriam que ser feitas. Necessariamente os princípios do desenho universal teriam que ser levados em conta desde a etapa de projeto, visando incluir e não adaptar. Proporcionar um espaço igualitário, e seguro vai facilitar a utilização e acesso de qualquer pessoa, não só as com deficiência. Além disso, o convívio com uma estrutura universal no espaço educa os usuários a compartilhar com o diferente, facilitando assim a inclusão social. Vale destacar também que este convívio e grupo vem sendo ameaçado pelo distanciamento social imposto pela pandemia, exigindo estratégias que devem ser pensadas a fim de proporcionar um convívio seguro no espaço público, valorizando seu vasto ambiente aberto e arejado.

O presente estudo também se propôs a analisar o projeto proposto pela Prefeitura de Pelotas, em parceria com a empresa Feel Estúdio, o qual visava uma requalificação total do ambiente, contando com intervenções que mudariam a identidade do Parque da Baronesa, e prevendo ainda a construção de 5 quadras poliesportivas e seu terreno, e um auditório.

A requalificação prevista não foi terminada. Nos dias de hoje podemos ver que este projeto utilizou aspectos do DU de maneira isolada, contando com um design futurista que alteraria todo o visual do Parque e conseqüentemente o perfil dos seus

usuários. Vale destacar que este era um projeto de espaço público que foi aprovado sem consultar a comunidade, tendo como resultado, um parecer sobre o pouco que foi feito, retratado pela comunidade como excludente.

Com base nas informações contidas através das consultas sobre os projetos de requalificação previstas para o Parque da Baronesa, este trabalho, buscou apresentar soluções viáveis que podem ser utilizados na área de estudo para melhorar seu visual, buscando aproximar seus usuários por conta de um acesso livre e seguro, valorizando as características físicas dos usuários e também do espaço público, preservando-o sem alterar sua essência histórica.

Vale destacar que todas estas recomendações foram idealizadas juntamente com os usuários do espaço público, com base em entrevistas, conversas e análises comportamentais.

Com base em todos os dados levantados pelos resultados dessa pesquisa, é possível responder o questionamento inicial que buscava entender como promover inclusão social e sentido lugar em áreas de lazer, através de um acesso igualitário e uma utilização autônoma.

A inclusão social pode ser promovida através do respeito às características físicas dos usuários, sendo que isso deve ser levado em consideração desde a etapa em que o espaço público está sendo planejado. Dessa forma, pode-se dizer que o Desenho Universal por visar inclusão social, não só em espaços, mas em todos os produtos e mobiliários, justamente por estar presente em todas as etapas do projeto, é o mais indicado a ser utilizado em áreas de lazer que visam incluir pessoas, promovendo acessibilidade espacial e uma utilização dos equipamentos de forma autônoma. É importante citar também que para que o planejamento seja inclusivo de fato, a comunidade deve ser envolvida nele, pois estes serão os usuários do espaço e possuem características e vivências distintas.

Através desse planejamento inclusivo, o espaço seria atrativo a qualquer pessoa, com ou sem deficiência, tornando a área de lazer mais diversa. A topofilia surge através de experiências coletivas diversas que condicionam a construção de memórias afetivas do espaço, e a diversidade surge através do incentivo ao convívio em grupo. Dessa forma, devem ser pensadas para espaços públicos experiências coletivas que reforcem a identidade do espaço e de quem o utiliza, respeitando a

característica do usuário e incentivando o convívio com o diferente, proporcionando que todos utilizem o espaço da forma que preferirem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou identificar formas de promover inclusão social em espaços de lazer, visando contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem um uso e acesso autônomo, condicionando a construção do sentimento de lugar de quem o utiliza. Para a sua construção foi realizado um levantamento bibliográfico que se dividiu em três fases de estudos: Estudos sobre o ambiente, onde se tratou do conceito de Parques Urbanos e a importância destes espaços públicos para a cidade e a sua população residente. Estudos sobre usuários, onde se procurou caracterizar a diversidade humana, as suas limitações e restrições que podem ser causadas pelo ambiente. E na terceira fase buscou-se integrar os estudos de usuário e ambiente, entendendo maneiras de aproximar as pessoas dos espaços públicos através de vínculos sentimentais entre os indivíduos e o lugar.

Através do levantamento bibliográfico foi possível compreender como respeitar as características físicas dos usuários através de um planejamento adequado e acessível, com base nos princípios do Desenho Universal e os pilares da acessibilidade espacial. Princípios que se estiverem presentes no estudo, desde a etapa de projeto, caracterizam-no como Universal. Observou-se também que se pensadas estratégias de inclusão social baseadas em autonomia, segurança física e pessoal para os usuários, o vínculo das pessoas com o espaço público poderia ser melhorado. Tendo isso em mente foram elaborados os instrumentos metodológicos para a realização do estudo de caso.

O estudo de caso foi realizado no Museu Parque Municipal da Baronesa, localizado na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Este estudo visou cumprir os objetivos específicos aqui listados, contando com uma série de procedimentos metodológicos, como levantamento exploratório, através de frases anônimas e fotos enviadas pelos usuários do Parque, entrevista caminhada,

mapeamento comportamental e análise documental, dos projetos de requalificação que foram previstos para a área de estudos e constam como inacabados.

A apresentação dos resultados desta pesquisa foi organizada a fim de demonstrar como os usuários despertam sentimentos e se apropriam do espaço através da sua memória e identidade com a história do Parque. Entendendo também, que a recepção desta história e as memórias presentes eram refletidas na forma de topofobia e topofilia. A segurança que o espaço oferece também pode refletir a atração ou repulsa ao lugar, isso vai depender das características físicas de cada usuário, pois os usuários vão se sentir 100% seguros se um espaço respeitar sua integridade física, determinada pelas condições de acessibilidade espacial e Desenho Universal presentes no ambiente.

Estas condições acessíveis podem definir as formas de uso e apropriação de cada espaço e determinam também, a possibilidade de ocorrer experiências coletivas diversas nas áreas públicas. É válido destacar que foi observado maneiras de se planejar de forma segura os espaços, levando em conta as medidas protetivas que previnem a covid-19 e estão presentes na vida das pessoas do mundo inteiro devido a ocorrência de uma pandemia.

O presente trabalho identificou que para reforçar os laços Pessoa X Ambiente, as características físicas dos usuários devem ser levadas em conta, e para que o ambiente não seja somente inclusivo, mas que os usuários busquem frequentá-lo, uma série de fatores, além das características físicas do espaço e dos usuários devem ser consideradas. Para que o senso de lugar seja despertado em espaços públicos, as memórias do espaço devem ser preservadas, sendo estas memórias, aquelas que contribuíram para seu processo de formação e também as que refletem a identidade do ambiente com a comunidade em que está inserido.

Valorizar as atividades que provocam memórias afetivas nas pessoas também é importante no processo de topofilia, um forte senso de lugar surge através de atividades coletivas que conectam, sendo assim um incentivo a um convívio em grupo diverso e inclusivo, onde as pessoas se identificam por suas características e vivências, poderia fazer com que os usuários se sintam como parte daquele espaço e caracterizá-lo como um lugar.

As atividades em grupo também foram levadas em conta pela Prefeitura Municipal de Pelotas quando idealizou o processo de requalificação do Parque da Baronesa. Após a análise do projeto, o presente trabalho identificou algumas deficiências no que se refere a aspectos do Desenho Universal, além disso foi observado que a requalificação alteraria todas as características do espaço público, modificando sua identidade histórica e por consequência seus usuários. Este processo de requalificação não foi continuado, e atualmente, no ano de 2022 um novo plano está previsto para começar.

Como as requalificações propostas pela Prefeitura da Cidade geralmente são custosas, e como se identificou neste trabalho, não consultam a população para serem colocados em prática. Esta dissertação elaborou uma série de recomendações projetuais baseadas nos dados das entrevistas caminhadas e análises comportamentais. Estas estratégias visam um planejamento do espaço levando em consideração o contexto social, econômico da cidade e do País. Apresentando assim, estratégias plausíveis que poderiam manter a identidade do Parque, preservar a sua história e atrair usuários por conta de um ambiente inclusivo, seguro e acessível, onde as atividades seriam realizadas de maneira autônoma por qualquer tipo de pessoa.

Como contribuições, acredita-se que esta pesquisa poderá auxiliar futuras publicações que possam vir a tratar do tema inclusão social em espaços públicos, através de aspectos acessíveis, e também sobre a percepção ambiental de lugares históricos na cidade de Pelotas. Muito do que foi tratado aqui pode ser utilizado em outras experiências, as metodologias podem ser replicadas e aplicadas para analisar dinâmicas de uso e apropriação em outras áreas de lazer, além disso, acredita-se que políticas públicas ligadas a acessibilidade no Parque da Baronesa também possam surgir após a publicação desta pesquisa.

O trabalho foi constituído durante uma pandemia e isso pode ter gerado uma série de limitações no estudo de caso, como por exemplo a quantidade de entrevistas caminhadas que foram realizadas, a não participação de usuários do sexo masculino na pesquisa e o silêncio dos órgãos competentes sobre os processos de requalificação que foram realizados no espaço público de lazer.

Desta forma, observa-se que publicações da mesma natureza ainda podem surgir no Parque da Baronesa:

- Análise das barreiras espaciais ali presentes, e de que forma isso pode influenciar nos sentimentos de topofilia e topofobia adquiridos por usuários com mobilidade reduzida.
- Um planejamento através do Desenho Universal das áreas abertas do espaço visando atrair usuários, tornando estas áreas mais seguras.
- Diagnóstico da área de lazer no ponto de vista das normas de acessibilidade previstas na NBR 9050.
- Uma nova série de entrevistas caminhadas com usuários que possuam características físicas diferentes das aqui analisadas, sendo que como foi observado, a percepção dos mesmos pode ser diferente devido a isso.

Como impressão final sobre a pesquisa, pode-se dizer que a mesma foi determinante para o entendimento da ligação entre a inclusão social e o sentimento de lugar em áreas de lazer. O lugar surge através de experiências coletivas e das memórias ocorridas ali, dessa forma ao promover inclusão social, o sentido de lugar seria adquirido pelos usuários. Para que isso aconteça, os ambientes precisam estar preparados para receber a maior gama possível da sociedade, respeitando as limitações de cada usuário, planejando uma utilização simples dos equipamentos, sem segregação, respeitando acima de tudo, a identidade do espaço e das pessoas que o utilizam.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 9050/2020**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

ACOSTA, T. N. **O olhar do idoso ao caminhar em seu bairro**: Estudo de caso nas áreas do Centro, Fragata e Navegantes, em Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

ALVES, M. R. S.; LOPES, W. G. R.; SOUSA, G. de B. Apropriação Pelos Usuários de Espaços Públicos: em bairros da zona sul da cidade de Teresina, PI. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL**, 7., 2004. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ANDRADE, I. F; BINS ELY, V. H. M. Acessibilidade em edificações históricas: avaliando o caso de Pelotas. **Ação ergonômica**, volume 5, número 2. Ano 2016.

BAPTISTA, A. H. N. Procedimentos metodológicos para a avaliação da acessibilidade de estruturas de circulação de pedestres com vistas ao projeto de “antropovias”. 2003. 152 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

BARBOSA, Letícia M. **A topofilia na Vila do IAPI em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 120f.

BEZERRA, A. C. V; SILVA, C. E. M; SOARES, F. R. G; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.1):2411-2421, 2020.

BONDUKI, N. **As mudanças que a pandemia gerou nas cidades vieram pra ficar: entender o modo de vida que está surgindo é essencial para repensar as cidades**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2021/04/as-mudancas-que-a-pandemia-gerou-nas-cidades-vieram-para-ficar.shtml> Acesso em abril de 2021

BINS ELY, V. H. M; DORNELES, V. G; ZOCOCOLI, A; SOUZA, J. C. **Jardim universal – Espaço livre público para todos**, 14º Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba – PR. out. 2006.

BINS-ELY, V. H. M.; et al . **Desenho Universal aplicado ao paisagismo**. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/petarquitetura/CadernodeDesenhoUniversalAplicadoaoPaisagismo.pdf>. 2010. Acesso em: 16 out. de 2020.

BRAGA, A. V. **Comunidades sustentáveis**: Recomendações para o planejamento dos espaços externos das Ecovilas do Rio Grande do Sul, um estudo sobre a qualidade dos espaços construídos. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelota. Pelotas, 2019.

BRASIL, 2015, *Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em março de 2021

BRASIL. **Lei Federal nº 10.098**, de dezembro de 2000. Brasília, 2000. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm >. Acesso em março de 2021.

BRASÍLIA AMBIENTAL. **Parque Olhos D'Água é o primeiro a receber melhorias pelo programa Reviva Parques**. Disponível em <http://www.ibram.df.gov.br/parque-olhos-dagua-e-o-primeiro-a-receber-melhorias-pelo-programa-reviva-parques/>. Acesso em maio de 2021.

CADEIRA VOADORA. **Jardim Botânico de Curitiba para cadeirantes**. Disponível em: <http://cadeiravoadora.com.br/jardim-botanico-para-cadeirantes/>. Acesso em abril de 2021.

CASTELLO, Lineu. A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo. Porto Alegre: **PROPAR** – UFRGS, 2007.

CARLETTO, A. C.; CAMBIAGHI, S. **Desenho Universal: um conceito para todos**. Instituto Mara Gabrielli. São Paulo, 2016.

CLAVAL, P. **A geografia do homem**. Almedina, Coimbra, 1987.

CUNHA, R. D. A. **Os Usos, Funções e Tratamentos das Áreas de Lazer da Área Central de Florianópolis**. 406 f. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DIÁRIO DO RIO. **Crônicas Carioca: O pai e o menino no ponto de ônibus**. Disponível em <https://diariodorio.com/cronicas-carioca-o-pai-e-o-menino-no-ponto-de-onibus/> . consulta em maio de 2021.

DIÁRIO POPULAR. **Pelotas receberá mais de 6 milhões para o turismo**. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/politica/pelotas-recebera-mais-de-r-6-milhoes-para-o-turismo-167980/>. Acesso em abril de 2022.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Projeto: Parque da Baronesa será requalificado**. <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/projeto-parque-da-baronesa-sera-requalificado/>. Acesso em abril de 2022.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Parque Da Baronesa: começam as obras de requalificação.** Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/parque-da-baronesa-comecam-as-obras-de-requalificacao/>. Acesso em abril de 2022.

DIÁRIO DA MANHÃ. Requalificação: **Baronesa será modelo de Parque Urbano na cidade.** Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/requalificacao-baronesa-sera-modelo-de-parque-urbano-na-cidade/>. Acesso em abril de 2022.

DISCHINGER, M. et al. **Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos:** programa de acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida nas edificações de uso público. Florianópolis: MPSC, 2012. 161 p.

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses:** accessible spaces for visually impaired citizens. Göteborg, Sweden, 2000. 260f. Thesis (for the degree of Doctor of Philosophy) – Department of Space and Process School of Architecture, Chalmers University of Technology, 2000.

DORNELES, V. G.; AFONSO, S.; BINS ELY, V. H. M. O desenho universal em espaços abertos: uma reflexão sobre o processo de projeto. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-67, jan.-jun. 2013.

DORNELES, V. G. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer.** 2006. 213 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DORNELES, V. G. **Estratégias de ensino de desenho universal em Cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo** / Vanessa Goulart Dorneles; orientadora, Vera Helena Moro Bins Ely - Florianópolis, SC, 2014. 351 p.

FEEL STUDIO. **Parque da Baronesa.** Disponível em: <http://www.feelstudio.com.br/projetos/parque-da-baronesa.html>. Acesso em maio de 2022.

FERNANDES, L. W. **Acessibilidade em praças e parques: o caso do Parque Dom Antônio Zattera em Pelotas-RS.** Lívia Winkel Fernandes; Adriana Portella, orientadora. – Pelotas, 2017. 117 f.

FORGIARINI, L. Um sentido de lugar para a nova urbanidade. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: **arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva.** São Paulo, 2014.

GAZETA DO CARIRI. **Coronavírus: comerciante de Aurora instala pia em frente a loja e incentiva pedestres a higienizar as mãos.** Disponível em: <http://www.gazetadocariri.com/2020/03/coronavirus-comerciante-de-aurora.html>. Acesso em abril de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, v. 5, n. 61, p.16-17, 2002.

GIFFORD, Robert. **Environmental psychology: Principles and practice**. 4ª ed. Colville: Optimal Books, 2007.

GOVERNO > SSP. Secretaria Municipal de Segurança Pública (SMSP). Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/governo/smsp>. Acesso em abril de 2021.

GUIA DE RODAS. **Acessibilidade em parques, praças e espaços livres**. Disponível em <https://guiaderodas.com/acessibilidade-em-parques-pracas-e-espacos-livres/> consulta em abril de 2021.

HEINISCH, L. M; DA LUZ, G. Y; DORNELES, V. G; ZAMPIERI, F. L. L; BINS ELY, V. H. M. **Acessibilidade e apropriação em praças: estudo de três casos em Florianópolis (SC - Brasil)**. IV Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído. Maio de 2013. Florianópolis, Santa Catarina.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em fevereiro de 2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Brasília, 2019b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: março de 2021.

IBGE CIDADES. **Rio Grande do Sul. Pelotas. 2019**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em abril de 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das Grandes cidades**. Traduzido por Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p.IX-XI/1-26

KLEIN. P. **AVALIAÇÃO DA ACESSIBILIDADE ESPACIAL CONSIDERANDO PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E MOBILIDADE REDUZIDA NO PARQUE JOÃO GOULART, SANTA ROSA, RS**. 2019. 238 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Maria.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** / Christian Laville e Jean Dionne; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG 1999.

LIBARDONI, Thaís Debli. **Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais: affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas** / Thaís Debli Libardoni; Lígia Maria Ávila Chiarelli, orientadora. — Pelotas, 2018.

MACE, R. L.; HARDIE, G. J.; PLACE, J. P. **Accessible Environments: Toward Universal Design**. Raleigh: Center for Universal Design, 1996.

MACEDO, S. S. **Espaços Livres. Paisagem Ambiente**, São Paulo, n. 7, p. 15-56, jun. 1995.

MACEDO, D. et al. O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p 441-449, dez./ 2008.

MANUAL DO DESENHO UNIVERSAL, 2010. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/manual-desenho-universal.pdf>
Acesso em dezembro de 2020.

MEZA, E; ZABALA, L. J. A Gruta: narrativas, ressignificação e materialidades sobre a escravidão em Pelotas (Brasil). **ILHA**, v. 22, n. 1, p. 107-127, junho de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.269p.

MONTONE, Annelise Costa. **Memórias de uma forma de morar: a Chácara da Baronesa, Pelotas, RS, BR. (1863-1985)**. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MORAES et al. **Projeto de Visibilidade do Negro: outras histórias no Museu da Baronesa, Pelotas, RS**. SEMANA DOS MUSEUS DA UFPEL. Pelotas, 2018.

MORAES, R; GALIAZZI, M.D.C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v.12, n. 1, p. 117-128, Dez/ 2006.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira. **As calçadas a partir de um aporte psico ambiental: usos, significados e apropriação do espaço público**. Tese doutoral. Programa Interdepartamental de Doctorado en Espacio Público y Regeneración Urbana: Art, Teoria y Conservación del Patrimonio de la Universidad de Barcelona. Barcelona, setembro de 2014.

MUNDO EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br>. Acesso em junho de 2022.

NSC Total. **Pessoas com deficiência física e motora ainda enfrentam desafios na acessibilidade em Joinville**. Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/pessoas-com-deficiencia-fisica-e-motora-ainda-enfrentam-desafios-na-acessibilidade-em>. Acesso em março de 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.

OKAMOTO, O. J. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

OMS **Organização mundial da saúde**. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em agosto de 2020.

PARTIU FERIADO. **MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA**. Disponível em: <https://partiuferiado.com.br/atracoes/museu-municipal-parque-da-baronesa-em-pelotas-rio-grande-do-sul/>. Acesso em maio de 2022.

Portal viagem acessível. **Museu da Energia oferece visita em Libras.** Disponível em <https://viagemacessivel.com.br/museu-da-energia-oferece-visita-em-libras/>. Acesso em março de 2021.

Portal habitamos arquitetura. **Acessibilidade e desenho universal.** Disponível em: <http://www.habitamos.com.br/acessibilidade-e-desenho-universal/>. Acesso em março de 2021.

Playground da inovação. **Brincar é um direito de todos. Mas nem sempre é acessível a todos.** Disponível em: <https://www.playground-inovacao.com.br/playground-para-todos/>. Acesso em março de 2021.

PLACEAGE (2017). **Projetando Lugares com idosos: rumo a comunidades amigas do envelhecimento.** Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/placeageproject/>. Acesso em abril de 2020.

PMP. **Prefeitura municipal da cidade de Pelotas.** Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/>. Acesso em agosto de 2020.

PREFEITURA DE PELOTAS. **Obras no Parque da Baronesa valorizam patrimônio histórico.** Disponível em: <https://pelotas.rs.gov.br/noticia/obras-no-parque-da-baronesa-valorizam-patrimonio-historico>. Acesso em abril de 2022.

PREFEITURA DE PELOTAS. **Obras de revitalização do Solar da Baronesa iniciam-se em breve.** Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/obras-de-revitalizacao-do-solar-da-baronesa-iniciam-se-em-breve>. Acesso em abril de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA. **Piracicaba terá primeira academia ao ar livre para cadeirantes e deficientes visuais.** Disponível em: <http://www.fatopolitico.com/2017/11/06/piracicaba-tera-primeira-academia-ao-ar-livre-para-cadeirantes-e-deficientes-visuais/>. Acesso em abril de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAJU. **Obra de revitalização traz vida à Praça Arruda.** Disponível em: <https://www.estanciadepiraju.sp.gov.br/ver-noticia/obra-de-revitalizacao-traz-vida-a-praca-arruda>. Acesso em março de 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VERANÓPOLIS. **CHIMARRÓDROMO ESTÁ DISPONÍVEL PARA VISITANTES E FREQUENTADORES DA PRAÇA XV.** Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/noticias/22/turismo-e-cultura/1603/chimarrodromo-esta-disponivel-para-visitantes-e-frequentadores-da-praca-xv>. Acesso em abril de 2022.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; BERTONI, Amanda Schüller. MARQUES, Claudia Adriana Nichetti; MANO, Cássia Morais. Cercar ou não o Parque Farroupilha? Uma análise envolvendo uso e segurança. **Arquisur revista**. Ano 6. N° 10, p. 56-71.

RELPH, E. **A paisagem urbana moderna**. 1987. Tradução portuguesa, Edições 70, Lisboa, 1990.

RIBEIRO W. C; LOBATO W; LIBERATO R. C. **Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental.** Sinapse Ambiental, p 42 – 65. Setembro de 2009.

RUNNER'S. **Corredor paralímpico completa prova de 200 metros com prótese quebrada.** Disponível em: <https://runnersworld.com.br/regas-woods-completa-prova-com-protese-quebrada/>. Acesso em abril de 2021.

SANTA MULETA. **Andador para idoso: checklist para encontrar o melhor.** Disponível em <https://www.santamuleta.com.br/andador-para-idoso/>. Consulta em abril de 2021.

SALGUEIRO, T.B. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, p.37-53.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo, 2001. Paulo: Nobel, 1987. 142p.

SANTINI, Rita de Cássia Giralde. **Dimensões do lazer e da recreação** Questões espaciais, sociais e psicológicas. São Paulo – SP: Editora Angelotti LTDA. 1993. 101p.

SAVI, Aline Eyng; HESPANHOL, Lays Juliani. Sustentabilidade social através da acessibilidade em espaços livres: metodologia de análise e proposição nos passeios públicos. **Mix Sustentável.** Florianópolis. v.3. n.2, p.66-73. Maio, 2017.

SILVA, G.C; LOPES, W.G.R; LOPES, J.B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, jul./set. 2011.

SILVA JÚNIOR, Luiz Gilberto. Wayfinding e acessibilidade para deficientes visuais: Avaliação do desempenho da caminhada em espaços públicos de Pelotas/RS / Luís Gilberto Silva Júnior; Adriana Araújo Portella, orientadora. — Pelotas, 2020.

SCHWANZ, J. K; CALDEIRA, J. S. Representações e imaginário sobre a chácara da Baronesa – Pelotas/RS. **Revista Latino-Americana de História**, Vol. 2, nº. 7. Setembro de 2013 – Edição Especial.

SOMMER, B.; SOMMER, R. **A practical guide to behaviorl Research.** 5° ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Tulio Matheus Amarillo. **A construção do sentido de lugar em áreas livres públicas de lazer: a população idosa no bairro Simões Lopes e no Condomínio COHAB Duque em Pelotas, RS.** Orientador Tiarajú Salini Duarte. – Bacharelado em Geografia, Universidade Federal de Pelotas. (Trabalho de conclusão de curso). Pelotas 2019.

TORRES, S. V; PEREIRA, K. C; ALMEIDA, O. C. C; NECKEL, A. **Espaços (públicos) livres urbanos: a importância dos parques (de lazer) urbanos.** Administração de Empresas em Revista. v. 4, n. 18 out-dez. 2019.

THE CENTER FOR UNIVERSAL DESIGN. Universal Design Principles. 1997. Disponível em: <https://projects.ncsu.edu/ncsu/design/cud/index.htm>. Acesso em março de 2021.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1979.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

TUAN, Yi-Fu. 1930 – Paisagens do medo / Yi-fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG). **FURG desenvolve pias portáteis e automatizadas para higiene de mãos em hospitais.** Disponível em: <https://www.furg.br/coronavirus-noticias/furg-desenvolve-pias-portateis-e-automatizadas-para-higiene-de-maos-em-hospitais#:~:text=Para%20ajudar%20a%20combater%20o,das%20mãos%20dos%20pacientes%20e>. Acesso em abril de 2022.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: Planejamento e métodos.** GRASSI, Daniel (Trad.). 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ENTREVISTAS
CAMINHADAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu, _____ aceito a participar desta pesquisa voluntariamente, com a garantia que em nenhum momento serei identificado nos resultados publicados e os registros fotográficos das atividades serão utilizados exclusivamente na produção acadêmica desta pesquisa.

Responsável pela pesquisa: Tulio Matheus Amarillo Souza.

Endereço: Rua José do Patrocínio 71. Centro, Pelotas - RS, 96010- 500.

Telefone: (53) 991560431.

Instituição: Universidade Federal de Pelotas.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Endereço: R. Benjamin Constant, 1359. Centro, Pelotas - RS, 96010-020.

Telefone: (53) 3284-5500.

Pelotas, ___ de _____ de 2022.

Assinatura d(o,a) voluntário(o,a)

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B – CONVITE MÉTODO ENTREVISTA CAMINHADA

Olá, meu nome é Túlio Souza, sou estudante de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Te convido a participar da pesquisa intitulada **Desenho Universal em Parques Urbanos: estratégias inclusivas que aproximam usuários às áreas públicas de lazer pela autonomia no acesso e utilização**. sob minha responsabilidade e também da minha orientadora, a Professora Doutora Lígia Maria Ávila Chiarelli. Nesta pesquisa busca-se identificar formas de promover inclusão social em espaços de lazer através do Desenho Universal, visando contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem o uso e acesso mais autônomo nestes espaços e a construção do sentimento de lugar de quem o utiliza.

A coleta de dados começa em janeiro de 2022, e terminará no mês de fevereiro de 2022. O estudo se desenvolve através de entrevistas ao público alvo e da aplicação do método “entrevista caminhada”, que consiste em lhe acompanhar durante um trajeto que você tenha o costume de andar, na qual deverá ser explicado ao pesquisador todo o percurso, a forma como o ambiente é reconhecido, o motivo das mudanças de direção, os elementos que servem de pistas para sua localização e orientação no percurso, além de quaisquer outras referências que você achar relevante. O pesquisador em nada deve intervir, apenas caso você esteja sob algum risco.

Acredita-se não haver nenhum risco à saúde mental. Quanto à saúde física, acredita-se que por se tratar de caminho familiar não haja nenhum tipo de interveniência. Em relação aos possíveis incômodos e riscos, estes não são superiores aos habituais do seu dia a dia.

Você poderá se sentir constrangido por ter alguém filmando e observando seu percurso, caso não se sinta à vontade é possível interromper o percurso ou a entrevista a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Caso não saiba o que responder, durante a entrevista ou o percurso, você deve ficar à vontade para informar essa situação que, não mais lhe será perguntado o assunto. O percurso da entrevista caminhada vai ocorrer em um trecho que você já tenha costume de percorrer sozinho e com autonomia. Esse trecho ficará à sua livre escolha e o motivo é que essa é a

principal metodologia da entrevista caminhada, além de visar sua segurança por se tratar de um ambiente familiar a você.

Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas por meio da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

Todo o percurso da entrevista caminhada, bem como as entrevistas serão filmadas, mas não serão divulgadas em nenhum meio, servindo apenas para posterior análise de dados, sendo descartada ao final. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos.

Sem mais para o momento, preciso de algumas informações iniciais para que possamos nos conhecer e marcar a entrevista.

Nome:

Idade:

Gênero:

Possui alguma deficiência ou restrição?

() Sim () Não

Sim?

Especifique: _____

Natural de Pelotas:

() Sim () Não. De onde você é?

Já foi ao Parque da Baronesa?

() Sim () Não

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS CAMINHADAS

Bloco 1 Memória

O que te faz vir aqui no Parque? Me conta um pouco da tua história com esse espaço?

Bloco 2 Restrição

Possui ou já possuiu alguma restrição, seja ela física, informacional, etc. que te impeça ou impediu de acessar ou utilizar alguma área de lazer?

Bloco 3 Lugares preferidos

Existe algum ponto específico aqui do Parque que não te agrada? Se sim, isso é por causa de alguma limitação encontrada no uso ou é só uma área que não lhe foi atrativa mesmo?

E o teu lugar preferido do Parque é qual?

Bloco 4 Conforto

Aqui é confortável? Onde tu te sentes mais confortável quando vens ao Parque?

Como tu achas que este espaço poderia tornar-se- se mais atrativo na tua opinião?

Tu achas que se este parque tivesse um conforto mais assertivo, viriam mais pessoas para cá? Tu acreditas nessa relação?

Se não, o que faria vir mais pessoas para esse Parque?

Bloco 5 Segurança

Tu achas perigoso andar aqui dentro, existe algum risco por dentro do parque que te faz não vir aqui?

Tu já andaste por todo o Parque sozinho? Foi uma caminhada agradável?

Bloco 6 Acessibilidade

Tu achas que nesse parque é possível que qualquer pessoa, em qualquer condição, se locomova livremente?

Bloco 7 Uso dos equipamentos

Os equipamentos aqui dentro, Playground, e academia ao ar livre, são fáceis de utilizar na tua opinião ou experiência própria? Tu achas que qualquer pessoa poderia utilizar e acessar esses equipamentos públicos?

Bloco 8 Identidade Histórica

Você conhece a história do Parque?

Tu achas que este parque oferece informações para deslocamento, contextualização histórica, guias informacionais e etc.?

As informações te trariam aqui mais vezes?

Tu consideras suficiente o modo que a cidade trata a história e o contexto histórico que essa construção foi feita? Se não, como tu achas que esse serviço poderia ser feito?

Já participou ou teve conhecimento de alguma atividade ou exposição que mostrasse a história do Parque e sua ligação com o período da escravidão?

Bloco 9 Experiências coletivas (Culturais ou físicas)

Tu já fizeste amigos aqui dentro? Se sim como?

Tu achas que se o espaço oferecesse outras formas de incentivar a interação social aqui dentro, tu conhecerias mais pessoas ou isso não muda nada quanto às tuas formas de interagir entre pessoas?

Tu já participaste de alguma atividade coletiva aqui dentro? Seja ela cultural ou atividade física.

Essas atividades são realizadas por ti de maneira autônoma ou tu precisaste de alguma ajuda ou adaptação na mesma?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS CAMINHADAS

ANI-2603 – Usuária com limitações motoras, utiliza muletas para a sua locomoção.

Pesquisador: Então, na minha pesquisa, vou te explicar, agora eu já tô gravando. Tá. Ah, o que eu quero fazer é uma análise de conflitos. Vamos andar por aqui?

Entrevistada: Vamos.

Entrevistador: Ah, vai falar pode falar tudo, quanto mais tu falar pra mim é melhor até porque é mais resultado tá? E eu vou te pedir depois também Cristiano pra tu tirar uma foto minha e da Andréia, tá?

Entrevistador: Então pra começar, eu vou te pedir pra contar um pouco da tua história aqui com esse espaço, se tu costumava vir muito aqui e tal, as memórias, a representação dele pra ti na tua vida.

Entrevistada: Aqui representa a família né, bem familiar. Áhn eu vinha muito aqui quando o Cristiano era bebê. Como eu morava aqui perto a gente vinha, era só seguir a São Francisco já tava aqui história assim de de carinho aqui com a... Que tem um apego com espaço assim, na memória familiar.

Entrevistador: Tu já sentiu restrições na utilização desses espaços de lazer? Não só aqui na Baronesa, mas no geral assim. Tu já sentiu alguma restrição em uso de equipamentos tipo sei lá, aquela academia pública lá, essas coisas assim tipo mais voltado pro geral mesmo assim né? Tipo que a gente está na Baronesa agora mas nos parques e praças em geral tu já sentiu ou sente alguma restrição tipo no uso?

Entrevistada: Algumas

Entrevistador: pode listar algumas pra mim?

Entrevistada: Ai já, não só por que a gente precisa dividir o espaço com criança, né? Pro meu uso se eu quisesse usar, eu não conseguiria usar, como a aquela coisinha de que eles estão se equilibrando.

Entrevistador: Aham de malhar perna.

Entrevistada: É. Aquilo ali eu já não conseguiria usar, aquilo ali teria que ter muito equilíbrio pra mim. Mas assim ó, comparado com antigamente, a Baronesa tá muito melhor, por que antes era tudo descuidado né?

Entrevistador: Tu tu lembras de como era aqui antes da requalificação?

Entrevistada: Lembro

Entrevistador: tipo todo mundo era capaz de vim na Baronesa e utilizar da mesma forma por exemplo, sei lá, uma pessoa que é deficiente visual, iria andar aqui dentro e se orientar, ter informações do espaço, de maneira autônoma?

Entrevistada: Não

Entrevistador: E agora depois da da requalificação tu acha que é possível?

Entrevistada: Eu acho que tá bem melhor, mas ainda falta muita coisa né

Entrevistador: Uhum.

Entrevistada: Assim espaço guiado teria que ser.

Entrevistador: Sim.

Entrevistada: Por que por exemplo, se eu vou pra ali e já tem buraco ali, ou assim um buraquinho perto do outro ali já me desequilibro e caio, e até mesmo um deficiente visual né, daí cai mesmo.

Entrevistador: E daí tu acha que se a gente tivesse isso aqui na Baronesa viriam mais pessoas pra cá que tipo ah pessoas que que tem necessidades espaciais, né? Que elas iriam pra Baronesa por causa que tem esse espaço guiado, que tu diz e mais acessível...

Entrevistada: Aaah com certeza! Viriam muito mais

Entrevistador: sim né? Faz sentido. Tu tem algum ponto especifico nesse lugar que não gosta de ir, que ele não te agrada?

Entrevistada: É bem por este lado ai mesmo, o matagal.

Entrevistador: Mas é por causa de segurança pessoal? Ou é por que ele oferece mais riscos tipo na caminhada, por exemplo, porque tu falou que pode ter um buraco e tal, ou é mais por segurança pessoal mesmo, que tu tem medo de assalto sei lá?

Entrevistada: Não é mais por causa do da segurança.

Entrevistador: Aham. Tu sente que tipo à medida que a gente entra no matagal então vai ficando mais inseguro na tua opinião.

Entrevistada: eu não sei como é que é a segurança aqui no parque tinha muito assalto, era ponto de usuários de drogas então era assim, inacessível ir pra lá.

Entrevistador: Sim, pode crer. ãhn tá e aí agora tipo ó, agora bem aqui na minha reta tem uma uma viatura da guarda municipal.

Entrevistada: Agora tem, então agora tem mais segurança.

Entrevistador: E aí tu acha que tipo, é, o fato de ter mais segurança no parque, vai trazer mais gente pra ele ou tu não acredita nessa relação?

Entrevistada: É. Traria mais pessoas porque elas vão se sentir mais seguras no parque. E esse caminho guiado, fazendo todo esse contorno também, com mais lugares também sabe?

Entrevistador: é porque por exemplo agora a gente meio que está caminhando e tal e tipo olha o tanto que a gente teve que andar pra achar o primeiro banco pra poder sentar né?

Entrevistada: É e eu tenho que caminhar e ir sentando.

Entrevistador: Aham, e o teu lugar preferido aqui no parque é qual?

Entrevistada: O meu? Assim, em baixo de árvore.

Entrevistador: Em baixo de qualquer árvore? E o que mais tem aqui no Parque é árvore né?

Entrevistada: Sim. E agora que fizeram esse cantinho aqui ó, melhora ainda. Teria que ter mais brinquedo perto só, por que só tem lá na entrada no Playground né.

Entrevistador: É, e tu te sente mais confortável aonde exatamente?

Entrevistada: Aqui não tem área fechada.

Entrevistador: É né?

Entrevistada: Teria que ter uma área fechada. Nem que fosse só um tapume né? Mas eu me sinto confortável em baixo de qualquer árvore qualquer árvore por causa de conforto mesmo.

Entrevistador: Nesse espaço, o que tu achas que ele poderia ter pra pra ser mais atrativo? que que na tua opinião, na opinião da Andréia, geógrafa, aí acha que poderia ser mais atrativo?

Entrevistada: Não sei, é que a Baronesa já é atrativa assim por si só né, mas talvez se eles colocassem mais informação, por que a informação da Baronesa fica só dentro do casarão, deveria ter mais aberto ao público, na volta, no entorno da praça. Eu acho que isso seria muito bom, porque pra pra tu conhecer e ficar mais visível, é, guias turísticos sabe, explicando...

Entrevistador: tu achas que então é tipo essas informações do deslocamento, por exemplo, sabe? Tipo, a gente tem um lago ali no fundo.

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: Que aquilo ali é um perigo pra qualquer pessoa, não só deficiente, mas qualquer pessoa, né? Então teria que ter essas informações mostrando tipo essa árvore é tal, o parque é de tal forma.

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: E tu achas que essas informações, elas te trariam aqui mais vezes? não pra tu utilizar de maneira autônoma porque a gente já entendeu que tipo isso não está sendo possível pra ti no momento né? Mas se a gente tivesse essas informações, pra facilitar o trânsito né? Tu viria aqui mais vezes?

Entrevistada: Ah, com certeza trariam. Até mesmo assim, vindo um familiar, um visitante de fora né? “vamos conhecer a história da nossa cidade, da nossa Baronesa, né?”

Entrevistador: massa. E tu conhece a história do Parque?

Entrevistada: Não adianta me perguntar que eu não entendo.

Entrevistador: Não não eu não ia, não queria que tu me contasse. Queria saber se tu lembrava ou conhecia.

Entrevistada: Não, eu conhecia, mas eu não lembro. Ah e eu tenho medo de dar informação falsa.

Entrevistador: Aham. E tu acha que tipo a gente sabe a gente sabe, mas é só pra mim registrar mesmo. Que tu falou né que o parque ele coloca tipo, a gente tem as informações do museu lá dentro mas aqui fora não, daí a prefeitura, a administração peca, né?

Entrevistada: Peca muito.

Entrevistador: Aham.

Entrevistada: Com certeza, né? Olha tem vários lugares que se vai, não aqui na nossa cidade, mas em outros lugares que tem formação visível. E aqui falta, desde que nós entramos aqui, tu conheceu alguma coisa da Baronesa? Uma explicação?

Sobre o que é, quem morava aqui, quantas pessoas eram...E o porque deste personagem ser tão importante pra cidade, não tem.

Entrevistador: é e um negócio que eu tenho visto muito também tipo nas nas entrevistas que eu faço e na nas conversas com o pessoal tipo que a galera esquece muito também que tipo aqui era um negócio que era cheio de escravo né?

Entrevistada: Era.

Entrevistador: Tipo aqui mão de obra escrava.

Entrevistada: É não tem mais. É. Tinha uma parte que que tinha que, mas eu acho que eles tiraram que é a parte da senzala. E eu acho que era pra conter, pra se manter, pra explicar e pra se mostrar que isso aconteceu aqui dentro.

Entrevistada: né? Exatamente. Aham como que tu achas de novo na opinião da Andreia? Tipo esse trabalho é muito trabalho de percepção tua. Eh um trabalho pra da percepção da pessoa mesmo. Como que tu achas que esse serviço poderia melhorar, sabe? Tipo como que tu acha que isso daí poderia ser feito pra pra melhorar pra todo mundo. Por exemplo, a gente tem o pessoal jogando capoeira lá, né? Mas eles estão por conta, né?

Entrevistada: Um projeto daqui. Poderia ter também. E projeto acho que poderia ter vários aqui na Baronesa, né? Projeto eu acho que assim, um dia da semana um projeto diferente em cada dia, eu acho que ia fazer a Baronesa ficar assim melhor contextualizada.

Entrevistador: e tu já participou de alguma atividade ou teve conhecimento de alguma atividade que mostrasse a ligação do Parque com esse período da escravidão?

Entrevistada: Não, mas isso ai seria bom. A capoeira e explicarem que na época, né? Era uma maneira deles se expressarem. Tem vários projetos eu acho que eles poderiam utilizar nesse espaço aqui.

Entrevistador: Agora, em 2022, tu achas que nesse parque é possível que qualquer pessoa, em qualquer condição se locomova livremente aqui dentro?

Entrevistada: Não, não, não... Não acho, assim oh, na entrada de lá pra cá, tem um trequinho que dá pra se andar tranquilamente né? Mas é eu acho que deveria ser um é como é que eu vou te explicar é, parelho? eu mesma se viesse um correndo e eu fosse tentar é desviar com a minha muleta eu já ia cair ali, até deficiente visual, ele pode tá vindo assim com a bengalinha visualmente assim e sem querer tinha a parte mais altinha ali que nós estávamos vindo.

Entrevistador: ali àquela hora quando estava descendo da academia também foi já um tipo um desnívelzinho...

Entrevistada: uma rampinha seria melhor né?

Entrevistador: Com certeza. Que massa.

Entrevistador: tu já fez amigo aqui dentro?

Entrevistada: Aqui já, eu vinha pra cá, com a mãe ou com as minhas colegas e às vezes assim é sentado no campo assim é um puxava assunto com o outro perguntava alguma coisa se é se não fosse daqui perguntava sobre a Baronesa né? Amizades é se faz aqui dentro, isso é muito bom, né? A gente conversa sabe? Nós aqui os pelotenses gostam muito de conversar né?

Entrevistador: Sim! O Pelotense é um povo simpático, eu gosto dos pelotenses. E esse espaço ele tipo ele incentiva essa interação? Sei lá, formas de favorecer a esse tipo de interação que tu mesma falou, sentar e tomar um chimarrão, bater um papo...

Entrevistada: sim desde que eu me lembro, principalmente assim final de semana, quando tem alguma... que geralmente, hoje está cheio né? Pra uma quinta-feira, mas final de semana isso deve encher muito mais. E geralmente quem tem filho, pai e mãe que os filho começam a brincar juntos, já vão falar dos filhos. Se tu é adolescente no caso dele ali ó, se ele está com o amiguinho dele né, aquela coisa né, ai já puxa assunto com outro que tá brincando ali.

Entrevistador: Tu já participaste de alguma atividade aqui dentro?

Entrevistada: já.

Entrevistador: Ah qual o tipo de atividade de curso?

Entrevistada: Ah teve é cultural que às vezes eles fazem aqui eh já fizeram atividade aqui também dos escoteiros né que ele participa, já fizeram várias atividades, é atividades da prefeitura que eles já fizeram aqui também, é dia da criança, dia... Ai eles fazem bastante coisa aqui e a gente vinha....

E quais as formas que eles poderiam incentivar a volta dessas atividades? tipo utilizar melhor o espaço, e se essas atividades trariam mais pessoas né, porque tipo a gente está dizendo que o parque está cheio, né? Mas ele é muito espaçoso.

Entrevistada: Este lado aqui a gente tem muito espaço pra ir lotar de pessoas. E fazer atividades. E colocar mais bancos para aquele lado lá, chamar pra fazer caminhada, não sei, alguma coisa que traga o contato com pessoas com deficiência.

Entrevistador: E tu faz algum trabalho de fisioterapia?

Entrevistada: Faço

Entrevistador: E seria legal tu fazer aqui na graminha ou nada ver assim?

Entrevistada: O que eles mandaram eu fazer é pilates, quer lugar melhor que esse aqui pra se fazer pilates!

Entrevistador: Ao ar livre né?

Entrevistada: É até mesmo pra eu fortalecer a musculatura tem que ser pilates, podia ter sei la, um grupo de pilates coletivo

Entrevistador: Então pra fechar eu queria que tu me contasse sobre teus achismos, por que que o pessoal não vem pra Baronesa?

Entrevistada: Eu acho que é por que ele historicamente não é utilizado, por que tudo que a gente tem aqui de histórico ta trancado dentro do casarão, então eu acho que

também teria que vir pra fora do casarão pra incentivar as pessoas em conhecer a nossa história, nossa cultura.

Entrevistador: Então seria um incentivo a história né? As pessoas entrarem aqui e realmente voltarem no tempo, um espaço de memória mesmo.

Entrevistada: Sim porque na realidade este espaço é so pra gente vim, sentar fazer exercício e as crianças brincar, mas a história, os outros recursos, não são nada utilizados aqui.

Entrevistador: Então Andréia, eu gostaria de te agradecer pelo apoio e pela participação, se tu ainda quiser falar mais alguma coisa...

Entrevistada: Não se acabou, então é isso

Entrevistador: Certo! Brigadão mesmo.

ADR-2104 – Entrevistada sem necessidades espaciais ou deficiência

Entrevistador

O que eu quero que tu me explique é tipo as suas percepções sobre a Baronesa se tu tem memórias daqui essas coisas tipo, não precisa de privar.

Entrevistada

Eu tenho memórias daqui, tenho dali o, ali tem um troço com pedra

Entrevistador

A gruta

Entrevistada

É tá lá só que com aquele container ficou escondido, eu me lembro que quando eu chegava aqui ia na gruta sempre, tinha um monte de criança sempre brincando

Entrevistador

Sempre tem

Entrevistada

sempre pego essa estrada e vou embora.

Entrevistador

Qual o tipo de apego que tu tem assim aqui na Baronesa? é por vínculo familiar, é sobre amizade...

Entrevistada

Amizade! Eu e as gurias sempre vinha sempre aqui fazer piquenique.

Entrevistador

Vocês faziam piquenique aqui.

Entrevistada

É e conversar, vim várias vezes com elas e também com outros amigos, a minha amiga que quando veio estudar aqui em Pelotas, eu trouxe ela pra conhecer a Baronesa, só que claro, passou muito tempo fechado né.

Entrevistador

E tu já sentiu algum tipo de restrição para caminhar aqui dentro utilizar algum equipamento alguma coisa assim, já sentiu?

Entrevistada

Agora acho que não mas antigamente era meio alto aquele degrau não tinha tanta acessibilidade, não era tão acessível entrada da Baronesa.

Entrevistador

É para acessar o Museu no caso?

Entrevistada

Isso, mas agora com essa reforma ficou bom.

Entrevistador

É porque Reza a lenda que era para encostar uma carroça, né?

Entrevistada

Pois é, eu acho que é isso mas daí pra entrar tinha que levantar o pé assim, imagina se viesse de salto, claro que não vai vim de salto, mas se alguém tivesse mais arrumado para sair depois é um problema (risos).

Entrevistador

Existe algum ponto específico que não te Dentro do parque?

Entrevistada

Olha aquele contêiner, eu não gostei dele, ele fecha a visão lá. Mas é verdade (risos), mas tem uma parte que eu gosto

Entrevistador

Já ia te perguntar qual era a parte que tu gostava.

Entrevistada

Ali o lago, é bem tranquilo ali..

Entrevistador

E aí tu tem memórias afetivas naquele Lago também

Entrevistada

É a gente senta ali, é um lugar tranquilo pra relaxar

Entrevistador

E quando tu vem aqui para o parque. Que tipo de lugar que tu que tu procura para sentar assim.

Entrevistada

Ah eu procuro, quando não trago a cadeira, eu procuro a parte dos bancos, ali naquela parte da pracinha que a gente tem banco ou para cá também que eu gosto quando que a gente fica meio separando aqui não acho que é um lugar para gente ficar mais separados assim pequenos grupos distantes uns dos outros.

Entrevistador

Tu consideras o Parque um lugar confortável?

Entrevistada

Acho que é confortável agora sim, antigamente que os bancos eram estragados, agora tem os bancos, dá pra sentar, e também a Baronesa agora tá mais conservada antigamente era fechada.

Entrevistador

E essa pergunta tu vai gostar porque tu é arquiteta. Como que tu acha que esse espaço ele poderia se tornar mais atrativo para trazer pessoas?

Entrevistada

Eu acho que poderia ter, tipo feiras, agora mesmo teve uma feira agora, minha amiga participou que faz mosaico, essas feiras com artesanato e também com alguma coisa

de para comer também, beber. Sempre sempre chama, né? Barraquinha de comida e artesanato, tipo feira da pulga, assim.

Entrevistador

Na tua opinião o que não faz as pessoas virem aqui?

Entrevistada

O que não faz virem aqui? pois eu acho que é falta também de divulgação, eu acho que não não não tem atrativo, não tem muitos eventos aqui dentro divulgado.

Entrevistador

Sim para tornar o parque conhecido também

Entrevistada

É até pras pessoas saberem que ele é aberto ao público, eu acho que como ele ficou muito tempo fechado, as pessoas não se deram conta ainda que podem vir, e como ele é muito fechado na volta só entra por ali, eu acho que também as pessoas ficam..., Mas ele tem que ser assim mesmo, mas tem que divulgar como é que se acessa, pra resgatar a história, tem que ter eventos eu acho.

Entrevistador

E ele é fechado assim também porque ele tem a fama de ser perigoso, né? Tu consideras que existe algum risco aqui dentro de sei lá assalto.

Entrevistada

Olha, eu acho que agora acho que não, mas porque tem acho que tem guardinha aqui, né.

Entrevistador

Tu já andou todo Parque sozinha?

Entrevistada

Ah eu sempre venho aqui acompanhada, sozinha nunca venho.

Entrevistador

E tu acha que é uma caminhada agradável. Tipo até falando sobre conforto térmico também.

Entrevistada

Eu acho que hoje tá agradável, né? Mas quando tá frio, até agradável dependendo do horário

Entrevistador

Eu tava achando que ia chover e acabar com a caminhada (risos), tu acha que nesse Parque é possível que qualquer pessoa realize todas as atividades que tem aqui pra realizar?

Entrevistada

Acho que consegue sim, consegue, por que não é tanto assim, tem a pracinha ali as crianças ainda tem a academia aqui, isso não existia, é novo desde a última vez que eu vim ainda não tinha

Entrevistador

Quando foi que tu veio? Foi antes da pandemia?

Entrevistada

Foi na pandemia, a gente veio fazer um piquenique.

Entrevistador

E tu sentiu alguma diferença durante a pandemia quando tu veio aqui no ambiente ou não mudou muita coisa?

Entrevistada

Eu acho que ficou menos cheio só, porque eu acho que o pessoal aqui meio que como eles se isolam em grupos, então como a pandemia também é feita de grupos.

Entrevistador

Na tua experiência própria assim se tu fosse utilizar academia, tu achas que tu conseguiria usar de boa sim, não teria nenhuma problemática, tu sabe utilizar os equipamentos?

Entrevistada

Eu sei por que lá em Santa Vitória a gente fez seis praças, teve umas que foi nas praias né e três na cidade, então a gente ficava usando (risos), precisava saber se tava funcionando.

Entrevistador

E tu conhece a história do parque?

Entrevistada

Conheço. Aii eu até já te mandei né, esqueci. Eu sei que aqui morava né, a Baronesa e veio Rio de Janeiro.

Entrevistador

E pra ter essas informações, não sei se tu é daqui de Pelotas, que foi divulgado em algum lugar e tu viu? foi no colégio?

Entrevistada

Eu vi foi no panfleto mesmo que eu peguei la dentro

Entrevistador

Até tu tava falando que se tivesse, se mostrasse mais as pessoas viriam pra cá, tu acha que a prefeitura podia investir mais nessas atividade?

Entrevistada

É se fizesse um teatro né

Entrevistador

E tu achas que isso faria mais pessoas vir para cá.

Entrevistada

Eu acho, podia fazer tipo um teatro, alguma coisa no verão mesmo, ou perto até dessas épocas comemorativas como Páscoa, num sábado qui dentro que o pessoal vim comprar chocolate

Entrevistador

Informações pro deslocamento também, né? Porque aqui é gigante a gente vai lá para dentro tem o lago lá que tu falou o lago ele eu acho ele bem perigoso.

Entrevistada

É eu acho que aqui essas partes não tem muita visibilidade assim, é muita arvore né

Entrevistador

Outro dia eu tava andando e vi uma guria cadeirante lá naquele canto fiquei como é que ela chegou.

Entrevistador

Tu já participaste ou tiveste conhecimento de alguma atividade ou exposição que mostrasse a história do Parque a sua ligação Histórica no período da escravidão?

Entrevistada

Não, mas eu acho que tem alguma coisa escrita lá dentro

Entrevistador

Eu trabalho como parque né? O museu...

Entrevistada

Mas no museu tem algo sim.

Entrevistador

Dentro do Museu, mas no parque não tem nada né?

Entrevistada

não no parque não

Entrevistador

E tu nunca ficou sabendo sobre alguma atividade alguma coisa assim, sei lá, aquele dança dos orixás que teve aqui, mas acho que foi pouco divulgado também, né?

Entrevistada

Pois é o problema daqui eu acho que a divulgação porque as pessoas não ficam sabendo agora mesmo, teve essa feira de artesanato, a minha amiga foi porque a gente veio porque eu fiquei sabendo que ela me mandou mensagem.

Entrevistador

Então tu considera que tipo se tivesse mais divulgação nas coisas que acontece aqui, viria mais gente porque é esse meu trabalho né, trazer um monte de gente para cá

Entrevistada

Isso que eu acho que o negócio é divulgação, não sei como é que tá de iluminação de noite. Aí eu vejo né, mas tivesse até atividades até à noite, se tivesse mais a Tardinha, né? essa parte da tardinha que o pessoal sai do serviço né

Entrevistador

Tu já fez amigos aqui dentro?

Entrevistada

Aqui, acho que não, não e lembro de ter feito. Não fiz amigos aqui dentro.

Entrevistador

Tu achas que se o Parque sei lá, oferecer formas de interação de incentivar a interação aqui dentro, tu conheceria pessoas diferentes ou tu não acredita nessa relação?

Entrevistada

Eu acho que sim, se tivesse show, qualquer coisa. Claro que não é tão fácil ficar conhecendo as pessoas.

Entrevistador

Atividade física. Tu já fez.

Entrevistada

Atividade física eu acho que seria uma boa se tivesse ginástica que né que a prefeitura até promove aí até dança teve né? Mas era lá no centro, mas se fosse aqui seria bom, Yoga também, meditação, yoga seria uma boa.

Entrevistador

Um não é a primeira pessoa que fala de Yoga na Baronesa.

Entrevistada

Sim por que aqui tem essa parte da natureza, contato com os pássaros

Entrevistador

Eu acho que é isso. Tem alguma coisa mais que tu gostaria de colocar?

Entrevistada

Que agora sim que ele tá muito melhor do que já foi então é mais fácil falar as coisas boas, ainda tem acho que é muito grande para lá, né?

Entrevistador

A gente vai andar para lá é só assim.

Entrevistada

É tem que ter mais segurança, tem que ter câmera. Eu acho que quanto mais gente tem, mais seguro é né? E as pessoas cuidam né, eu acho que as pessoas cuidam

Entrevistador

Bah tomara! Então eu vou te agradecer, muito obrigado mesmo pela tua disponibilidade.

CLI-2903 – Entrevistada deficiente visual

Entrevistador: Basicamente que eu quero trocar uma ideia contigo sobre a tua percepção desse espaço, né? Então a gente vai ir caminhando por ele. Eu quero que sinta eles assim que eu posso te descrever, como é que ele tá agora também, se tu preferir...

Entrevistador

Aqui não tem marcador de piso né

Entrevistador

pra onde a gente vai, vai ter, mas uma hora ele vai acabar, então já é uma boa a se antecipar.

Entrevistada

Sim isso é um dos grandes problemas aqui da nossa cidade, que os marcadores de caminhada, de piso, eles começam em um lugar, a esmo e terminam num lugar infinito. Sabe, no centro da Cidade. Tem alguns que eles são junto com o cordão da calçada. Então o deficiente é muito difícil porque Tu tem que ter um espaço entre o teu é esquerdo e o teu pé direito e o espaço do teu corporal que tu se locomova com a bengala. Então é difícil se apoiar na beira da do cordão da calçada. E as vezes tem algum que termina na frente de um poste

Entrevistada

Pouca Vergonha, né?

Entrevistada

Então a gente a gente pode começar a caminhar.

Entrevistador

Vai se apoiar no meu ombro que falou.

Entrevistada

Sim.

Entrevistador

Então eu vou te pedir para tu contar com a tua voz que a tua arma é a tua história um pouco com esse Parque aqui, né?

Entrevistador

Se tu já veio aqui antes, como que é para ti vir aqui, me conta um pouco da história com o parque da Baronesa.

Entrevistada

A minha história por parte, ela, é acho que é comum a todas as pessoas da minha faixa etária, eu tô com 56 anos agora e na minha adolescência a gente não tinha muitos recursos de atividades aqui culturais que a gente tivesse acesso até o por falta de dinheiro, e como isso era um espaço público a gente usava muito assim para vir passear, tomar chimarrão, para namorar, para vir com os amigos e ela legal a gente vir aqui usufruir desse espaço, aí na medida que a gente vai crescendo até os meus filhos, eu trouxe aqui porque também esse era um espaço que Comporta como uma área de lazer por que não tinha muitas muitas, e aqui tem muitas coisas aqui para a gente usufruir, era um espaço Verde natural que oferecia um lugar para ti sentar, podia fazer um piquenique, tinha uma caverna aqui, a gente gostava de entrar e sair ali. Enfim era um espaço bom para usufruir junto com a família, né com os amigo.

Entrevistador

Esse parque aqui recentemente, ele passou por uma reestruturação. E aí foi colocado alguns pontos de acessibilidade nele. Pelo menos foi assim que a gente tem no projeto está agora nos primeiros momentos da tua caminhada a gente tá ertinho do Chafariz.

Entrevistador

Tu tá sentindo alguma restrição para utilizar ele acabou de sair, né? E já mandou um tantinho. Eu queria que descrevesse um pouquinho se tá sentindo alguma restrição na utilização nessa saída assim do Parque. Eu tô te levando para onde tem um piso tátil, então a gente atravessou um baita lugar para chegar até onde tem um piso tátil, ele passa na frente do museu, então é mais ou menos aonde tem piso tátil na verdade mesmo, né no caminho até o museu.

Entrevistada

O problema da acessibilidade em muitos locais é que se eu tivesse sozinha. Eu teria uma dificuldade em encontrar, primeiro o portão, né? E eu teria uma grande dificuldade de encontrar o portão por que ele é uma área extensa e alguém teria que me explicar geograficamente qual o ponto que ele ia ficar, quantos metros fica da Esquina da Rua até o início do da entrada e que lado é que lado esquerdo lado direito eu sozinha não não conseguiria teria que alguém ter me instruído antes de sair de casa, me explicado e na entrada, antes de chegar o piso tátil, ele tem um acesso de Cimento e areia material, material bruto de cimento.

Entrevistador

Concreto.

Entrevistada

Então a grande dificuldade, repetindo, minha individual é a localização como eu vou me locomover dentro dos espaços se eu não tenho um sinalizador, eu preciso de um sinalizador, sinalizador, teria que ser o piso tátil e ou placa de sinalização na entrada ou que tivesse alguém que determinasse onde é o início onde entra onde sai.

Entrevistador

Legal e diante disso Clarice, tu acha que só nesse nesse pouquinho que a gente andou tu acha que é possível qualquer pessoa em qualquer condição se locomover livremente dentro do parque. super.

Entrevistada

Eu acho assim, tudo é possível entendeu quando tiver Boa Vontade tudo é possível, só que alguns facilitadores é importante né placa, placa sinalizando mas não placa sim que não tenham acessibilidade, ou seja, essas placas deveriam ser sinalizadores na realidade entendeu porque é difícil tu se localizar sozinha tem que ter uma orientação de alguma forma, tem que ter uma orientação.

Entrevistador

Significa então que tu consideras que é perigoso aqui dentro sem a sinalização que a gente não tem tô te falando por que não tem mesmo.

Entrevistada

Não seria perigoso se tivesse esses sinalizadores, uma pessoa que tivesse indicando o caminho, seria uma das formas né. Não ia ficar tão perigoso porque eu poderia entrar pelo portão ali e ficar a ismo não saberia pra que lado eu ia me locomover até para direita para esquerda para leste oeste norte.

Entrevistador

Então, a gente tava falando sobre a administração do Parque que não oferece. Então esses serviços que deveriam ser feitos, né? Por exemplo se a gente quer que o parque seja utilizado por todo mundo, então ele teria que eu faço facilitadores de acesso para todos.

Entrevistada

Exatamente, até por que quando se trata de deficiente visual há um pensamento muito pequeno em achar que quando coloca um piso tátil, você resolveu o problema do deficiente visual, não, não resolveu, além do piso tátil, eu preciso saber outros problemas que eu poderia encontrar e ter estabilidade para mim resolver nesse nesse trajeto, tá. Eu tô dentro de um parque e como eu vou para usufruir desse parque? como eu to usufruindo agora, eu to ouvindo agora o som dos pássaros que eu tô ouvindo agora, as vozes de pessoas, de crianças. E se eu quisesse visitar lá dentro ao museu, teria uma pessoa que orientasse, explicasse se eu posso tocar na peça, se eu não posso, aonde elas estão, que direcionamento eu posso ter dentro daquele espaço, se eu posso avançar para esquerda, pra direita, e se eu posso tocar nesses objetos ou não esse. E se eu não posso tocar neles, eu não posso ver, teria que ter uma pessoa para me explicar, qual é as peças que tem ali fazer toda aquela apresentação turística sobre o porquê eu estou visitando.

Entrevistador

Tu conheces a história do parque na história na história mesmo.

Entrevistada

A eu conheço alguma coisa assim que a gente estudou lá no colégio, mas tem muitos anos atrás, eu sei que aqui é o Parque da Baronesa, eu sei que tem algumas coisas significativas sobre os escravos, mas é só assim...

Entrevistador

E é coisa que tu ficou sabendo por conta não porque tu veio aqui e te contaram...

Entrevistada

Não, eu não vim no Museu da Baronesa e soube da história do Museu da Baronesa

Entrevistador

Além dessas informações de deslocamento que a gente já conversou que tem pouco, tu acha que eles oferecem né alguma informação sobre a contextualização histórica esses guias informacionais que falou que poderiam ter aqui dentro, né? Essas informações, elas te trariam mais vezes aqui no parque?

Entrevistada

Como eu teria acesso a informações para outros meios só por essas informações, eu não me traria. O que me traria aqui mais vezes, seria realmente aproveitar o ambiente, né que ele entre aspas "Seguro", no sentido que é um local delimitado que eu poderia aproveitar como lazer mas o espaço mas não espaço individualmente, eu teria que vir com outras pessoas no outro grupo. Mas a questão do museu não porque o histórico do museu eu posso obter através de áudio visuais né, em casa.

Entrevistador

Tu me falou que se tu for procurar esse lugar para vir seria para atividade de lazer, tomar chimarrão... Aí que tipo de lugar que tu procuraria?

Entrevistada

Procuraria um lugar que tivesse sombra, que tivesse bancos, né ou não, porque eu poderia trazer a minha cadeira de casa, que tivesse uma arborização, né? pra ficar mais perto da natureza entre aspas porque até porque com a pandemia agora a gente tá tendo uma dificuldade de se aproximar das pessoas, mas se tiver no lugar. Vacinada no lugar amplo possa ter um distanciamento só dá para desopilar um pouco, né? Porque academia tá trazendo muitos problemas, né?

Entrevistador

A gente vai aqui vai acabar o piso. Aí a gente tem que vir para esquerda tá achando até agora desse caminho? Viemos do portão na reta e passou na frente do museu. Agora a gente tá indo em direção a academia pública

Entrevistador

Que tem gente equipamento de academia, tem equipamentos que as pessoas fazem simulação de caminhada, umas rodas que é tipo aquelas.

Entrevistada

Simulador de caminhada é aquele de pé né? de pedal?

Entrevistador

Isso!

Entrevistador

E tem um também que é redondo que parece um, seilá, um "dirigido" de barco que eu não sei para que serve.

Entrevistada

Tá aí no caso se eu tivesse sozinha era, eu não sei se tem um orientador se fica por aqui.

Entrevistador

Era bem isso é bem essa pergunta que eu ia te fazer...

Entrevistada

Porque também se tu não conhece o aparelho isso não... teria alguma dificuldade ou até dificuldade visual outra dificuldade... motora por que é bem difícil, né? Tu acessar,

até tu pode tentar por curiosidade, mas aí eu acho que não vale o risco, entendeu? Porque eu mesmo. Como disse anteriormente a minha voz e a minha arma e as minhas mãos né? Meus ouvidos os meus pés as minhas pernas estão os meus olhos agora tá.

Entrevistador

Aqui na na na.

Entrevistada

Eu não posso me dar o prazer de tá me machucando. Pois.

Entrevistador

É aí na minha esquerda. A gente tem um quadro que é um quadro que explica como utilizar cada equipamento ele não tá escrito em Braille, ele tá só escrito da forma convencional que a gente conhece se tivesse um mapa mostrando isso. Ficaria o mapa tátil para ti mostrando onde ficaria cada equipamento e escrito de uma forma que tu pudesse compreender como utilizar cada equipamento eles sem precisar que tivesse um cara aqui para ajudar. Se.

Entrevistada

Tivesse mais ou menos uma instrução básica. Como acionar o equipamento a localização é eu conseguiria quanto que eu conseguiria assim, daí.

Entrevistador

Teria que ter fazer informações de localização e altura também de equipamento.

Entrevistada

Eu que altura vai depender como é que eu vou chegar aqui para mim, eu tenho que levantar, o pé? a perna, é com a mão? em cima do meu joelho. Então mais ou menos, sabendo a altura, mais ou menos sabe, o posicionamento que vai fazer, se é sentado, se é, se tu vai usar os pés, como pedal.

Entrevistador

Tem um lugar preferido aqui no parque?

Entrevistada

Não mais, por que como eu disse anteriormente, quando eu procuro um lugar para passear em geral, é isso mesmo para uma roda de conversa com as pessoas de casa amigos. Então enfim depende se tiver uma sombra tiver um lugar para sentar de preferência num caminhar muito né? Eu para me agradar eu posso ir em qualquer lugar, qualquer lugar para mim é bom. Porque eu vou apreciar mais eu que eu tô ouvindo, né? Porque como o meu recurso de visão ele não existe mais então eu tenho que absorver atividades de lazer. Onde eu posso usar minhas mãos, ou quando eu uso a minha voz, né?

Entrevistador

Tu estás te sentindo bem em relação que tu tava falando da sombra e tal nesses lugares sem estar andando que não tem sombra tudo se sente confortável em

relação...

Entrevistada

Eu me sinto como qualquer outra pessoa né porque, como esses ultimos tempos agora né, devido a eu acredito muito nesse pelo que a ciência fala que a intervenção humana para transformando o nosso planeta né é um calor absurdo que tá fazendo agora um calor que eu não lembro de ter passado e isso que eu tenho bastante experiência no sol porque já trabalhei na no sol já fiz muita coisa no sol por várias horas então ele já nem incomoda um pouco né mas não é uma coisa assim tão desgastante porque até porque eu tô aqui espectadora como participante mas ao mesmo tempo espectador né porque eu tô conversando contigo e ao mesmo tempo tô usufruindo do espaço entendeu.

Entrevistador

Então a gente pode dizer que ele é confortável

Entrevistada

É de certa forma ele é confortável

Entrevistador

Apesar de não ter sei lá Eu tô procurando um banco para gente sentar para refrescar um retorno e não achei ainda. Então tá? A gente vai pensar por conforto térmico dá para dizer que sim, então sobre conforto térmico, mas sei lá o conforto com Geral, não tem banco essas coisas. Aí, eu queria saber da tua opinião. Como que tu acha que o Clarice acha que eles poderiam fazer para tornar isso aqui mais confortável,.

Entrevistada

Eu acredito que se a gente tivesse sinalizadores. Eles poderiam ser audíveis, né? ou pessoas que ajudassem a reconhecer o espaço aí ficar aonde eu tenho um recurso para sentar, entrada do museu. O que que tem dentro do Museu? Como é que morreu que apresenta o histórico do museu a história das festas como como visitantes teria que ter vários sinalizadores, não basta ter só o piso tátil para mim chegar até o Espaço porque eu vou chegar no espaço. Mas eu vim buscar o quê? Qual o objetivo de ter vindo aqui além de usufruir da vida que tem aqui nesse espaço de tentar ficar aqui para refletir para conversar para tomar um Chimarrão. Só que aqui é pequeno aqueles que não eu acho que ele estaria de algum sinalizadores, né?

Entrevistador

Me explica um pouquinho agora mesmo, tu falou da natureza e tal, né? Tu consegue sentir natureza aqui dentro porque isso é muito sobre a minha pesquisa também, essa parte sensorial e tal.

Entrevistada

Parque cercado por ruas e passa carros. Tem muita poluição, a gente consegue sentir, tem um barulho dos pássaros a gente ouve. E aí é constante, né? Que é porque nessa época eles andam muito por aqui, eles comem sementes. E aí ele período de verão, ele tem alguns pássaros que ficam. Que tem alguns que já até fizeram ninhos para

eles, então eles ficam muito aqui na volta que se ouve bastante o som é gostoso de ouvir.

Entrevistador

Já caminhou o parque inteiro alguma vez?

Entrevistada

Inteiro, eu acho que não

Entrevistador

Tu considera que seria uma caminhada agradável considerando essas com está tendo agora, né? Quero saber se já sentiu a diferença de texturas no solo, algumas mudanças, aqui a gente tá numa graminha.

Entrevistada

Esse horário que nós escolhemos é um horário bom, então ele tá gostoso assim quando tem alguma, eu sinto que tem que tem lugares que o sol fica bem forte e tem vezes que sol ta mais eu não sinto ele na pele então consequentemente o devo estar em sombra. Então é bem agradável, porque eu posso eu não sou obrigada a ficar no sol, eu posso escolher um espaço assim a sombra temperatura que nós estamos agora e no inverno o inverso, eu posso vim pra cá, pra comer umas laranjas, umas mexerica, me sentar no sol, me sentar e aproveitar também.

Entrevistador

Comer uma bergamota tomando chimarrão. E sobre a segurança, mas assim tipo segurança pessoal, tu considera que a sei lá por causa do tamanho também desse parque né? Tu considera que o parque ele é suficientemente seguro para para tu fazer essa caminhada sozinha mesmo com todas as condições necessárias.

Entrevistada

Não me sinto segura nem na minha casa, porque a gente tá num momento difícil, né? Muito violento, muito ódio muito muito difícil muito difícil mesmo todos os sentidos então não me sentiria segura.

Entrevistador

Uma coisa aparecendo muito na nessas outras caminhadas que eu já fiz aqui também por causa da Fama do Parque que já tem de ser inseguro, né? Então o pessoal já não se sente seguro por causa disso.

Entrevistada

Não sei se mudou muita coisa, né? Mas há um tempo atrás o parque era aberto, né ele aberto e como ele é aberto para todas as pessoas entrar todos os tipos de pessoas entram aqui dentro.

Entrevistador

Minha pesquisa é para isso mesmo todos os tipos de pessoas.

Entrevistada

Vai encontrar pessoas que venham para cá para tem o mesmo objetivo que nós estamos aqui para expor ideias para dividir para compartilhar pra lazer e pessoas que pensa infelizmente tem coisas que não são boa, né? Vamos falar sim..

Entrevistador

E dos riscos agora, tipo, a gente não vai passar lá, mas é um negócio que eu Tenho pensado muito e até um lago lá bem no meio, né? Sei lá podem cair lá dentro e aí quanto a esses riscos assim, o que pode oferecer? Por exemplo agora só matagal, né? Mas agora o que que tu pensa a respeito disso se teria alguma forma de resolver sei lá.

Entrevistada

Não.

Entrevistador

Porque como tu falou esse parque ele é muito grande, né? E aí tipo a medida que a gente vai entrando aí cada vez mais natureza. E aí andamos 300m já viu que né isso aqui para pior, né? Tu acha que teria alguma forma de gente alertar isso aqui dentro.

Entrevistada

É o que eu falei eu acho que independente se vai vim pessoas com deficiência ou não, todo espaço público tem que garantir segurança, ele tá dizendo o espaço é público é viável e aberto só que ele tem que ter viável também na segurança, né? Ninguém vai querer sair de casa para se machucar, né?.

Entrevistada

Eu não sei então é porque não estão cuidando então agora essa parte porque eu lembro que a casa de banhos antes as pessoas visitavam não sei que existe, era uma casa de banho mesmo.

Entrevistada

Eu acho que assim, se tem um mato verde, então tem que se buscar entender o por que que este mato ele está ai, por que é Nativa ou é porque não foi podado não limpam por isso que o Mato tá aqui, e por que que o mato está aqui? por que que não é limpo, essa área? Tem que ser preservada. Por que alguns animais nativos ficam aqui ou vem para cá alguma coisa assim? Porque que nessa área o mato tomou conta?

Entrevistada

Aqui só tem trilha de areis e tu só pode transitar se tu for conduzido, né?

Entrevistador

Não dá pra dizer que é abandonado não tá? Porque é bonito né mas não tem nenhuma sinalização

Entrevistada

Eu não compreendi bem essa parte

Entrevistador

Eu acho que é uma área também pode ver isso, preservação sim só que preservação da, até ia perguntar da preservação da história tu já participou teve algum conhecimento de alguma atividade ou exposição que que mostrasse esse parque ligado ao período da escravidão?

Entrevistada

Não, não lembro.

Entrevistador

E tu acha que seria necessário que se mostrasse contextualização porque né, era uma casa de baronesa e foi erguida por mão de obra escrava né, enfim.

Entrevistada

Eu acho importante sim, eu acho importante até por que eu sou negra e é a história dos meus ancestrais, eu acho importante sim se falar e que localizar locais onde estiveram presentes onde onde eles viveram entre aspas, por que faz parte da história tem que se contar tem que se falar tem que estar registrado tem que ter registro porque nós vamos passar o dia, né? e a história tem que ficar registrada as coisas têm que ser faladas, né

Pessoa 3

eu me dei conta de uma coisa que eu nunca tinha me dado conta disso, o Clarice, o parque é da Baronesa. Só conta uma história, né?

Entrevistada

Só a história da Baronesa então...

Entrevistador

Tu já fez amigos aqui dentro,.

Entrevistada

Não lembro assim, quando era adolescente não fiz amigos, eu trouxe amigos para cá, o meu grupo. Eu já fiz fotos aqui na época que eu era adolescente quando eu trabalhava com modelo.

Entrevistador

Tu acha que se o espaço sei lá, se ele incentivasse essa interação social. Tu seria capaz de conhecer pessoas aqui dentro? ou isso não mudaria nada dessas percepções. Porque.

Entrevistada

Eu tenho algumas facilidades, eu sou muito comunicativa e eu tenho uma idade que permite quase até falar sobre o sexo dos Anjos. Eu gosto muito de falar com pessoas conhecer pessoas, entendeu? interagir é muito importante, lava a alma mesmo, porque quando tu volta para casa sempre descarrega alguma coisa na tua mente, isso

a gente faz principalmente quando tu trabalha, né? Tu encontra as pessoas no ônibus no Uber. Sei lá no trajeto do da saída da faculdade, a gente acaba agregando pessoas na vida da gente mesmo. Que seja só cotidianamente eu vejo o seu José lá, que eu passo todo dia pelo seu José porque ele ou tá no bar ou ele é o dono do bar, e aquilo fica na minha história, por que lá na frente já aconteceu, conheci o seu seu José do Bar e depois muitos anos depois eu fui interagir com a neta do Seu José, ela foi ser minha aluna. Eu acho importante interagir com as pessoas. Eu acho muito importante a gente carrega muita sabedoria com a convivência com as pessoas.

Entrevistador

Então se eles oferecessem atividades culturais, coletivas tu participaria?

Entrevistada

Claro que eu participaria, eu tô agora procurando coisas alguma coisa para mim fazer como voluntária porque eu sinto uma necessidade muito grande de de estar, muito importante, eu sei que é um sentimento que alguns amigos meus são deficientes visuais eles tem também porque o deficiente visual ele tem lado muito solitário. Porque nem todos os espaços eu posso estar porque muitas vezes eu dependo de uma pessoa para me ensinar nesse espaço. Só que essa pessoa que circulam na minha volta. Todo mundo tem a sua atividade tem a sua vida. Eu como boa entendedora do Riscado como dizia minha mãe, eu não posso invadir o espaço do outro, né? Eu tenho que esperar que o outro seja solidário comigo porque tem que vir a boa vontade, tem que vir do outro lado não minha eu tenho que receber eu não posso ficar pedindo porque quando eu vou pedir eu vou pedir várias eu não vou pedir uma vez só porque a minha condição física hoje eu preciso né? Então é diferente quando tu te oferece e quando tu precisa diariamente aleatoriamente é uma coisa aí mas necessidade que diária. é bem diferente vai.

Entrevistador

Ter que dar licença pra dois ciclistas que vão passar a direita.

Entrevistada

Com certeza eu acho que se eu tivesse sozinha eu não saberia né eu ouviria o barulho mas não ia saber.

Entrevistador

Biloca quer falar alguma coisa, acha que faltou algo?

Pessoa 3

Não, ótimo!!

Entrevistador

Eu vou te agradecer vou até desligar meu gravador.

Entrevistada

Sim.

Pessoa 3

Queria falar uma coisa que eu tinha me esquecido sabe, que é o seguinte foi feito aquele orçamento da prefeitura, por que é uma linha reta viu o Clarisse, entra naquele portão que nós entramos e passa aqui bem na frente da Baronesa. Dai até aqui nós fizemos uma volta, mas ele vem reto, mas o que eu percebi na sua caminhada que não fez muita diferença onde tinha piso tátil, ou onde não tinha

Entrevistada

Não, não fez

Pessoa 3

Eu notei isso, por exemplo aqui, tu tá caminhando tão bem no cascalho aqui onde tem, como caminhava no piso tátil

Entrevistada

não tem muita diferença, a diferença é que o piso tátil ele pode fazer, é muita falta, mas tem lugares que eles vão assim, vai me oferecer um risco, tipo, lá no centro da

cidade aqui tem árvore. Porque geralmente os piso, tátil eles, eles aparecem mais aquele que é de siga não aquele que é de atenção e o siga é aquele que é igual uma bolachinha champanhe, e o de atenção é aquele das bolinha.

Pessoa 3

Aqui é aquele das bolinhas, mas não fez diferença, tu caminhou na grama e não fez diferença. E o absurdo né, é que termina aquele negócio, ele não vai a lugar nenhum

Entrevistador

Ele não termina nem na academia, né? Ele termina, termina.

Entrevistador

Só vai até a frente do museu mesmo e termina no fim da calçada.

Entrevistada

Deveria ter né, ali onde a gente faz exercício deveria ter.

Entrevistador

Não tem nada tanto que a gente chegou na entrada e já desceu pra grama porque senão a gente teria que passar pelo meio.

Entrevistador

Não se ele fosse um.

Entrevistada

Eu tenho muitos problemas com obstáculos no meu caminho. A grande maioria das vezes pessoas também não saem do caminho elas tão vendo que o deficiente visual, que a gente vai passar aí elas não saem do caminho, a defesa que eu tenho é a minha bengala, que faz esse movimento aqui que faz na média dos dois ou três passos a minha frente que aí eu tenho esse espaço para saber se eu ainda estou na defesa. Só que a gente encontra esses obstáculos, fora os buracos, fora os bueiros os buracos aqueles de tampa de esgoto que não existe mais que roubam tiram e aí tem paradas

de ônibus aquelas ali de ônibus na Osório que tem umas os canais ali de tipo de saída de água de bateria de água e eles são assim todos furadinhos.

Entrevistador

Frente do museu aqui, quando estava passando bem na beirinha da calçada é assim também.

Entrevistador

Eu posso eu posso dizer que sinalizadores sonoros são melhores que sinalizadores táteis, por exemplo a

Entrevistada

Em algumas situações sim, deveria ter né, deveria.

Entrevistada

Volta da obra para proteção de tela com madeira, né? Bota a placa ali do engenheiro responsável pela obra não tem nada que sinalize que tem uma obra isso aconteceu comigo que eu bati ali na Floriano esquina com Andrade Neves Batista na Floriano esquina. Passando a loja aquela Obino ali ali.

Entrevistada

Gente viu. Grupo de turismo tem o curso de turismo da Universidade própria prefeitura não precisa ter um projeto federal para que a própria prefeitura para criar um projeto de Estagiários, né?

Pessoa 3

Projeto de extensão da Gisele, pode porque não.

Entrevistada

Interessante porque tu dá oportunidade, divide conhecimento e que melhora a acessibilidade às pessoas. Porque não sei se vocês prestaram atenção, não sei se a Biloca prestou atenção, mas quantas pessoas deficientes visuais vocês viram na rua, no trajeto que fizeram até aqui?

Entrevistador

Uma, tu no caso (risos).

Entrevistada

As pessoas não saem para rua, como eu te falei os deficientes visuais eles são muito solitários como a gente já tinha falado, nós precisamos de outros, e esse outro tem que tá disponível, né e à disposição, então só que a gente quer andar na rua, a gente quer atividade, a gente quer participar porque nossa cabeça ferve de ideias e projetos. Claro que na minha casa eu faço tudo eu faço tudo passa até pedi depois para mandar gravar eu cozinhando vou te mandar eu faço tudo na minha casa, agora que algumas coisas você que não quis aquele feita, mas eu faço tem algumas dificuldades.

Entrevistada

Apesar de ser deficiente visual sempre grata pela minha vida, estou muito grata, por que eu tenho uma história de muitas coisas ruins assim, mas eu tô eu agradeço porque eu tô viva. Eu só perdi a visão. Só isso eu tenho capacidade para muita coisa, vamos voltar.

Entrevistador

Vamos sentar aqui um pouquinho para descansar.

Entrevistador

Eu só vou desligar meu gravador, então e te agradecer muito por a gente trocar essa ideia eu aprendi muita coisa!

GVA-3803 – Entrevistada com deficiência cognitiva

Entrevistador

Então, como eu te expliquei, a gente vai caminhando eu, vou te fazer algumas perguntas tá é bem tranquilo na velocidade que tu quiser andar para o lado que tu quiser andar também tá, tu que dita o trajeto aí a medida que a gente vai caminhando, a gente vai conversando, tá me conta um pouco então da tua história aqui na Baronesa se tu já veio antes se tu costuma vir

Entrevistada

eu vim algumas vezes com os professores da dança nas é atividade com dança capoeira né, quando eu era criança também vinha muito brincar.

Entrevistador

Vocês faziam atividades de dança e capoeira aqui na Baronesa?

Entrevistada

É

Entrevistador

E era pela Universidade?

Entrevistada

Sim!

Entrevistador

de usava algum espaço aqui perto?

Entrevistada

lá perto do museu

Entrevistador

E aí vocês faziam atividades aqui de dança capoeira e juntava muita gente?

Entrevistada

Juntava bastante gente os alunos do professor de capoeira e algumas colegas nossas do projeto a gente fazia parte

Entrevistador

Aham e era um projeto da universidade?

Entrevistada

Aham, sim, e quando era criança também costumavam vir aqui pra brincar, pra andar de bicicleta, eu vinha muito aqui

Entrevistador

Então você tem algumas memórias afetivas no espaço?

Entrevistada

Tenho! Ali naquela parte ali

Entrevistador

Na Gruta?

Entrevistada

É

Entrevistador

Crianças gostam da Gruta né?

Entrevistador

Já, em algum momento, agora mais geral, tá? Não é só sobre a Baronesa só para mim te conhecer mais um pouco tu já sentiu ou Já teve alguma restrição no uso de Parque, praça?

Entrevistador

De. Por causa de alguma limitação tua que te interessa.

Entrevistada

Não

Entrevistador

Sobre o parque assim geral, tu tem algum lugar que não te agrada aqui dentro?

Entrevistada

Não

Entrevistador

Nem em algum lugar mais afastado que tem um lado, lá?

Entrevistada

Não, eu não procuro ir nesses lugar mais afastado

Entrevistador

La pra dentro, tu não vai lá você acha perigoso?

Entrevistada

Ah, eu acho

Entrevistador

Tu acha que aquela parte ali que tem o lago e que tem as árvores, tu achas que aquilo impede o acesso das pessoas, por exemplo um cadeirante, tu acha que um cadeirante conseguiria utilizar aquele espaço lá atrás?

Entrevistada

Livremente caminhando agora eu acho que não, eles iriam tem alguma limitação mesmo

Entrevistador

E tu tem um lugar preferido aqui?

Entrevistada

A gruta.

Entrevistador

Quer me contar um pouco da história sobre a gruta?

Entrevistada

Quando eu era criança dava pras criança entrar dentro ali, eles tão brincando ali ó

Entrevistador

E a gruta é o teu lugar para favorito então? Quando tu vem para Praça aqui, na Baronesa, sei lá, para passar um tempo, tu vai sentar perto da Gruta?

Entrevistada

Sim.

Entrevistador

Então essa parte aqui, gruta, graminha, Arvorezinha eu posso dizer então teu lugar que tu sente mais confortável no parque.

Entrevistada

Sim, é meu lugar confortável.

Entrevistador

E no geral, tu acha o Parque confortável?

Entrevistada

A eu acho.

Entrevistador

Conforto térmico principalmente né? tipo, Agora. Tem feito muito calor, né? Se eu vir para o parque vou sentar em baixo de uma arvorezinha e vou ficar fresco?

Entrevistada

Vai

Entrevistador

Se tu fosse planejar esse espaço, tu mesmo, como que tu acha que ele se tornaria mais atrativo? Que que tu acha que precisaria aqui no parque por exemplo, é sábado 3 horas da tarde e a gente tem 20 pessoas aqui dentro, né para deixar esse Parque mais atrativo mais do que 20 pessoas em geral o que tu acha para ti, Giovana que poderia ter no parque?

Entrevistada

As entradas, eu achei pouca sinalização, podia ter mais sinalização né, direito esquerdo. Ali é um banheiro? não sabia desse daí eu saberia se tivesse uma placa sinalizando

Entrevistador

Tu achas que assim para orientação, por exemplo aqui é perigoso, né? Tu é uma pessoa que tem aqui.

Entrevistada

É perigoso. Poderia ter uma sinalização no chão para demonstrar, e placa para contar a história do parque.

Entrevistador

E tu acha que se tivesse isso aí que você tá falando, Faria 420 pessoas vir para cá?

Entrevistada

A viria, conhecer o Parque né, a história

Entrevistador

A gente falou sobre perigos, né? Tu acha que os perigos que tem lá para trás é mais perigo no uso assim mesmo, tipo cair se machucar, ou risco de Assalto também tu acha que aqui dentro é perigoso nesse sentido que pode rolar um assalto?

Entrevistada

A eu acho, pode ter briga aqui dentro. Eu acho também que tem os cachorro que vem sem aquele negócio na boca, né? Pouco arriscado.

Entrevistador

E tu já Andou no Parque inteiro inteiro sozinha?

Entrevistada

Lógico que não

Entrevistador

E é porque tu tem medo de assalto, ou tem medo tipo do trajeto que possa te oferecer alguma grande...

Entrevistada

Eu tenho medo de me perder

Entrevistador

Tu achas que vai te fazer tu te perder aqui dentro? Por que é muito grande e não tem a sinalização adequada, ta falando, né?

Entrevistada

Não tem, se mostrasse, se apontasse saída

Entrevistador

A gente tem academia lá tem um playground das crianças, né? Tem um banheiro, né? Esses equipamentos que eles foram recentemente instalados aqui dentro, playground academia banheiros, tem um tem algum ponto de informação lá dentro que eu vi um desses informativos, tu acha que eles eles podem ser utilizado por todo mundo todo mundo literalmente que vai vir uma senhora idosa, dentro ela tem 80 anos é possível usar academia, uma criança autista vai brincar no playground tu concorda que esses equipamentos eles eles são acessíveis a todo mundo na utilização. Pode ser pela tua própria experiência só pela sua impressão assim olhando ele..

Entrevistada

Eu acho que já a pessoa pode usar mas não ir sozinha, né? Porque vai que a pessoa acha que por exemplo, vai entrar, é na rua?

Entrevistador

Lá no amarelo lá, do lado do Castelinho lá tá a ginastica

Entrevistada

Eu nem sabia que tinha uma coisa dessas aqui no Parque

Entrevistador

Se quiser a gente pode passar ali, Tem o Castelinho, do lado do Castelinho tá a academia.

Entrevistada

Academia.

Entrevistador

Eles fizeram assim, eles fizeram um círculo de cimento, e aí colocaram os equipamentos.

Entrevistador

Tu acha que eles conseguiriam utilizar assim?.

Entrevistada

Acho que sim

Entrevistador

Mesmo se for, mesmo se fosse uma Senhorinha de uns 80 anos chegasse sozinha para malhar ela conseguiria fazer

Entrevistada

Ah! dai eu acho que não. Mas se bem que eles fazem tudo hoje, qualquer coisa eles fazem

Entrevistador

tu conhece a história do Parque?

Entrevistada

Não.

Entrevistador

A história da casa, história do terreno, nada. Tu só vem aqui porque tu acha que é um ponto de Pelotas agradável, mas tu não sabe o que aconteceu aqui dentro

Entrevistada

Eu não sei que, mas eu até fiz parte da daquele evento que colocava os estudantes numa casa antiga, como que é o nome meu Deus, aquele que colocava 2, 3 no lugar e todo sábado todo domingo

Entrevistador

Dia do patrimônio?

Entrevistada

É, dia do Patrimônio, só que eu não vim para cá

Entrevistador

E tu acha que o fato de tu não saber a história do Parque assim como muitas pessoas de Pelotas, não sabem a história do Parque, tu acha que isso é culpa da, do Parque da administração do Parque tu acha que eles oferecem essas informações?

Entrevistada

Olha, eu nunca procurei assim na internet pra ver, mas eu nunca vim em um dia de visitaçãõ.

Entrevistador

Pois é né, a gruta por exemplo, é um espaço muito bom que tu gosta, mas a gente não sabe o porquê que tem essa Gruta? Por exemplo nessa casa aqui também é uma casa antiga. A gente geralmente não sabe o porquê, que ela existe né? Então, tu achas que essa informação, elas deveriam ser passadas?

Entrevistada

Deveria, sim eles não mostram muito da história, né? Mas a gente que vem porque tipo. Pode vir ficar sem carro aqui não tem carro, tipo pode se juntar tomar chimarrão, é um local que pode vir trazer a família mesmo com tudo isso que aconteceu

Entrevistador

Tá quando tu me falou que tu vinha para cá para os grupos de dança né, para fazer capoeira e tudo mais. Em nenhum momento essas atividades contextualizavam, por exemplo capoeira, capoeira é uma herança Negra, né? Em nenhum momento essas atividades tinham ligação com o contexto histórico do Parque?

Entrevistada

Não

Entrevistador

Não? E tu gostaria que tivesse? Tipo, se tivesse atividade que contextualizasse a história do Parque, se fosse uma atividade de dança, né? Mas se fosse uma dança afro que lembraria o que aconteceu aqui, tu participaria?

Entrevistada

Eu participaria mas eu acho que por ter sido mão de obra escrava, eu acho que seria os dançarinos negros que iriam dançar nas atividades então eu não poderia participar por que meio sou branca, então tipo, eles falaria mais da Umbanda junto com a dança deles.

Entrevistador

Mas te convidassem para participar tu participaria?

Entrevistada

Sim,

sim.

Entrevistador

Tu mora aqui perto?

Entrevistada

Não, ali perto do presídio, Ronaldo Lanches

Entrevistador

E tu já fez amigos aqui dentro?

Entrevistada

Ah de vim assim e fazer amizade do nada? Acho que não.

Entrevistador

Se a gente tivesse mais atividades mais informações e mais formas de promover a inclusão social, por exemplo se colocar um idoso para fazer atividade física junto com uma criança autista, uma pessoa cega. Então todo mundo misturado.

Entrevistada

Eu já fiz parte, eu já fui professora deles lá durante a faculdade, né? Eu acho que eles conseguiriam vir sim isso incentiva pessoas fazerem amizade

Entrevistador

É né se tu se sentir seguro para andar no espaço, vai se sentir seguro para acessar ele.

Entrevistador

Quando tu vem fazer atividades aqui, seja atividade física, atividade de lazer, tomar um chimarrão e tal, tu já chegou a precisar da ajuda de alguém aqui dentro tipo de ou foi totalmente autônomo?

Entrevistada

Eu nunca precisei de ajuda para fazer as coisas aqui dentro né, também porque geralmente eu consigo fazer as coisas sozinha, né?

Entrevistador

Então tu nunca, nisso daí para ti não, mas tu acha que isso aqui isso seria necessário que se prepare uma ajuda.

Entrevistada

Por exemplo, até agora eu não sei se alguém do Parque tá andando auxiliando, vendo como que tão as pessoas.

Entrevistador

Legal, passar informação, Ensinar onde tá o equipamento, na verdade não tem.

Entrevistador

Um pouco tiver traga mais algum animal de Curitiba que eu quero pesquisar.

Entrevistador

Mais alguma sugestão de que tu gostarias de me dar para colocar aqui dentro, sei.

Entrevistada

Sinalização coisa comer ponto de táxi.

Entrevistador

Mas ali tem uma barraquinha lá dentro tá vendendo alguma coisa não agora eu tô só te seguindo porque a minha bateria já acabou. Então Geovana Muito obrigado pela tua disponibilidade.

APÊNDICE E – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 3 DE MARÇO, ÀS 10 DA MANHA

Mapa comportamental dia 03/3. 10 horas

Caminhando	
Correndo	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Fotografando ou sendo fotografado	
Em pé no lugar	
Brincando	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Viatura policial	
Trabalhando	



APÊNDICE F – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 7 DE MARÇO, ÀS 10 DA MANHA

Mapa comportamental dia 07/3. 10 horas

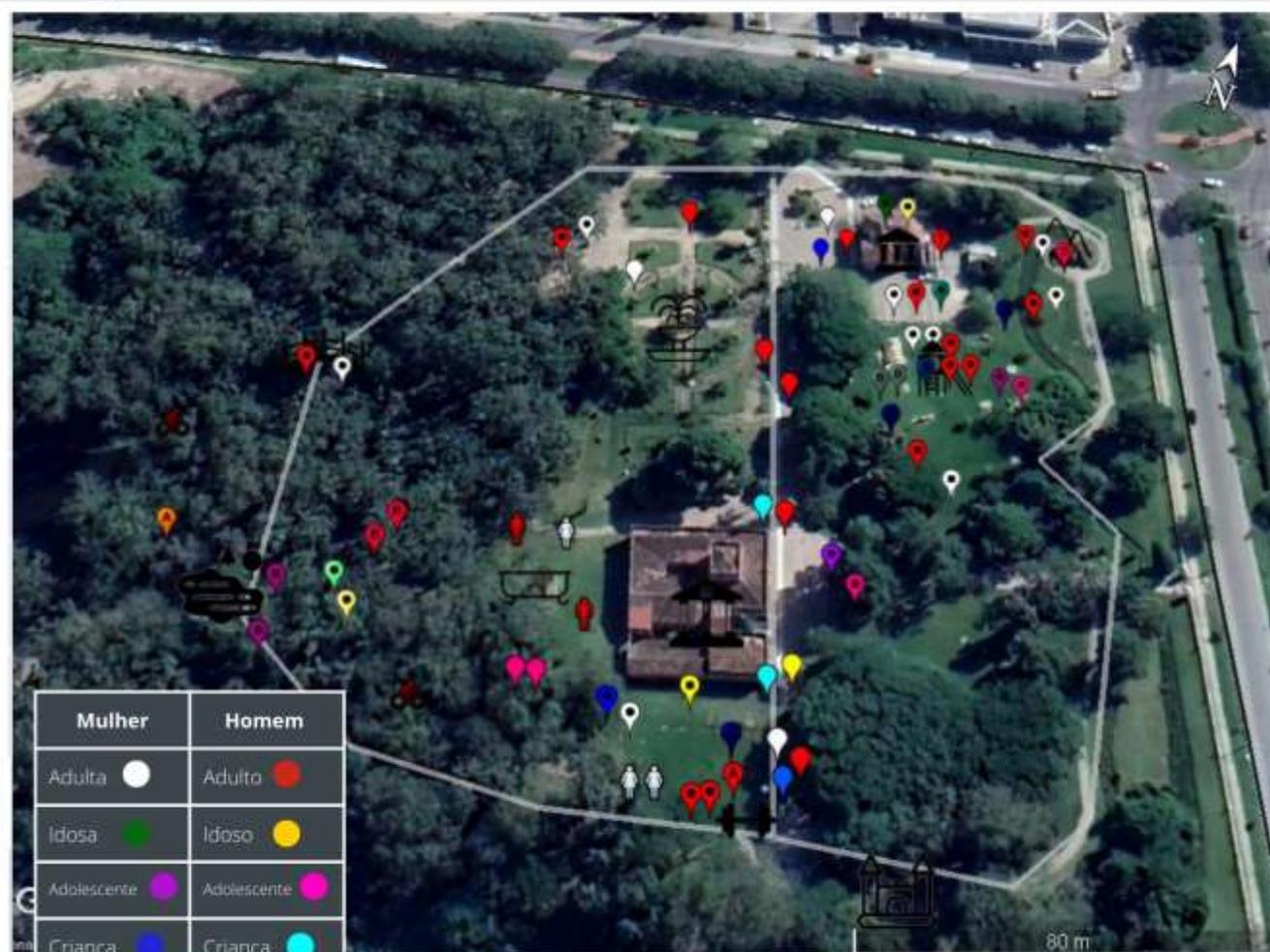
Caminhando	
Correndo	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Trabalhando	



APÊNDICE G – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 3 DE MARÇO, ÀS 16 HORAS

Mapa comportamental dia 03/3. 16 horas

Caminhando	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Em pé no lugar	
Brincando	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Usuários dentro da gruta	
Deitado no chão	



APÊNDICE H – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 4 DE MARÇO, ÀS 16 HORAS

Mapa comportamental dia 04/03. 16 horas

Caminhando	
Correndo	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Fotografando ou sendo fotografado	
Em pé no lugar	
Brincando	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Viatura policial	



APÊNDICE I – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 9 DE ABRIL, ÀS 16 HORAS

Mapa comportamental dia 09/04. 16 horas



APÊNDICE J – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 24 DE ABRIL, ÀS 16 HORAS

Mapa comportamental dia 24/4. 16 horas



APÊNDICE L – MAPA COMPORTAMENTAL DO DIA 10 DE MARÇO, ÀS 18 HORAS

Mapa comportamental dia 10/3. 18 horas

Caminhando	
Correndo	
Sentado no chão	
Sentado em um banco ou cadeira	
Malhando/ usando aparelhos da academia	
Usuário dentro da gruta	

